NO SUPLEMENTO LITERÁRIO: «SALGA(RI)LHADA», por Alexandre O'Neill

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 27 DE FEVEREIRO DE 1969 N.º 16 591 ANO 48.º UM ESCUDO

ESPECTACULAR SORTEIO DE 20 AUTOMÓVEIS OPEL

PHILIPS

TRIUNFO DA TÉCNICA

NIXON EM BERLIM

Kiesinger e Brandt acompanham o presidente

O embaixador israelita em Washington, Vitzhak Rabin, numa entrevista concedida á Televisão, exprimiu o seu cepticismo quanto á possibilidade de se obter a paz no Médio Oriente por intermédio dos esforços dos «quatro grandes».

BERLIM OCIDENTAL, 27 — (R.) — O presidente Nixon chegou hoje de avião a esta cidade para proclamar novamente a determinação do seu país em manter a liberdade desta cidade isolada e profundamente encravado em território comunista.

No avião presidencial viajaram o chanceler Kiesinger e o ministro dos Estrangeiros Willy Brandt.

A chegada do avião encontravam-se no aeroporto, em formação de parada, 3000 soldados americanos, que constituem metade do contingente americano estacionado em Berlim.

HOJE 32 PAGINAS
VISADO
PELA CENSURA

A bordo do avião presidencial vinha também o secretário de Estado americano William P. Rogers.

No aeroporto via-se grande multidão que acenava com as mãos e agitava um mar de bandeiras americanas e alemãs.

Os aplausos atingiram o auge quando Nixon desceu

(Continua na 10.ª página)

ALGURES NO MUNDO

Um repórter do «Diário de Lisboa»

A ARGENTINA é o segundo país, em importância, da América do Sul. Impunha-se, por isso, que o nosso repórter, que recentemente percorreu parcialmente aquele continente, auscultasse a vida da grande nação latino-americana. Não se poupando a esforços, uma vez mais, para bem servir os seus leitores e informá-los segundo uma óptica portuguesa, o «Diário de Lisboa» publica, a partir de amanhã, o primeiro de dois artigos que o seu enviado especial escreveu após a necessária permanência no país das pampas.

A morte de Eshkol atenua no Cairo o receio de ataque

CAIRO, 27 — (A. N. I.) — A morte do primeiro-ministro israelita Levi Eshkol parece ter atenuado no Cairo os receios de um ataque de Israel, tal como aconteceu na Síria — afirma-se em círculos bem informados da capital egípcia.

(Continua na 18.ª página)

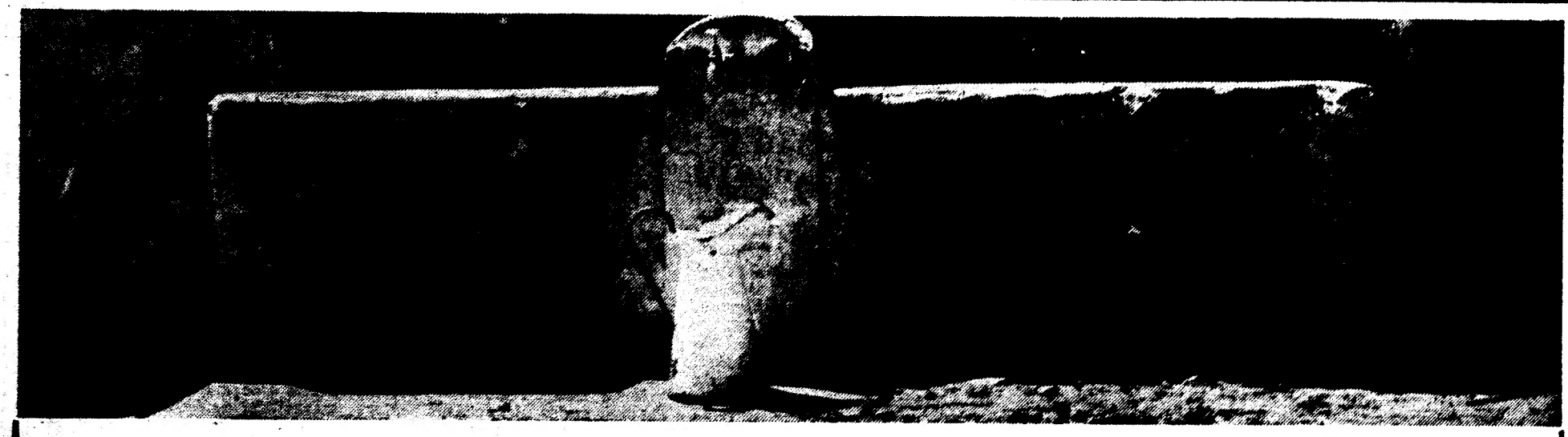
GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE

O ANÚNCIO É QUE MANDA

COMO SE PREVIA, a iniciativa de promover de novo o Grande Prémio de Publicidade teve a maior repercussão, não apenas entre o numeroso grupo dos que se dedicam a uma regular actividade publicitária (na sua maior parte artistas plásticos), como, do mesmo modo, entre o público em geral. É que o ANÚNCIO é uma realidade diária, quer nas páginas de um jornal, quer nos outros meios de informação divulgadora e esclarecida.

Pois, para todos, vem aí o «GRANDE PRÉMIO DE PUBLI-

(Continua na pág. seguinte)



BRANDOA

CIDADE CLANDESTINA ÀS PORTAS DE LISBOA

Fica a poucos minutos de Benfica o maior «deserto urbano» da periferia da capital. Na Brandoa falta a água e a luz, mas a sua população é já hoje, superior à de várias capitais de distrito. (LER NA PÁGINA CENTRAL)

O AVISO PRÉVIO EM DEFESA DAS PESSOAS IDOSAS

TERMINOU NA ASSEMBLEIA NACIONAL

Ao fim de vinte intervenções, em que usaram da palavra dezoito deputados, terminou, hoje, na Assembleia Nacional, o debate do aviso prévio do sr. dr. Agostinho Cardoso, propondo uma «política de velhice». Problema social de grande oportunidade, deu motivo a intervenção de diverso estilo. Uns encararam a defesa das pessoas idosas como dever moral, outros como imperativo de consciência, outros como acto de cristandade e, ainda outros, como realidade biológica. De todos os modos, não houve discordâncias fundamentais: protejam-se os velhos, pois claro!

O primeiro orador a usar da palavra na ordem do dia foi o sr. dr. Veiga de Macedo. Era a continuação da intervenção que fizera dias antes, analisando, desta vez, o problema do alojamento das pessoas idosas. O grande mérito das intervenções deste antigo ministro está em que encarou fundamentalmente o caso da protecção á velhice como um dever do Estado — e não como assunto entregue aos acasos da bondade e da caridade. Citou exemplos estrangeiros e nacionais, falou de casas de repouso para trabalhadores idosos — sempre no domínio das organizações da Previdência. Fez várias sugestões de interesse e terminou:

«Só esta palavra mais para dizer, a concluir, que juventude e velhice — duas faces da mesma realidade, dois momentos da mesma vida —, exigem, para além das características e peculiaridades próprias, uma política que não separe ou destrua aquela admirável e transcendente unidade de origem e destino que se chama Homem. Política da velhice... e também política da juventude! Sem dúvida, mas feitas, no espírito e nas finalidades ultimas, uma só, verdadeiramente uma só política: — a da dignificação da pessoa humana.»

«Conclusões dignas de serem consideradas pelo Governo»

Encerrando o debate, o deputado avisante, dr. Agostinho Cardoso começou por acentuar:

«As valiosas intervenções realizadas nesta tribuna insistiram nas linhas mestras da política de velhice a preconizar e nos elementos básicos da protecção á pessoa idosa a estabelecer, analisaram e documentaram os diversos capítulos da complexa problemática enumerada, iluminando, assim, a pertinência e a flagrante actualidade do objectivo. Parece, assim, ser legítimo concluir que o conjunto das 20 intervenções que formam o recheio do aviso prévio, constitue argumento válido acerca da importancia do problema posto e atinge conclusões dignas de serem cosideradas pelo Governo».

O orador agradeceu, depois, aos jornalistas da tribuna da Imprensa o interesse que manifestaram pelo assunto do seu aviso prévio e analisou, a seguir, os argumentos essenciais dos seus colegas que participaram no debate.

E, antes de mandar para a mesa a moção que iria ser aprovada por unanimidade, o deputado avisante terminou como começara, ao apresentar o seu aviso prévio:

«É tempo de consciencializar o País acerca da problemática da gente da terceira idade... cuidar da profilaxia da velhice e sua invalidez; da recuperação tantas vezes possível dessa invalidez... Há que fazê-la viver com paz, segurança e dignidade... longe dos seus inimigos: a solidão, a inactividade, a dependência económica ou a miséria. Os velhos, repito, os velhos não têm tempo para esperar, porque têm pouco tempo para viver.»

Deficiências dos caminhos-de-ferro no distrito de Aveiro

Antes da ordem do dia, o deputado dr. Artur Alves Moreira começou por se congratular com o facto de ter sido assinado o contrato da renovação da linha férrea metropolitana que custará mais de dois milhões e meio de contos e deverá estar concluída em 1975.

Referiu-se, depois, á «situação gritante» que representa a manutenção do traçado ferroviário na travessia de Espinho — assunto levantado há tantos anos e nunca resolvido.

Lamentou, depois, que o plano de renovação da rede ferroviária nem sequer se refira ao traçado da linha do Vale de Vouga, «a merecer particular atenção quanto á sua renovação, senão mesmo quanto á sua total substituição», e que considerou um anacronismo.

Por último, aludiu ainda ao facto de a cidade de Aveiro ser atravessada pela via férrea na sua mais importante área urbana o que está a causar «as maiores dificuldades quanto ás penetrações na cidade por meio de vias rodoviárias».

E exemplificou: no traçado urbano da linha ferroviária existem cinco passagens de nível e mais sete na linha do Vale do Vouga! Terminou pedindo ao Ministério das Comunicações o estudo programado das obras indispensáveis para a eliminação de tais estorvos e perigos, resultantes das passagens de nível.

FIM DE TARDE EM S. BENTO

★ A Assembleia Nacional iniciou ontem os seus trabalhos sob o signo da floresta. O deputado Duarte do Amaral atacou as chamas que devastam as matas, ou melhor, preconizou a organização de um serviço eficiente de combate aos incêndios nas florestas. E citou o exemplo da França: 2500 missões dos helicópteros de protecção civil e 700 operações de aviões-tanques, a transportar água. Por ano. É bonito!

★ *Por outro lado, o deputado Coelho Jordão defendeu o incremento do povoamento florestal. E disse ser altamente preocupante que a produção comece a ser inferior ao consumo. Disse tornar-se necessário que o programa de florestação previsto no Plano de Fomento se execute e se acelere. É caso para relembrar o mote da antiga festa da árvore: «ó escolas, semeai».*

★ O deputado Amaral Neto deu a nota exótica e perturbadora da sessão: há tarifas proteccionistas das pautas aduaneiras como obstáculo á importação de artigos considerados concorrentes a uma fabricação nacional... que não existe! E, como é óbvio, solicitou a atenção do ministro das Finanças para tal absurdo.

★ *Agradecendo as ultimas medidas do ministro da Educação Nacional relativas ao ensino liceal (estágio pago, etc.), o deputado Vaz Pires afirmou: «Foi agora dado, corajosamente, o primeiro grande passo no sentido de conquistar rapazes e raparigas para a carreira do professorado liceal».*

★ A ordem do dia... foram duas, isto é, comportou dois assuntos: a aprovação dos textos definitivos de três propostas de lei já aprovadas pela Câmara, e a continuação do debate do aviso prévio sobre a protecção á população idosa, em que intervieram quatro parlamentares.

★ *Na ordem do dia, além dos deputados Armando Cândido, Augusto Simões e Simeão Pinto de Mesquita, houve uma voz feminina, a deputada D. Maria de Lourdes Albuquerque. E esta voz feminina sugeriu, entre outras coisas, que entre 1 de Dezembro e 15 de Janeiro fosse obrigatório um selo de cinco tostões na correspondência, «a favor dos velhos do nosso País». Se a sugestão fosse aceite, ia diminuir muito a venda de cromos...*

BEST: MIL CONTOS PARA DESENHAR FATOS PARA HOMEM

MANCHESTER, 27 — (A. N. I.) — «Algumas pessoas pensam que eu sou um dos melhores jogadores de futebol do mundo, mas não me sentirei feliz enquanto essa não for a opinião de toda a gente» — declarou Georgie Best, o «terrível» avançado do Manchester United, que aos 22 anos é o mais famoso futebolista britânico da actualidade.

Best revelou o seu «jeito» para o futebol aos quinze anos, quando veio de Belfast (Irlanda do Norte) fazer uma experiência no United. Alinhou contra o primeiro *team* e fez um golo numa jogada tão estonteante de rapidez e precisão que o técnico Jimmy Murphy não pôde esconder o seu entusiasmo: «Temos um génio».

O «beatle» do futebol — ou o atleta «pop», como outros lhe chamam — explica:

«É uma questão de sorte ter este talento para o futebol. Nasce connosco, não se fabrica»

O «relampago» do Manchester United tornou-se profissional aos dezassete anos e já tem lugar no museu das figuras de cera de madame Tussaud, em Londres, ao lado de Henrique VIII, Jack o Estripador e Winston Churchill.

Solteiro, recebe umas 500 cartas amorosas por ano. É dono de duas «boutiques» e ainda não há muitos dias assinou um contrato de mais de mil contos para desenhar fatos de homem. Ganha quase outro tanto por ano como futebolista — soma rara para um «ás» do «Soccer» britânico.

O Manchester United nem por sombras pensa em largar Georgie Best, mas se o fizesse — afirma quem o sabe — não cobraria pela transferência menos de um milhão de dólares (28 500 contos).

BANCO DO ALENTEJO
também no ESTORIL

DE ONTEM PARA HOJE

«O ENSINO É O DIÁLOGO»

«O ensino é o diálogo, por excelência». Disse-o ontem o sr. ministro da Educação Nacional e ninguém deixará de concordar com ele. Com efeito para ensinar é preciso auscultar o espírito do aluno, conhecê-lo e adaptar-se ás suas reacções. Tem que se deixar reagir e observar as suas reacções e ver também quais as suas aspirações para ir ao encontro delas. São outras tantas formas de diálogo, as regras mais elementares do diálogo. E é ensinando que muito se aprende, não tenham dúvida. É que a instrução não se impõe. Comunica-se. E a educação também. E, nos casos em que se procura impor, a reacção dos alunos é em geral contrária, exactamente porque falteu o diálogo por excelência, porque o ensino não obedece ás regras elementares das relações entre quem ensina e quem aprende. Bem disse o sr. dr. José Hermano Saraiva que «ensinar é uma forma de amar». Era o clima de bem ensino E o sr. ministro da Educação suscitou outro problema qual «seria o de saber até que ponto esse clima espiritual é ainda possível nos nossos dias». Não será possível na medida em que o ensino faltar ás regras do diálogo, leal, sincero. E o sr. ministro da Educação continuou: «Dir-se muito que estamos no tempo do diálogo. Sem dúvida o ensino e o diálogo por excelência — o diálogo naquele puro sentido que o génio de Platão conferiu á palavra: «dia-logos», o discurso a duas vozes, a demanda solidária do Graal da verdade, a convergência do pensamento, unido na mesma aspiração, na procura de um resultado que se sabe que só se poderá atingir em comum, e cujo critério de verdade está precisamente na sua aceitação comum. Bem diferente é o sentido que hoje se dá ao termo. Na base do diálogo que se reclama não está o amor mas o conflito. Propõe-se o diálogo como forma de resolução de oposições, ou simplesmente como via para estabelecer compromissos. Diz-se dialogar quando apenas se quer dizer discutir. Não esqueçamos nunca que discutir é, de facto, dialogar, trocar impressões, aferir as nossas opiniões pelas dos outros; e isso é sem dúvida elemento primordial da tarefa dos mestres: levar os alunos a dialogar, a saber discutir. É velho e relho que da discussão nasce a luz. E teve razão o sr. ministro da Educação Nacional ao lembrá-lo na comemoração do meio século do Liceu Nacional Infanta D. Maria, ontem celebrado em Coimbra.

IMPRENSA NACIONAL

O sr. ministro do Interior foi ontem a Belém, acompanhar o administrador da Imprensa Nacional, dr Higino Borges de Meneses. Foram á Presidência da República oferecer a medalha comemorativa do 8.º centenário daquele departamento de Estado. A comissão era ainda constituída pelos srs. António Peres, chefe da secretaria; António Pereira da Costa Júnior, chefe dos serviços industriais; Américo Matias Aguiar, subchefe das oficinas gráficas; Luís de Carvalho, mestre da escola de composição; Ramiro Farinha, chefe do armazém de materiais e secretário da comissão organizadora das comemorações; Luís Bento Gonçalves, chefe da gravura; Duarte Júlio Seixas, chefe da litografia; Joaquim Pedro Santos Júnior, chefe da impressão; Augusto Ruas, chefe da encadernação; Fernando Matos, chefe do depósito de publicações e impressos; e José Nunes Trancoso, chefe da fundição de tipos; e ainda a bibliotecária sr.ª dr.ª D. Maria Paula.

PALÁCIO DE BELÉM

O sr. Presidente da República recebeu os srs. dr. Correia de Oliveira, ministro da Economia; José Vicente de Abreu, deputado pelo círculo de Portalegre; general Fernando Louro de Sousa, comandante da 3.ª Região Militar (Évora); Mário Vieira, director do jornal «A Voz de Portugal», de Caracas; dr. Fernando Araújo Barros; Luís C. Lupi, e inspector Leitão Bernardino, da Polícia Internacional, e, ainda, os componentes da junta directiva do Clube de Futebol «Os Belenenses».

VISITEM A ÁFRICA PORTUGUESA

O sr. ministro da Defesa Nacional recebeu ontem os adidos militares, aeronáuticos e navais das embaixadas acreditadas em Lisboa, recentemente regressado da Guiné. Disse o general Sá Viana Rebelo: «Nós procuramos não pôr obstáculos, antes pelo contrário ás vossas tarefas, e proporcionando-lhes as visitas que desejam aos nossos serviços e unidades quer na Metrópole quer no Ultramar. Especialmente quanto á África Portuguesa, temos satisfação que a visitem e a compreendam, em tudo o que tem de diferente do resto do Mundo, e ainda quanto á nossa luta contra a subversão, dirigida do estrangeiro por forças bem conhecidas.»

GRANDE PRÉMIO DE PUBLICIDADE

(Continuação da pág. anterior)

CIDADE» e, até que o júri escolha os melhores, bem se pode dizer, como ontem se escreveu, O ANÚNCIO É QUE MANDA.

Ao repetir a iniciativa do «Grande Prémio de Publicidade», o «DIÁRIO DE LISBOA» recorda as palavras publicadas a propósito do ano passado, esclarecendo que «não se esquece que o estímulo resultante da atribuição deste grande prémio virá a beneficiar grâficamente os jornais de cuja estrutura os anúncios são hoje elementos insubstituíveis.»

Isto quer dizer que, ao mesmo tempo, se procura dar dignidade e trazer ao plano que lhe compete toda a actividade criativa e divulgadora, assim como, em relação ao próprio jornal, contribuir para que a inclusão de publicidade tome aspectos atractivos, se não mesmo educacionais, junto do público em geral.

Deste modo, resulta (desde logo) um maior alcance, um maior poder, uma maior sugestão no campo publicitário; e, doutro modo, uma nova, moderna e eficaz conquista no horizonte artístico de uma actividade que, no esforço diário, se valoriza, se dignifica e se renova.

Há, pois, na base deste concurso promovido pelo «Diário de Lisboa», a intenção de premiar a qualidade e, logo depois, abrir caminho a um estímulo renovador de processos e mesmo de finalidades.

O ANÚNCIO É QUE MANDA e não é de mais dizer que certas maravilhas de invenção, que diàriamente se publicam com intenções publicitárias, deixam nas páginas dos jornais um rasto de beleza que só um «Grande Prémio» pode conduzir para além da vida breve de um anúncio na página duma publicação.

Os investigadores soviéticos produzem menos que os americanos

por PHILIPPE SIMONNOT

A UNIÃO SOVIÉTICA conta indubitàvelmente com mais de 2,5 milhões de engenheiros, como os Estados Unidos. Gasta na investigação 3% do seu produto nacional bruto — como os Estados Unidos. No entanto, os russos reconhecem por si mesmos que a produtividade dos seus investigadores é inferior em metade à dos seus colegas americanos e que os suas invenções levam duas vezes mais tempo a ser aplicadas. Como explicar estas vicissitudes da inovação num país que desejaria estar na vanguarda da ciência e da técnica?

Os especialistas da Organização de Cooperação e Desenvolvimento Económico consagraram um relatório de 750 páginas a este problema. Procuraram em especial descrever os obstáculos que se opõem à inovação técnica na U. R. S. S.; a separação rígida que existe entre, por um lado, os organismos de pesquisa e, por outro, as empresas de produção, sendo dada prioridade à investigação pura sobre a aplicada, a falta de interesse do inventor pelas necessidades da indústria, a inibição conservadora do chefe de empresa soviético que procura em primeiro lugar, e antes de mais nada, seguir e, se possível, ultrapassar, um plano de produção que qualquer inovação faria correr o risco de perturbar — e, de facto, toda a inovação provoca obrigatòriamente uma ruptura de organização — a falta de coordenação entre os pesquisadores da Academia e os dos ministérios industriais, entre estes e os universitários, trabalhando de resto cada uma destas categorias em ordem dispersa.

Ao ler este relatório, tem-se a curiosa impressão de reencontrar todos os efeitos da investigação científica francesa, mas consideràvelmente ampliados. Como escreve o relator da O. C. D. E., «*a incorporação dum produto ou dum processo de produção novo num plano centralizado de tipo soviético é extremamente difícil, tanto mais que a economia ganha em complexidade e que o progresso técnico não pode mais ser a adaptação duma tecnologia alheia, mas deve tomar cada vez mais a sua origem no próprio interior do sistema*».

Certamente, estes obstáculos puderam por vezes ser contornados graças a certos inventores de génio, como esse Jakovlev, desenhador de aviões, que engendrou a série que tem o seu nome, devido também ao «*entusiasmo do público*» por tudo que respeita á tecnologia e á ciência e que lhe faz «*participar voluntàriamente*» no processo de inovação, exigindo em especial uma inspecção aberta e anual dos planos de investigação. Por outro lado, os soviéticos mostraram que, em alguns sectores prioritários (espaço, defesa, energia), eram capazes de levar a bom termo, e rápidamente, um empreendimento completo, que vá da investigação á sua aplicação.

Mas para estes êxitos espectaculares, quantos malogros! A Imprensa soviética queixou-se inúmeras vezes que ideias nascidas na Rússia tenham sido comercialmente exploradas por outros países, ou que tivessem sido aplicadas no seu país de origem depois de se saber que americanos, britânicos ou alemães haviam já tirado delas proveito. O relatório da O. C. D. E. dá como exemplo, a este respeito, certas concepções de automóveis e de calculadores. E este último caso é de facto flagrante.

A anarquia da informática

Segundo a hipótese mais optimista, o número de calculadores electrónicos na U. R. S. S. seria de oito mil em 1970. «*Tratar-se-ia de um parque interno de metade aproximadamente daquele que as previsões concedem na Europa Ocidental para o mesmo ano, e sete vezes inferior ao dos Estados Unidos*», escreve Hervé Gicquiau num artigo do «Correio dos Países de Leste» de Janeiro, consagrado á «informação na U. R. S. S.». Este atraso, que também é de ordem qualitativa, é tanto mais de notar quanto o regime económico russo necessita de uma perfeita circulação da informação da empresa ao «Gosplan» e do «Gosplan» á empresa, e que se poderia pensar que o investimento em informática teria ali ocupado rápidamente um lugar de categoria.

DE «LE MONDE» em exclusivo para o «DIÁRIO DE LISBOA»

Ora, segundo Gicquiau, «*foram necessárias as grandes realizações espaciais para fazer tomar consciência aos dirigentes da importância das técnicas de cálculo electrónico*». E parece que esta tomada de consciência não se concretizou ainda num «plano de cálculo». «*A grande Imprensa faz-se eco das queixas dos especialistas que se lamentam da ausência de coordenação, a todos os escalões, na construção industrial e na utilização do material de cálculo electrónico*», escreve o nosso autor, que vai ao ponto de falar de «*uma certa anarquia que se manifesta, por um lado, pela inutilidade de grande número de centros de cálculo, os duplos empregos, a insuficiência da exploração, e, pelo outro lado, com a impossibilidade de satisfazer a procura*».

Uma questão de amor-próprio

O divertido é que a moda electrónica que assolou uma e outra parte do Atlantico e da Mancha atravessou, segundo parece, sem dificuldade, a cortina de ferro. Gicquiau verifica uma paixão pelas novas técnicas de cálculo e acrescenta: «*A posse de uma calculadora é frequentemente motivada por uma reacção de amor-próprio: a promoção da empresa passa pela criação daquilo que se baptiza pomposamente de «centro de cálculo». Amiude a própria Imprensa é informada*». Como se vê, o gosto do prestígio parece inerente á psicologia do empresário, seja qual for o regime em que vive. O construtor de máquinas de calcular não foge a esta re-

(Continua na pág. seguinte)

CAVALHEIROS E BÁRBAROS

Conta uma revista francesa o episódio incrível de que, aquando do «raid» israelita a Beirute de 28 de Dezembro passado, um sargento judeu, enquanto os seus colegas dinamitavam os treze aviões árabes que haveriam pouco depois de explodir na pista, se dirigiu ao bar do enorme aeroporto e pediu que lhe servissem um café. Este foi-lhe, de facto, servido e o insólito cliente pagou com uma libra israelita, a qual autografou a pedido do «barman». A história não acaba aqui — a nota rubricada foi vendida (por bom preço) a um turista alemão de visita a Beirute, que, por sua vez, a transaccionou em Tel-Aviv, para onde viajou em seguida, por uma soma naturalmente ainda superior. Hoje, o referido papel, já histórico, está exposto numa vitrina algures na grande cidade israelita. Grande é a sensação que, ao que parece, o evento suscita na população do Estado judeu.

No meio da guerrilha, da morte, das retaliações, desalojados, manifestações, julgamentos, espionagem — tensão, em suma — que últimamente tiveram um notável crescimento na área, este pormenor picaro dir-se-ia um oásis de diletantismo, uma gota de «civilização» em meio dos escombros e do caos. Um indício espectacular de tecnicismo e de eficácia militaro-mundana dos vencedores de Junho de 67, que faz pensar que dentro em pouco poderemos comprar nos quiosques da «Baixa» postais ilustrados «made in Israel» em que se verão soldados de Dayan a posar junto á pirâmide de Giseh, faces queimadas pelo sol africano, a boina levemente descaída para a testa (á Montgomery), as espingardas pacatamente colocadas a tiracolo, luzindo coruscantemente, como que a desmentir o aforismo que ensina que em tempo de guerra não se limpam armas... Ao mesmo tempo que companheiros seus fazem saltar linhas férreas, oleodutos, hospitais e fábricas — o que os postais não mostrarão, mas as actualidades cinematográficas francesas nos proporcionarão em cinemascope e a cores, enquanto o locutor diz com voz monocórdica que «a situação no Médio Oriente se torna mais explosiva de dia para dia».

E veremos na televisão concursos de beleza em que as vedetas serão as mulheres-soldados judias, com os seus equipamentos corte Dior, culminando com a escolha apoteótica de «miss Exército israelita», a escultural sargenta Raquel qualquer coisa, a qual (dirão as agências informativas, sempre actualizadas) não só é bela mas valorosa: uma semana antes da coroação dirigira o dispersamento de uma manifestação de mulheres árabes em Gaza, que protestavam contra uma recente prisão maciça de suspeitos. Tendo até, por sinal, prendido duas das mais perigosas militantes com as suas próprias e delicadas mãos.

E veremos, talvez, nascer um «jamesbondismo» israelita, de que o herói será um tal Abraão (donde a voga de abraaismo que grassará entre a juventude ocidental, desde a moda das calças até ao nariz adunco, que passará a ser considerado requintadamente sensual pelas adolescentes), que desmantelará de forma esmagadora as sinistras redes de guerrilheiros e espiões palestinianos e árabes, respectivamente. Com um olho tapado, é claro, e assobiando sempre com desplicência uma melodia do casal Ofarim. Os seus livros de cabeceira serão sempre de Leon Uris. Nos momentos de descanso da caça ao árabe, gozará bucólicas férias no «kibutz»-modelo dos país que, evidentemente, passaram pelos campos de concentração nazis, e compartilham irmãmente o leite e o mel que jorram na sua granja com os outros adoradores de Jeová que os ajudaram há vinte anos a instalarem-se ali — não se explica como, está bem de ver.

Ah, como a guerra até é suportável quando conduzida por «gentlemen»... E como é lamentável que haja uns desmancha-prazeres que teimem deselegantemente em não lavar as mãos antes de atirarem bombas...

SEBASTIÃO REGO

Nota do dia

A ANEDOTA E A REALIDADE

COSTUMAVA CERTO AMIGO NOSSO contar a sua aventura, vai em mais de meio século, de como ele resumia, em pleno exercício escolar, a sua interpretação catastrófica da História de Portugal, a começar no episódio da batalha de S. Mamede, vista na perspectiva de lancinante cena familiar, até à aventura, gloriosa certamente, mas aventura das descobertas, na sua síntese interpretada como uma espécie de jogo da lotaria em que aos nossos ousados e pertinazes mareantes por duas vezes saira o benefício da «taluda». E, daí, vá de concluir, pessimista: «Mas agora, que se acabaram as Índias e os Brasis, que mais é que nos espera a nós?» A verdade é que o mal disposto crítico viveu ainda o tempo bastante para esfregar os olhos de perplexidade: «Quem nos diria a nós que, trinta anos depois, ainda nos havia de «sair» a Fundação Gulbenkian!»

A anedota resume, no traço grosso da caricatura, a grande realidade que a Fundação Gulbenkian representa hoje na vida portuguesa, tão difícil, poderá mesmo dizer-se tão impossível de esquecer ou de ignorar quanto é certo que não se dão dois passos para qualquer lado que se não tropece em algum degrau erguido pela Fundação. Ao fim de uma dúzia de anos de actividade, esses sucessivos programas de realizações constituem um património de valor quase incalculável posto ao serviço da nossa própria comunidade.

Através de um esquema que é sempre o mesmo (assente sobre as quatro ideias mestras da Educação, das Artes, das Ciências e da Beneficência) que não é arbitrário pois resulta dos seus Estatutos como estes resultam do próprio testamento do seu benemérito Fundador, a obra da Fundação é toda ela afinal, inspirada principalmente em objectivos educacionais, mesmo quando seja ensinar às pessoas que se pode ser menos pobre e se pode viver melhor. Mas ensinar a ler os que aprenderam as letras não será, como se faz com esse poderoso instrumento de cultura que são as Bibliotecas Itinerantes, na extraordinária obra educativa?

E todo este conjunto harmonioso: os livros à mão de toda a gente (milhão e meio de leitores num ano!), as edições especiais para estudantes, os grandes concertos musicais ao alcance do grande público, as exposições de arte de grande nível: educar, educar, educar. Quem dá por isso? As bolsas de estudo, no País e no estrangeiro, quem dá por isso? Deram por isso 1230 estudantes em quem se aplicaram mais de 16 mil contos. E havemos de dar por isso, mesmo sem dar por isso, todos os que recebermos por ricochete o reflexo de um nível geral de cultura cuja subida constantemente se impulsiona.

Os tempos são outros e o mundo não pára. Mas o estudante de hoje não chega a ser capaz de entender o que foi a vida de estudantes dos homens que hoje estão na primeira fila da idade das responsabilidades da nossa vida. Não sabem, por ventura, o que foram as dificuldades que foi preciso vencer. Um jovem estudante que chegasse brilhante ao fim da sua Universidade, com condições para se doutorar e ir por aí fora, quem lhe pagava a tese? Hoje, só a Fundação faz o que se sabe. E há outras fontes, sem omitir as públicas. O que há de profundo na obra da Fundação é o seu pioneirismo, é ir à frente, é estimular o meio, é oferecer a toda a gente pelo menos uma esperança, pois que mesmo aqueles que lhe não chegam a bater à pórta sabem, ao menos, que existe essa porta onde há possibilidade de bater.

BANCO DO ALENTEJO
também no ESTORIL

TAPETES
Carpélio
Élio Amorim & Filho, Lda.
PORTO — LISBOA
CARPETES

PORQUE RENUNCIOU JOHNSON

por Richard Harwood e Laurence Stern

(Exclusivo «Los Angeles Times» «Washington Post» — «Diário de Lisboa»)

Johnson e Eugene . . (á direita) o vice-presidente cuja posição nunca foi muito clara

WASHINGTON — a 16 de Março de 1968 — Quatro semanas após as eleições primárias do New Hampshire — o senador Robert Kennedy anunciava a sua candidatura à Casa Branca.

Neste momento, era evidente no Wisconsin, senão em todo o país, que a vaga de oposição contra o Presidente e a sua política vietnamiana rebentara irresistivelmente.

Os assistentes de McCarthy, em Madison e Milwaukee — verdadeiros amadores, todos eles — estavam tão envaidecidos que se ofereceram a Kennedy, mas só para colar enveloppes, nada mais. O dinheiro para a campanha chegava a jorros. Havia tantos voluntários para McCarthy que ninguém sabia o que lhes havia de fazer.

Por outras palavras, os McCarthystas estavam eufóricos. Kennedy também o estava apenas 48 horas depois de ter feito o seu acto de candidatura.

Na sua primeira viagem eleitoral foi acolhido pela maior multidão reunida até esse momento, por razões políticas, na história do Kansas — 15 000 pessoas na Universidade do estado do Kansas, 17 000 na Universidade de Lawrence. A multidão rasgou-lhe o fato, estorvou o andamento do carro, ficou afónica á força de o aclamar e, acima de tudo, correspondeu á sua denuncia da guerra do Vietnam e aos seus mordazes ataques contra o Presidente.

O Presidente Johnson não manifestava, por nenhum sinal exterior, que se sentia abalado pela ofensiva do Tet ou com os acontecimentos políticos internos. Em público, como na intimidade, continuava a justificar a sua política externa, a minimisar as suas dificuldades no interior. Mas numa declaração reveladora, feita a 18 de Março, numa reunião privada, proferiu palavras, que vistas hoje retrospectivamente, parecem ser sintoma de que ele terá compreendido que a sua carreira política chegara ao fim.

«Tenho outras coisas com que me preocupar — duas filhas cujos maridos estão longe, uma mulher que quer plantar árvores. Há as primárias e as eleições, mas primeiro temos que nos ocupar do principal. Penso que todos vocês prefeririam que o Presidente desse atenção ás coisas mais importantes. A meu ver, as primárias, a Convenção e as eleições não são tão importantes como uma decisão capaz de provocar um alargamento da guerra. Não iremos alargar a guerra.»

Algumas horas depois desta declaração, na noite de 18 de Março, estavam reunidas num jantar na Casa Branca doze personalidades que tiveram um importante papel na política externa dos Estados Unidos:

— George Ball, antigo subsecretário de Estado;

— Artur Dean, um advogado republicano, de Nova York, que tinha sido negociador do Presidente Eisenhower, durante a guerra da Coreia;

— Dean Acheson, secretário de Estado do Presidente Truman;

— o general Ridgway, antigo presidente do Comité dos Chefes de Estado-Maior, e conselheiro do Presidente Kennedy para os Assuntos do Vietnam;

— Cyrus Vance, antigo secretário-adjunto de Defesa, a quem o Presidente Johnson confiava, de boa mente, as missões diplomáticas delicadas;

— McGeorge Bundy, antecessor de Walt Rostow no cargo de assistente especial dos presidentes Kennedy e Johnson para os Assuntos de Segurança Nacional;

— Douglas Dillon, secretário do Tesouro do Presidente Kennedy;

— o general Omar Bradley, antigo comandante da segunda guerra mundial;

— Robert Murphy, diplomata itinerante das administrações Roosevelt e Truman;

— Henry Cabot Lodge, antigo embaixador em Saigão;

— Abe Fortas, presidente do Supremo Tribunal, que se encontrava sempre ao lado do Presidente Johnson em período de dificuldades.

Todos os conselheiros do Presidente Johnson ali se encontravam igualmente — o secretário de Defesa Clark Clifford; o secretário de Estado, Dean Rusk; Rostow; o general Earle Wheeler, presidente do «Comité» dos Chefes do Estado-Maior; Richard Helms, director da C. I. A., e mais um certo numero de subsecretários e de altos funcionários menos importantes.

Durante o jantar, os doze *outsiders* — Ball, Vance, Acheson e outros — puseram questões muito preciosas aos *insiders* — Clifford, Rusk, Rostow... acerca da situação no Vietnam e os seus efeitos sobre a situação no interior dos Estados Unidos.

Os *insiders* foram dispensados mais tarde, e, á medida que a noite ia passando, os *outsiders* mandaram vir um outro grupo de altos funcionários, mais jovens, menos importantes, muito apreciados pelo seu julgamento das questões. Estavam presentes entre estes Philip Habib, um perito do departamento de Estado para as questões vietnamianas, George Carver, analista da C. I. A. e William Depuy, o especialista da contra-insurreição que trabalhava para o Estado-Maior.

Estes três altos funcionários de reduzida categoria política fizeram, segundo todas as versões, uma exposição de uma «franqueza» pouco habitual sobre a situação do Vietnam, marcada pelo pessimismo de Habib. Os «outsiders» ficaram impressionados com o relatório destes funcionários e particularmente com o de Habib. Carver e Depuy, sendo embora muito «francos» mostraram-se extremamente «aves de rapina» segundo fontes bem informadas.

A altas horas dessa noite de 18 de Março, os *outsiders* separaram-se. Voltaram a reunir-se na manhã seguinte, na Casa Branca, a fim de discutirem uns com os outros.

Rápidamente se tornou evidente que uma nova opinião se havia formado desde a sua ultima reunião quatro meses antes. Bundy, Acheson, Vance e Ball tinham-se convertido nitidamente em «pombas». Bradley, Lodge e Dillon, antigos «falcões» tinham adoptado uma posição de ambiguidade. Murphy e Fortas atinham-se ás suas posições «duras».

Algumas horas mais tarde, os pontos de vista dos *outsiders* foram comunicados ao presidente Johnson. Alguém sugeriu ao presidente que melhor seria tomar em consideração, nas suas próximas decisões, o impacto da guerra do Vietnam sobre as próximas eleições. A isso teria o presidente replicado: «É a ultima coisa capaz de me afectar».

Supõe-se agora que os conselhos contraditórios que recebeu, durante este almoço de 19 de Março, tiveram um papel crucial na modificação da sua política. Mas outras pressões se estavam a exercer.

Houve primeiro o pedido de reforços suplementares — 206 000 homens — formulado pelo general Westmoreland, a 9 de Março. Este pedido causou sobressaltos, pois, imediatamente a seguir á ofensiva do Tet, Westmoreland afirmara ao presidente e ao Pentágono que a ofensiva comunista seria esmagada em dois ou três dias. Não foi. Pelo contrário, a intensidade dos combates acentuou-se. Duzias de capitais de província foram atacadas. O inimigo fixara-se em Huê e noutras cidades.

Perante o aumento das perdas e a escalada dos combates, «Westy ficou em pânico», no dizer de um dos conselheiros da Casa Branca, e apresentou ao presidente um pedido de reforços «de panico».

Uma das pessoas mais chocadas com este pedido foi o novo secretário da Defesa Clark Clifford. Não tinha convicções firmes sobre a guerra quando sucedeu a McNamara, em fins de Janeiro, mas estava muito ao corrente das repetidas promessas dos comandantes militares locais, que afirmavam fazer o trabalho, sim, mas só se tivessem mais tropas, mais aviões e alguns biliões de dólares mais.

Estas promessas estavam ainda frescas no seu espírito quando se desencadeou a ofensiva do Tet — e quando Westmoreland pediu os seus reforços.

Foi neste momento que Clifford decidiu voltar a debruçar-se sériamente sobre a sua própria atitude para com a guerra, e sobre as consequências de tudo isto. Durante vários dias, em fins de Fevereiro e começos de Março, reexaminou quase ininterruptamente o problema vietnamiano e ao fim desse exame chegou ás seguintes conclusões:

1) A guerra não podia ser ganha militarmente se continuassem a observar-se as regras em vigor, que prescreviam, nomeadamente, a invasão do Vietnam do Norte;

2) Estas regras não podiam nem deviam ser alteradas devido ao perigo de alargar o conflito á China ou á U. R. S. S.;

3) A invasão dos «santuários» laociano e cambodjiano do inimigo iria também, inevitávelmente, alargar o conflito.

4) A unica atitude racional dos Estados Unidos seria tentarem libertar-se do compromisso no Vietnam, graças a um acordo militar com os norte-vietnamianos e a Frente Nacional de Libertação. E isso deveria ser feito de modo aceitável para os sul-vietnamianos.

Tendo chegado a estas conclusões, que, na sua totalidade, punham em causa as premissas anteriores da política americana no Vietnam — e especialmente as de Rusk, Rostow e dos chefes do Estado-Maior — Clifford deu início áquilo a que mais tarde chamaria de «luta, sem quartel, pelo espírito do presidente»

2 — O SIGNIFICADO DAS PRIMÁRIAS DE NEW HAMPSHIRE

Clark Clifford — a única atitude racional era a libertação do compromisso no Vietnam

A investigação na U. R. S. S.

(Continuação da pág. anterior)

gra. «*A composição e a variedade das calculadoras... confirmam a existência duma «concorrência das repartições». O construtor prepara os seus modelos sem se preocupar com as necessidades reais de cada utilizador.*»

Seria de resto necessário saber se a economia soviética no seu estado actual é capaz de absorver uma maior dose de electrónica. Nisto mais que noutro sector, nota-se uma grande insuficiência de pessoal qualificado. «*Em 1965*, diz-nos Giequiau, *só tinham sido formados 700 programadores; ora os pedidos destes especialistas, assim como de operadores e perfuradores, eram avaliados em 60 000 pessoas para o período do plano 1966-1970*», por outro lado, os serviços de pós-venda deixam fortemente a desejar. «*A Imprensa soviética faz-se eco de numerosas queixas por parte dos utilizadores... O contrôle da produção não está verdadeiramente organizado. O índice de fiabilidade na técnica do cálculo não satisfaz as exigências práticas... Contentam-se com apreciações tão simplistas como «fiabilidade satisfatória», «boa fiabilidade», fórmulas que, de maneira alguma podem substituir dados numéricos.*» Enfim, poder-se-ia pensar que o valor da escola matemática soviética permitiria a criação do «*software*» de alta qualidade. Nada disso acontece e chegou-se, segundo Gieqiulau, a uma mistura «babélica» das linguagens algébricas que diminui ainda mais a rentabilidade da utilização do material.

Tudo isto explica que este país que poderia estar no cume da informática tenha de comprar no estrangeiro numerosas máquinas electrónicas. A Inglaterra está há muitos anos sólidamente implantada neste mercado assim como nos outros países de leste. Os Estados Unidos e o Japão seguiram-lhe-ão, porque as suas necessidades são imensas e a electrónica soviética não lhes pode corresponder.

Os soviéticos procuram há alguns anos remediar esta desordem e estas inibições, primeiro tentando coordenar os diferentes esforços de pesquisa para, pelo menos, evitar os duplos empregos, e depois procurando juntar numa só organização a actividade pesquisa-aplicação e a actividade de produção; por exemplo, Elektrosida em Leninegrado, criando «complexos de pesquisa» como a «cidade académica» de Novosibirsk.

Esforçam-se também por pôr em concorrência num mesmo projecto diversos organismos para evitar situações de monopólio, que, no domínio da pesquisa-aplicação, se constituem com rapidez. Mas os russos parecem reconhecer, por si próprios, que estas reformas de ordem institucional são completamente insuficientes e que a chave do progresso técnico se encontra por um lado «*na confiança que se concede ao cálculo electrónico para servir de guia ás decisões que incidem na investigação e nos seus prolongamentos*», e por outro «*na disposição de estimulantes adequados tanto para as empresas como para os organismos de pesquisa e mesmo para os ministérios como os que empreendem inovações sem esperar ordens pormenorizadas do Centro.*»

Perigoso, o caminho por onde se metem os soviéticos? Conduziu as economias ocidentais aos desperdícios que se conhecem, devido em especial á velocidade cada vez maior com que as coisas se tornam obsoletas. Mas estes, afinal de contas, não serão preferíveis ao atoleiro de matéria cinzenta e á passividade de que sofre ainda a economia russa nos sectores essenciais ao bem-estar do cidadão? Não deixa de ser verdade que dos dois lados da cortina de ferro a função de inovações, de que depende o futuro, põe uma interrogação fundamental que está longe de ser resolvida. Como, sem a sujeitar, fazer-lhe servir o interesse colectivo?

PRIMEIRAS EXIBIÇÕES

• NO MUNDIAL

TITULO — «O doce corpo de Deborah».

REALIZADOR — Romolo Guerrieri.

INTÉRPRETES — Carroll Baker, Jean Sorel, George Hilton, Evelyn Stewart, Luigi Pistilli, Giuseppe Ravenna e Valentino Macchi.

A cinematografia do tipo «suspense», como pretende ser a película «O doce corpo de Deborah», carece, para além de um argumento que permita situações de intriga e inquietação, de um ritmo e sequência de acção indispensáveis a um bom acolhimento por parte do espectador.

Foram, no entanto, todos esses ingredientes que estiveram ausentes do filme realizado por Romolo Guerrieri, uma co-produção franco-italiana onde se repetem com impressionante regularidade, todos os truques habituais neste género de películas, desde as chamadas telefónicas com gravação de frases ameaçadoras até ao choque de viaturas evitado no ultimo instante.

Com efeito, só nas cenas finais é que a película ganha alguma emotividade. Até então em toda a história (será realmente uma história?) são frequentes as sequências de amor, algumas das quais, pretensamente evocativas da filmografia de Ingmar Bergman, mas infinitamente distantes da força de expressão que o criador de «Vertigem» e «Sonho de uma noite de Verão» transmite ás suas personagens. São imagens esbatidas e processos já desactualizados incapazes de impor uma vibratilidade emocional.

De resto, em toda a película o espectador apenas vê o «filme». Nunca o sente. As frequentes quebras de ritmo, a interrupção das sequências, além de uma exagerada utilização de grandes planos impedem-no de integrar-se, ainda que emocionalmente no enquadramento da acção, apreciando-a apenas á distância.

São evidentes os intuitos puramente comerciais do filme, que nem sequer são convenientemente explorados, jamais se tirando partido dos cenários naturais de uma Suíça «branca» de sempre agradáveis panorâmicas. Se tiver de buscar-se uma tese, também não será difícil encontrá-la: «o crime não compensa». Mas ela já é tão velha como o mundo e este anda ávido das sensações que provocam as novas teorias em qualquer campo que elas se desenvolvam.

Regista-se no entanto a agradável presença de Carroll Baker. Ela e só ela é que por vezes consegue criar, através de uma relativa força interpretativa, um certo clima nalgumas cenas. Quanto a Jean Sorel, cremos que acusa em extremo as concepções de «amore» que predominaram no neo-realismo italiano, o que não surpreende se considerarmos a origem transalpina do realizador.

Em complemento: Imagens de Portugal, «O pinguim e o lenhador» e Actualidades francesas.

E. V.

• NO AVIS

TITULO — «Roberto Carlos em ritmo de aventura».

PRODUÇAO — Brasileira.

REALIZAÇAO — Roberto Farias

INTERPRETES — Roberto Carlos, José Lewgoy, Reginaldo Farias e Rose Passini.

O «Help» e os outros filmes de Leaster começam a gerar subprodutos e essa subprodução, tal como o Almirante Gago Coutinho, já atravessou o Atlantico e chegou ao Brasil. Seria talvez a altura de saudarmos a sua chegada á nação-irmã com o luso-tropicalismo que convém. A incipiência da realização, a monotonia da banda musical, o cabotinismo de Roberto Carlos reduzem, porém, a farrapos as nossas boas intenções. Nem sequer é possivel augurar um êxito comercial a esta película.

Apenas é de desejar que o exemplo brasileiro não frutifique nestas terras lusitanas e que depois das «Sete Balas para Selma» não nos sejam ofertadas as «Setenta Canções para Madalena Iglésias». — *A. L. S.*

• NO ODEON

TÍTULO — «Viva Django».

REALIZADOR — Ferdinando Baldi.

INTÉRPRETES — Terence Hill, Horst Frank, Barbara Simon, George Easturan, etc.

Mais um «western» foi ontem estreado numa sala lisboeta, o que assinala a perenidade da rentabilidade de bilheteira deste género fílmico, verdadeira Fenix, ciclicamente renascida daquilo a que os céptico julgariam ser as cinzas, têm mudado os tempos, e os heróis, e os gostos, mas o cenário westerniano continua, desafiando imaginações e novidades. O «gangster» caponiano dos anos 30 e o agente secreto «á James Bond» dos anos 60 não conseguiram desbancá-lo, e é de prever que o mesmo insucesso venha a ser experimentado pelo «pioneiro espacial» dos anos 80, exímio exterminador de marcianos — versão sideral de todos os *maus* que a sétima arte tem, desde há oito décadas monocórdicamente estigmatizado, do pele-vermelha até ao espião soviético, passando pelo herói da 2.ª Guerra Mundial. Importante no seu cavalo e enquadrado por um cinturão repleto de «colts», o «cow-boy» resiste e resistirá a todas as investidas de modernização do herói. E será sempre uma boa receita para se exercitarem as qualidades (ou a falta destas) dos cineastas de todo o mundo — e não só já dos americanos...

Django é o «cow-boy» solitário que, vitima de um numeroso grupo de inimigos, acaba por se vingar de cada um, um de cada vez, metodicamente. Frio, eficiente, implacável, justo de uma maneira sevesa e irreversivel, Django castiga os seus inimigos. Fá-lo com a naturalidade de quem já executou este papel várias vezes (dantes com a face de Franco Nero, agora com a de Terence Hill), e o voltará certamente a desempenhar. Enquanto houver *maus* que mereçam duro castigo, Django e seus pares continuarão a ser os seus látegos. E nós os jurados complacentes deste julgamento repetido e (sempre?) novo. — S

«O Mercenário» no Cine-Clube Imagem

Hoje, ás 18 e 40, o Cine-Clube Imagem promove, no Jardim Cinema a exibição do filme «O Mercenário», de Damiano Damiani. Aceitam-se novos sócios á entrada da sessão

Hoje: 2 sessões, às 21 e 23 h.

TEATRO VILLARET — ADULTOS

VASCO MORGADO apresenta

EM 3.º MÊS
UM ÊXITO POPULAR

A PREGUIÇA

com

RAUL SOLNADO

e ainda

FERNANDA BORSATTI
ALINA VAZ
MÁRIO VACQUES
ANTÓNIO MONTEZ
DADID SILVA

UMA COMÉDIA QUE DISPÕE BEM

(Ter preguiça é algum mal?)

teatro MONUMENTAL

TEL. 555133 (ADULTOS)

2.º MÊS

HOJE às 21.45 h.

UM ESPECTACULO de

VASCO MORGADO

UMA FARSA DE GARGALHADA

com desempenho notável de

CAMILO d'OLIVEIRA
FLORBELA QUEIRÓS

nos protagonistas

CARLOS COELHO

CARMEN MENDES
YOLA * LINDA SILVA
ALDA PINTO
ALICE GARCIA

encenação de

SANTOS CARVALHO

maqueta de Lucio Estrela Santos

Sábados 2 sessões, 20.45 e 23 h.

CAPITÓLIO

Tel. 320379

HOJE, ÀS 21.45 H.

O grandioso êxito de Mrozek

«TANGO»

Um excepcional elenco a interpretar uma obra extraordinária

M/ 17 anos Tel. 320379

TRINDADE

— F N A T —

HOJE, às 21.45 (17 anos) o T.N.P., subs. pelo Fundo do Teatro, apresenta

SABINA FREIRE

de M. Teixeira Gomes

com Lourdes Norberto na protagonista

SABADO, tarde às 16 h.

TEATRO LAURA ALVES

Hoje não há espectáculo para descanso da Companhia

Amanhã, ás 21.45 h.

O JOVEM MENTIROSO

(Adultos)

ABC

ELAS É QUE SABEM

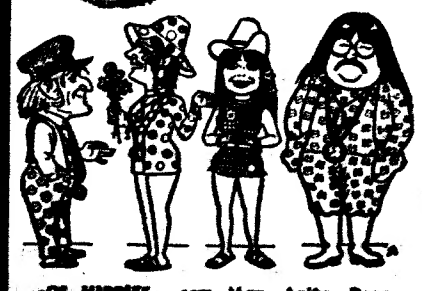
HOJE, ás 20.45 e 23 h

(ADULTOS)

(Adultos)

SÓ MAIS 4 DIAS! SÓ ATÉ DOMINGO!

• Vá rir ao MARIA VITÓRIA •



«OS HIPPIES», com Max, Anita, Dora e Vitor Mendes

E DESPEDIR-SE DA FAMOSA REVISTA

• GRANDE POETA É O ZÉ! •

ÀS 20.45 E ÀS 23 HORAS

• Prémio da Imprensa-1968

QUE SAI DE CENA PARA SE ESTREAR, NO PRÓXIMO DIA 4, NO TEATRO SÁ DA BANDEIRA DO PORTO

com os populares artistas

SALVADOR • JOSÉ VIANA • MARIEMA
MAX • ANITA • DORA • V. MENDES

e a notável atracção MAY AVRIL

DOMINGO ÚLTIMA «MATINÉE» ÀS 16 HORAS

No

TUTTI MUNDI

o seu carro tem lugar!

Enquanto faz as suas compras, almoça, janta ou toma chá deixe o seu carro ao nosso cuidado.

TUTTI MUNDI

tem uma garagem privativa

COM SERVIÇO

SHELL

ao seu dispor A PARTIR DE 1 DE MARÇO

TUTTI MUNDI

DRUGSTORE

Telefs. 714021/2/3/4

Esta é a primeira foto de Salomé, a representante de Espanha no Eurofestival da Canção, obtida já no cenário do Teatro Real (de Madrid). Entretanto, sabe-se que a composição «Vivo cantando» — que Salomé interpretará — vai submeter-se a uma espécie de «cirurgia estética musical» antes de surgir perante os jurados do Velho Continente. «Vivo cantando» tem uma introdução muito lenta, que contrasta com o ritmo vertiginoso do final. Falta-lhe, ainda, na opinião dos «técnicos», um estribilho com palavras: essencial para o público fixar a melodia. Assim, Augusto Algueró (em colaboração com os autores) vai novamente orquestrar a canção, desprezando-se diversas palavras para existir um mais fluente fundo melódico

ora diga-nos...

— Já foste atropelado alguma vez?

A pergunta foi feita a crianças. São tão irrequietas, tão descuidadas! Atravessam tão mal as ruas! Pois sim...

● *Maria da Nazaré Rodrigues França, aluna do 1.º ano liceal, disse-nos assim:*

— Não, nunca fui atropelada.

— Cuidadosa?

— Sempre.

— Sempre pelos passeios...?

— Às vezes também pela rua...

— Então...

● *Luís da Cunha Ferreira também nos desiludiu:*

— Não. Nunca fui atropelado. Ainda não aconteceu — e espero que não aconteça. Presto sempre toda a atenção aos automóveis.

● *A nossa desilusão consumou-se com a declaração do nosso último entrevistado:*

— Olhe que nunca fui atropelado — *disse-nos Américo de Jesus Francisco, empregadinho no comércio.* — Tenho tido uma sorte danada, sabe?

E ando sempre a correr, que o patrão quer o horário comprido... Talvez um dia uma bicicleta me dê um toquezito...

George D. Pilzer
novo director-geral da Fox para a Europa

George D. Pilzer foi nomeado director-geral para a Europa e Médio Oriente da 20th Century-Fox France, Inc. segundo anunciou David Raphel, vice-presidente da Divisão Internacional da 20th Century-Fox. Pilzer entrou para a companhia em 1963 e serviu como director continental de vendas desde 1964. Agora, como director-geral para a Europa e Médio Oriente, continuará a exercer as suas funções em Paris. David Raphel acrescentou: «Estamos gratos com a nomeação de Mr. Pilzer, pois o seu passado ao serviço da companhia, a sua capacidade e experiência provam bem ser ele o homem indicado para dirigir os nossos mais importantes e variados problemas da distribuição na Europa». Raphel anunciou, ainda, que Pilzer tinha sido nomeado vice-presidente da 20th Century-Fox International Corporation e poderá ser chamado a intervir como consultor fora da zona da Europa Continental e Médio Oriente.

PARAMOUNT APRESENTA
UMA PRODUÇÃO DE WILLIAM CASTLE
NOTÁVELMENTE REALIZADO POR
ROMAN POLANSKY

A SEMENTE DO DIABO
(ROSEMARY'S BABY)

AVISO AO PÚBLICO

Chamamos a atenção do público para o arrojado e invulgar tema deste filme polémico, realizado magistralmente por Roman Polansky e que em todo o Mundo tem alcançado um êxito sem precedentes.

AMANHÃ — ESTREIA
NOS CINEMAS
SÃO LUIZ · ALVALADE

O argumento do filme é extraído do famoso romance de IRA LEVIN «Rosemary's Baby», publicado com o título «A SEMENTE DO DIABO», pela Portugália Editora

HOTEL D. FUAS

Único c/ vista s/ Mar — P. C. 2 pes., 310$. Quarto duplo; P. C., 2 pes. 360$, Suites

Todos os quartos c/ casa banho e varanda. Impos. Incl.

NAZARÉ — Tel. 46361

Só até domingo
«Grande Poeta é o Zé»

Termina no próximo domingo, no Teatro Maria Vitória, a carreira da revista «Grande Poeta é o Zé!...», por motivo da sua estreia, no dia 4 de Março, no Teatro Sá da Bandeira, do Porto.

Há seis meses que os empresários Giuseppe Bastos e Vasco Morgado apresentam este espectáculo, distinguido com o «Prémio da Imprensa — 1968», como a melhor revista do ano.

SÃO JORGE — PROGRAMAÇÃO RANK

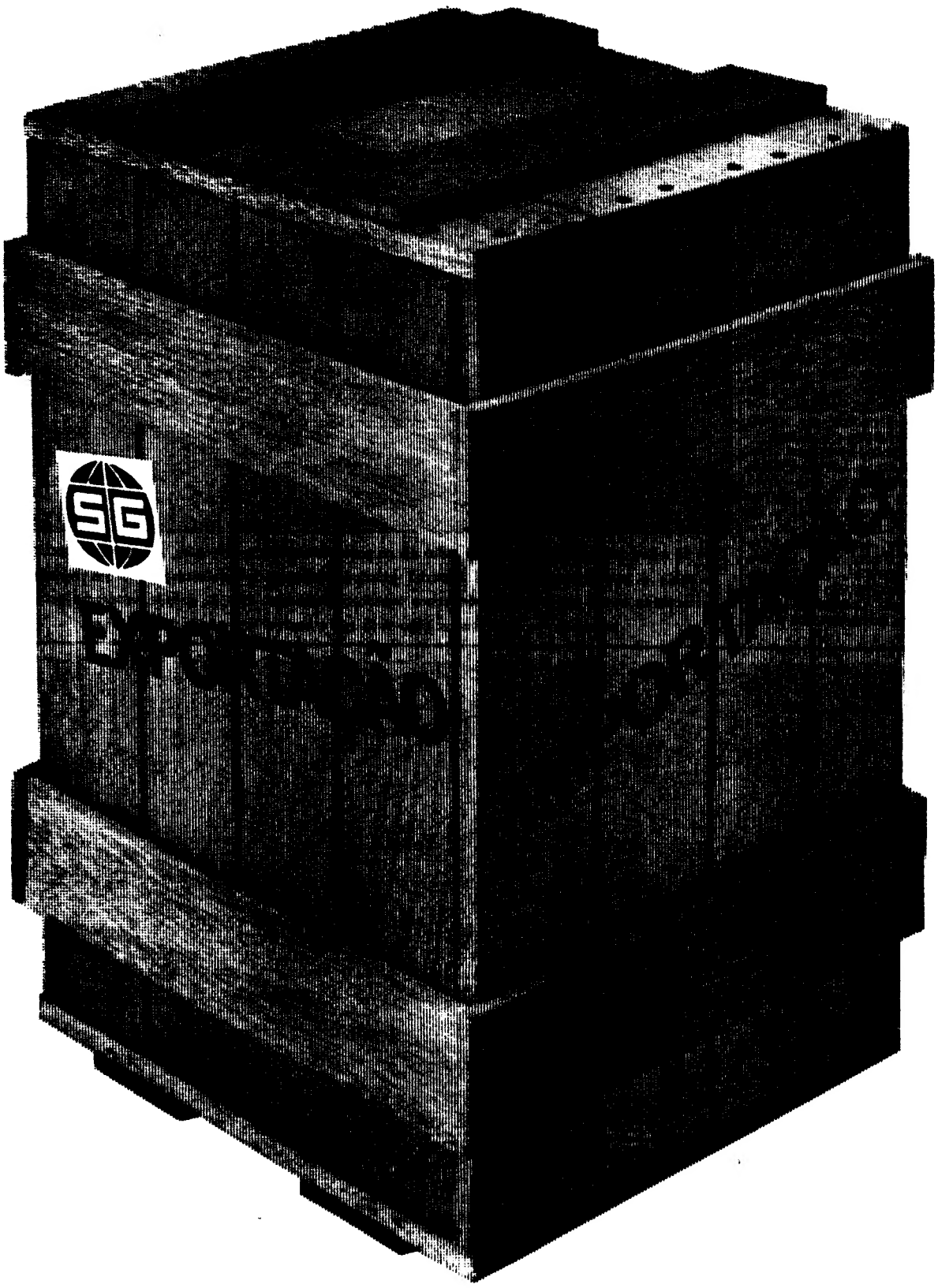
3.ª SEMANA
DUM AUTÊNTICO RECORD
DE GARGALHADA!

NÃO É FICÇÃO CIENTÍFICA!

É A MAIS REVOLUCIONÁRIA
E EFICAZ «VACINA» CONTRA
O MAU-HUMOR

UMA ESPECIALIDADE
RESERVADA PARA ADULTOS

SIDNEY JAMES · KENNETH WILLIAMS · CHARLES HAWTREY · JIM DALE
BARBARA WINDSOR · HATTIE JACQUES · JOAN SIMS · ANITA HARRIS



melhores serviços para mais destinos

CARREIRAS REGULARES
ESTABELECENDO LIGAÇÕES ENTRE:
Hamburgo, Bremen, Rotterdam, Antuérpia, Londres, Liverpool,
Leixões, Lisboa, Angola, S. Tomé e Príncipe,
Guiné e Cabo Verde.

SOCIEDADE GERAL
DE COMÉRCIO, INDÚSTRIA E TRANSPORTES, S.A.R.L.

LISBOA - Rua dos Douradores, 11 - Tel. 37 01 51 - Telex 1543 * PORTO - Rua Sá da Bandeira, 84 - Tel. 2 23 14 - Telex 02718

VISITA EM COIMBRA DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN A DEPARTAMENTOS UNIVERSITÁRIOS BENEFICIADOS COM SUBSÍDIOS

COIMBRA, 27 — A convite do Magnífico Reitor da Universidade, está em Coimbra o sr. dr. José Azeredo Perdigão, presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, que veio acompanhado de sua esposa, sr.ª dr.ª D. Madalena Biscaia Azeredo Perdigão, a fim de visitar vários departamentos universitários.

O sr. dr. Azeredo Perdigão, acompanhado pela esposa, chegou ao Paço das Escolas cerca do meio-dia, e foi recebido pelo reitor, sr. prof. dr. António Jorge Andrade de Gouveia, rodeado pelos directores das Faculdades e professores, com suas esposas.

Depois dos cumprimentos, foi oferecido aos visitantes, na reitoria, um almoço servido pelo Café-Restaurante Nicola, de Coimbra, que, como sempre, primou pela qualidade.

Após o almoço, o sr. dr. Azeredo Perdigão, acompanhado pelas individualidades que foram convivas deu começo á sua visita de dois dias, para tomar conhecimento do que tem sido feito no campo científico, mercê dos subsídios concedidos e pela aquisição de aparelhos científicos.

Em primeiro lugar percorreu as instalações da Faculdade de Direito, ali trocando impressões com o respectivo director, sr. prof. dr. Afonso Rodrigues Queiró e com outros professores. Em seguida, visitou o novo edifício da Biblioteca Geral, onde o receberam o director, sr. prof. dr. Manuel Lopes de Almeida e pelos bibliotecários srs. drs. César Pegado e Jorge Peixoto; e deram conta das aquisições que têm sido feitas também com os subsídios da Fundação Gulbenkian. A visita abrange, ainda, departamentos da Faculdade de Medicina e Centro Anticanceroso de Coimbra, do Instituto Português do Cancro.

As visitas prosseguem amanhã.

Pare de olhar para as pequenas, que estão ali só para humanizar a paisagem, e repare no mobiliário — sofás e coxins insufláveis de material plástico resistente e confortável que foi recentemente apresentado numa exposição de modernos interiores britânica. São de grande vantagem para casas pequenas — é só tirar o pipo e já está: espaço que nunca mais acaba...

CURSO PARA CAIXEIROS EM SANTARÉM

SANTARÉM, 26 — A Federação Regional do Sul dos Sindicatos dos Caixeiros, em colaboração com o sindicato federado desta cidade, promove nos próximos dias 3 a 7 de Março um curso destinado aos caixeiros do distrito, apresentado pelo monitor sr. A. de Sousa Pinto.

As palestras tem a duração de duas horas e meia, incluindo um período destinado a perguntas e respostas.

ELOS CLUBE DE LISBOA

O Elos Clube de Lisboa promove hoje ás 21 e 30, uma conferência sobre «A poesia espacial de Cassiano Ricardo», pelo prof. Leodegário Amarante de Azevedo Filho, catedrático de Literatura Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Estado da Guanabara que rege presentemente um curso de literatura brasileira na Universidade de Colónia.

A conferência será seguida de debate.

Ford à frente com o Capri - o carro que você sempre desejou possuir

O Capri chegou e quer que V. o conheça. Porque o Capri é o carro que vai obrigá-lo a atravessar a rua, para V. o apreciar ainda mais perto.
Podemos já dizer-lhe que é um coupé do tipo «fastback» de condução desportiva, que leva 4 (5) pessoas.

E quando dizemos 4 (5) pessoas, não queremos dizer 2 adultos à frente e 2 crianças amarfanhadas na parte de trás como acontece nos carros deste tipo.
Mas o Capri é ainda mais. E V. sentirá isso quando se sentar nele: num assento fundo, descontraído, e de braços direitos — a posição ideal para conduzir desportivamente. Um comportamento inalterável em qualquer tipo de estrada.

E lembre-se — no Capri o estilo não é um extra. Faz parte do próprio carro.
Motor 1600 GT. Potência BHP 93,0. Veloc. máxima 160 Km/h. Aceleração de 0 a 100 Km em 13.0 seg.

Ford Capri

Ford

em exposicao na S.N. BELAS ARTES DE 25 2 A 2 3 DAS 17 AS 24 HORAS

ADMIRE TAMBÉM TODOS OS MODELOS FORD PARA 1969

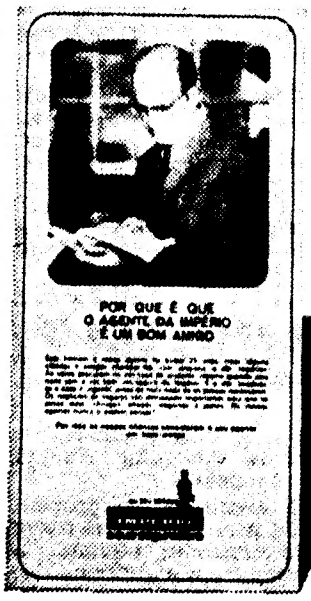
Escort · Cortina · 12M · 15M XL · 17M · 20M · Mustang · Transit · Camiões · e a mais vasta linha de Stations

Experimente a verdadeira sensação dum carro de corrida, conduzindo um LOTUS FORD RACING SIMULATOR!

Eis por que a Companhia de Seguros Império é hoje uma Companhia de Marketing:

Não vendemos apenas seguros Vendemos Segurança

Em seguros, os gabinetes de estudos podem criar novas modalidades, as empresas seguradoras podem ampliar a sua organização para prestarem novos tipos de serviço, a publicidade pode tornar certas necessidades do público mais conscientes. Mas tudo depende afinal, do agente de seguros.



Os bons resultados que temos obtido devem-se, em primeiro lugar, à competência, qualidade pessoal e dedicação dos nossos colaboradores.
Eles dizem: «Não vendemos apenas seguros. Vendemos segurança. E a acção do agente de seguros é às vezes tão importante como as próprias coberturas».

Sabemos isto! Temos Serviços de Apoio e Centros **de Formação para os apoiar e formar** na sua missão. **O nosso programa para este ano, por exemplo, inclui 14 cursos de preparação e 8 de desenvolvimento, com cerca de 330 participantes.**
Por isso somos hoje uma Companhia de Marketing.

AO SEU SERVIÇO!
IMPÉRIO
a sua seguradora

RUA GARRETT, 62 — LISBOA 2

Actualidade internacional

QUINTO DIA CONSECUTIVO DE ATAQUES DA F. N. L.

SAIGÃO, 27 — (R.) — A F.N.L. bombardeou ás primeiras horas de hoje instalações militares em todo o Vietnam do Sul, fazendo-o pelo quinto dia consecutivo, a seguir a violenta luta perto de Saigão e no Norte, em que se anunciou que foram mortos mais de 200 guerrilheiros.

Os bombardeamentos desta manhã causaram apenas baixas e estragos ligeiros, revelaram fontes militares.

A mais renhida batalha de ontem travou-se na localidade de Bien Hoa, a apenas 28 quilómetros ao norte da capital, onde teriam sido mortos 147 guerrilheiros, incluindo um comandante de batalhão.

Os alvos principais da ofensiva da F.N.L. desde domingo passado têm sido as bases militares, de preferência a áreas habitadas.

Numeros revelados ontem indicam que mais de 250 soldados americanos e 420 sul-vietnamianos foram mortos em quatro dias de luta esta semana.

Fuzileiros navais americanos, percorrendo uma área a 32 quilómetros ao sul da grande base militar de Da Nang, no norte da provincia de Quang Nam, teriam encontrado ontem uma força de 150 norte-vietnamianos.

Mais de 300 guerrilheiros teriam sido mortos ao sul desta área na terça-feira, numa das mais violentas batalhas com tropas que se julgam infiltradas no país, vindas da fronteira laociana.

Afirma-se em Saigão que cerca de 50 000 norte-vietnamianos e soldados da F.N.L. ocupam rotas de infiltração entre a fronteira e a capital sul-vietnamiana.

Bombardeiros «B-52» descolaram ao alvorecer de hoje para bombardear posições, complexos de casamatas e áreas de armazenamento nas rotas de infiltração norte-americana

Bien Hoa em chamas

BIEN HOA, 27 — (R.) — Tanques americanos mantinham-se a noite passada vigilantes perto desta localidade em chamas, a apenas 28 quilómetros ao norte de Saigão, esperando aprisionar guerilheiros em debandada, após terem morto 145, durante 12 horas de luta renhida.

As chamas, devorando as 50 casas de madeira e lata da aldeia, projectavam um clarão vermelho no céu. Uma escola de tijolo amarelo, de dois andares, devorada pelo fogo, mantinha-se de pé no centro da aldeia, semelhante a uma pira.

Um batalhão de guerrilheiros, com cerca de 600 homens, tentou penetrar na gigantesca base americana de Bien Hoa, a três quilómetros da aldeia, mas foi localizado por tropas sul-vietnamianas por volta das quatro horas locais de ontem.

«Rangers», fuzileiros navais e soldados de infantaria sul-vietnamianos seguiram apressadamente para a área e teriam feito debandar o inimigo através da planície poeirenta.

Dado que os guerrilheiros se teriam refugiado nesta localidade, os soldados sul-vietnamianos, rastejando e correndo ao longo das ruas estreitas, perseguiram-nos de casa em casa, expulsando-os.

Um grande reclame luminoso a «néon», vermelho e azul, iluminava fantásticamente a aldeia, enquanto a batalha prosseguiu durante todo o dia, com tempo quente e seco.

Os ataques aéreos continuaram até ao escurecer com helicópteros armados disparando foguetões contra saliências de terreno na área, procurando tropas norte-vietnamianas.

Tanques da 11.ª divisão de Cavalaria Blindada americana deslocaram-se ontem, á tarde, para a área, para tentar localizar soldados norte-vietnamianos.

Oficiais americanos julgam que a vital base aérea de Bien Hoa fosse alvo de tropas norte-vietnamianas. Afirmaram, porém, que nem um só soldado norte-vietnamiano penetrou ontem na base ou na cidade de Bien Hoa.

Entregue pela China o velejador inglês que desaparecera

HONG-KONG, 27 — (R.) — O velejador britânico David Bailey, que desapareceu no mar em 17 de Fevereiro, ao largo de Hong-Kong foi entregue hoje nesta colónia pelas autoridades chinesas.

Bailey, de Lowestoft, no leste do Suffolk chegou a bordo de um junco chinês e passou imediatamente através dos serviços de imigração.

Sua mulher Valerie, que vive em Hong-Kong com os dois filhos mais novos, foi informada de que o marido regressara.

Fontes de navegação chinesas informaram o Departamento Marítimo de Hong-Kong no principio da semana, de que o velejador fora salvo.

Bailey partira para o mar num pequeno barco a remos á procura do seu iate, que andava á deriva ao largo da ilha Sul, do arquipélago de Hong-Kong durante uma expedição de ano novo chinês.

Carole Young, de 21 anos, foi eleita «Miss Chinatown U.S.A.», num concurso de beleza realizado em San Francisco e em que participaram 18 concorrentes de oito Estados.

PELO MENOS 64 MORTOS DEVIDO AO TERRAMOTO NAS ILHAS CELEBES

DJAKARTA, 27 — (R.) — O pessoal de salvamento que continua a remover os destroços das cidades e aldeias arrasadas pelo terramoto sentido no domingo passado nas Celebes encontraram até agora 64 corpos.

Não há ainda noticias pormenorizadas acerca dos estragos causados pelo sismo e receia-se que o numero de mortos possa ser muito mais elevado.

Em Agosto passado, uma catástrofe semelhante causou mais de 200 mortos na mesma região.

O terramoto de domingo parece ter sido o mais violento registado naquela região. O abalo deu origem a gigantescas vagas sísmicas e destruiu três cidades situadas num dos extremos mais desabrigados da parte ocidental da ilha.

A agência noticiosa Antara disse que 20 dos corpos tinham sido encontrados na cidade de Majene. Por outro lado a pequena aldeia de Palatoang ficou totalmente destruida e só nessa localidade houve mais de 100 feridos. Foram também duramente atingidas mais duas pequenas cidades da costa ocidental — Samoa e Somba, onde ficaram destruidos vários edificios.

Macassar, capital das Celebes do Sul, foi também abalada no domingo por três sismos, mas não há noticias de prejuizos. O governador, Achmad Lamo, declarou que o sismo era uma calamidade nacional e pediu alimentos e medicamentos.

RICHARD NIXON EM BERLIM

(Continuação da 1 página)

a escada do avião, imediatamente seguido pelo chanceler Kiesinger, dirigindo-se entre uma fila dupla da Policia Militar norte-americana, de capacetes brancos, para cumprimentar os estadistas que o aguardavam.

O presidente foi recebido em primeiro lugar pelo comandante norte-americano major-general Robert G. Ferguson e em seguida pelos comandantes britanico e francês, respectivamente major-general James Bowes-Lyones e general de divisão Bertrand Huchet de Quenetain.

A seguir foi cumprimentado pelo «mayor» Schuetz que declarou: «Quando o representante supremo dos Estados Unidos vem a Berlim está sempre entre amigos».

Em resposta Nixon referiu-se ao dominio das quatro potências em Berlim e acrescentou: «Há no entanto em Berlim uma quinta potência e essa é a determinação do povo livre de Berlim em continuar livre. Hoje encontro-me aqui como um simbolo dessa quinta força, uma força que não será intimidada por ameaça nenhuma, por nenhuma pressão e por nenhum sector.

Hoje declaro novamente qu nós, o povo dos Estados Unidos, estamos ao vosso lado na defesa da liberdade.

E a quinta força a que acabo de me referir, representada pela vontade dos homens livres em continuarem livres, é mais forte do que qualquer outra. Esta prevalecerá».

O nome de Camões para uma praça na capital italiana

ROMA, 27 — (F. P.) — Luís de Camões terá em Roma uma praça com o seu nome. Para festejar o acontecimento, o prof. Leo Magnino deu uma conferência no Liceu Romano. Velerio Degli Abati recitou em seguida versos dos «Lusiadas», traduzidos para o italiano por Mercedes La Valle, correspondente em Roma de «A Gazeta» de São Paulo, versos que obtiveram grande êxito.

A morte de Eshkol vista do Cairo

(Continuação da 1.ª página)

Todavia, prosseguem as medidas determinadas pelo estado de emergência decretado na segunda-feira pelo Governo, conforme anuncia o informador governamental Hassan Elzayat, segundo o qual «não se repetirá no Cairo o ataque de Beirute».

As medidas de «máxima segurança» reflectem-se inclusivamente na maior festa do ano muçulmano, a «Eid-Al-Adha» (festa do sacrificio).

PASSAGEM DE MODELOS DA BAYER DE PORTUGAL

COMUNICADO

Comunica-se a todos os Exmos. Convidados para a noite de 28 de Fevereiro na Casa do Leão, Castelo de São Jorge, que, dada a grande afluência prevista, a reunião terá lugar no Espelho de Água, em Belém, no mesmo dia e à mesma hora.

NOVAS DISPOSIÇÕES NO BRASIL CONTRA ELEMENTOS DA IMPRENSA

RIO DE JANEIRO, 27 — (F. P.) — Foram aplicadas ontem novas sanções, por um tribunal da Marinha, ao diário da oposição «Correio da Manhã» e aos seus colaboradores. O jornal foi suspenso por cinco dias e a proprietária, sr.ª Bettencourt, o administrador do jornal, Osvaldo Peralva, e um antigo colaborador, Hélio Camilo de Almeida, foram condenados a trinta dias de prisão preventiva, renováveis.

Também foi alvo da mesma medida um colaborador do «Jornal do Brasil».

A sr.ª Bettencourt tinha sido presa em 7 de Janeiro passado e depois colocada em regime de residencia vigiada. «Parece que me querem obrigar a procurar refugio numa embaixada estrangeira. Recuso-me a este manejo» — declarou ela. Peralva também está detido desde 7 de Janeiro.

Sou-se, por outro lado, que foi prolongada por mais um mês a detenção preventiva de Vladimir Palmeira, o dirigente estudantil brasileiro, que chefiou manifestações de oposição ao Governo em 1968 nas principais cidades do país. Palmeira foi preso em Ibiuna, no Estado de São Paulo, ao mesmo tempo que outros mil estudantes participavam num congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes.

O GOVERNO DE BELGRADO DISPOSTO A COOPERAR COM MOSCOVO

ACABAMOS A PUBLICAÇÃO do nosso inquérito sobre as consequências do drama checoslovaco no interior de cada um dos países comunistas europeus. Em Praga a opinião pública resiste às pressões. Em Moscovo, Varsóvia, Berlim-Leste e Sofia, os conservadores reforçaram as suas posições. Em Budapeste, os reformadores não renunciam a realizar os seus programas a despeito dos ventos contrários. Em Bucareste, os dirigentes mantêm os seus princípios de respeito da independência, de soberania, mas esforçam-se por não suscitar a cólera dos seus aliados. Resta um país que não pertence ao «campo» mas que seguiu com inquietação os acontecimentos de 1968. Bernard Féron mostra no artigo que hoje inserimos como a acção das cinco nações do Pacto de Varsóvia levam os dirigentes jugoslavos a rever algumas das suas concepções.

BELGRADO *(Fevereiro)* — Nunca se tinha notado que os soldados jugoslavos eram tão numerosos. Os cafés estão cheios de soldados, em férias, que matam o tempo. Há mais de cinco meses, que o país se prepara para o pior. Os uniformes nas ruas talvez não passem duma ilusão de óptica: não é certo com efeito que o Exército regular tenha aumentado os efectivos. Em contrapartida todas as empresas foram colocadas em pé de guerra. A crise da Checoslováquia acelerou a elaboração duma lei sobre a defesa que estava em preparação há cinco anos. No futuro todos os civis dos 17 aos 65 anos estão mobilizados para resistir a qualquer agressor seja ele qual for. Os encargos desta mobilização são assegurados em parte pelos conselhos de operários. O Exército pròpriamente dito, tem as suas unidades formadas especialmente para a guerra de guerrilhas, a única que o país poderia conduzir se fosse atacado.

No entanto os espíritos estão extremamente calmos. Desapareceu o grande receio que era visível em Setembro. O próprio presidente Tito, que previra as hipóteses mais pessimistas, esforça-se por tranquilizar o seus compatriotas. Todos na Europa, incluindo a U. R. S. S., precisam de calma. O Governo de Belgrado está pronto em qualquer momento a cooperar com o de Moscovo. De resto nada permite dramatizar. São estas as posições oficiais. Os dirigentes crêem ou querem crer que a ameaça duma intervenção das nações do Pacto de Varsóvia se dissipou. No entanto, o medo dos russos existe por toda a parte. Todos sabem que a nova doutrina do Kremlin sobre a «soberania limitada dos Estados socialistas» se pode aplicar tanto à Jugoslávia como à Checoslováquia. O marechal Tito, sobretudo, perdeu qualquer ilusão. Desde o golpe de Praga do Verão de 1968, que ele sabe que nunca mais poderá confiar nos dirigentes soviéticos. Digam o que disserem Brejnev e Kossyguine, as suas palavras chocam com o cepticismo dos jugoslavos. Podem conceber-se acordos baseados na razão. A simpatia vigilante que existia para com os sucessores de Estaline foi esmagada pelos carros do Pacto de Varsóvia. A coexistência apoia-se agora numa certa relação de forças. Se alguma vez os russos tiveram desejo de restabelecer em Belgrado a ordem socialista tradicional, podem certamente sem demasiada dificuldade ocupar uma boa parte do território federal. Mas o poder actual mantém de reserva uma zona de guerrilhas dificilmente acessível. Prepara-se, se for preciso, para colocar qualquer invasor na armadilha duma espécie de guerra da Argélia.

Reparar os prejuízos

É inútil repetir que a Jugoslávia condenou e que continuará a condenar a intervenção na Checoslováquia. Os governantes manifestaram-se a este respeito com violência no começo, com moderação nos últimos tempos. Mas as mudanças de tom não anunciam uma modificação real da política seguida. Uma vez por todas, foi dito que o princípio da soberania nacional não tolera qualquer concessão. Uma vez por todas foi dito também que os soviéticos terão de reparar os prejuízos que causaram se quiserem recuperar a confiança dos seus parceiros.

Mas a crise do mês de Agosto teve repercussões muito profundas no sentido que apressou a evolução interna da Jugoslávia. Há vinte anos que os titistas se afirmam pela sua vontade de independência mais ainda que pela novidade das suas concepções. O revisionismo que os comunistas «ortodoxos» censuram aos dirigentes de Belgrado é a consequência mas não a causa da primeira ruptura com Moscovo. Tito e os seus colegas descobriram a autogestão e os conselhos operários porque deviam marcar a sua originalidade em relação aos países do Kominform. Só inventaram pouco a pouco, muito lentamente, o que os checoslovacos chamaram a democratização. De resto, Rankovitch, o chefe da Polícia, combatia o estalinismo por processos que os estalinianos não desaprovariam se tivessem sido postos ao seu serviço.

Por BERNARD FÉRON

Ora houve o caso de Praga. Inicialmente, os dirigentes jugoslavos encorajavam um povo irmão em luta pela independência, sem fazer críticas às experiências de Dubcek. Depois o drama eclodiu no próprio momento em que os titistas se interrogavam acerca do sentido das manifestações de estudantes no seu próprio país. Oficialmente, limitam-se ainda a denunciar a política de grande potência da U. R. S. S. Na realidade, muitos deles fazem a si próprios esta pergunta: O que é que não vai bem no sistema comunista, incluindo na Jugoslávia?

«Os senhores actuais do Kremlin atingiram, ou vão atingir, os objectivos a curto prazo que se fixaram. Mas os acontecimentos do Verão passado condenaram à morte todos os partidos estalinianos ou neo-estalinianos. Estamos metidos numa crise global que incide tanto sobre o Leste como o Oeste. O Estado burguês, que existe também nos países socialistas, agoniza. Todos procuram, ou devem procurar, uma nova maneira de governar, e em toda a parte os homens querem participar directamente na gestão dos assuntos públicos. Ora o velho sistema, aqui com o pluripartidismo e lá com o monopólio dum partido, não corresponde às necessidades da nossa época. Os partidos, nomeadamente os partidos comunistas, preocupam-se com a organização política. Mas não sabem já absorver as aspirações espontâneas das novas gerações. São incapazes de se ultrapassarem.»

Quem faz perante nós esta análise não traduz necessàriamente as ideias de todos os dirigentes jugoslavos. Mas ocupam importantes responsabilidades na direcção da Liga. Afirma que os acontecimentos de 1968 obrigam os comunistas a retomar o estudo de todos os problemas que se apresentam no mundo. A começar pela prática da auto-gestão e a noção de não-alinhamento. Ainda nisto serviu de revelador a crise da Checoslováquia. Os jugoslavos desejavam, continuam a desejar reunir em 1969 uma nova conferência dos não-alinhados. Mas verificam que muitos dos seus parceiros cambalearam durante o drama. Verificaram que alguns consideravam com certa indulgência a intervenção do Pacto de Varsóvia simplesmente porque querem beneficiar da protecção soviética. Então é preciso partir de novo quase do zero.

Sem chegar à contestação global de todos os sistemas existentes, outros dirigentes procuram as fraquezas do comunismo. O marxismo-leninismo, dizem eles, sofreu muitas derrotas, ninguém pode negar nem pretender que não existem grandes diferenças no movimento operário internacional. Ora a maior parte dos homens instalados nos países de Leste asseguram que não podem existir contradições no sistema socialista, o que é absurdo e irreal. Esta concepção sumária inspira todos os conservadores que se opõem às reivindicações operárias e que detêm o monopólio do poder. Então as forças burocráticas podem vencer o sistema social. A ameaça é particularmente grave quando os conservadores estão à frente dum grande Estado. No ponto a que chegámos, o espírito crítico tornou-se uma condição *sine qua non* do desenvolvimento do socialismo. O movimento deve fazer o exame mais importante que teve a sofrer desde as suas origens. Se passar, beneficiará dum verdadeiro renascimento, principalmente nos países desenvolvidos. Se falhar, perderá, pelo menos durante certo tempo, qualquer influência política.

Os dirigentes jugoslavos afirmam ainda que não se opõem por princípio às conferências internacionais dos P. C. Mas só consentem participar nelas quando houver um problema bem definido a estudar, como aconteceu no caso da guerra israelo-árabe. Talvez aceitassem mesmo assistir à próxima reunião mundial se os problemas mais agudos estivessem inscritos na agenda, se a comunidade dos partidos irmãos tivesse a coragem de examinar as suas próprias fraquezas. Na hora actual, notam eles, a solução de todos os problemas essenciais para os P. C. está ligada à crise checoslovaca. Mas é evidente que se a conferência se realizar, é porque se convencionou não abordar nela abertamente estes problemas. Então para que servirá ela, perguntam os jugoslavos, senão para restabelecer ou procurar restabelecer uma disciplina anacrónica?

Um exame de consciência

Os governantes de Belgrado não se limitam a evidenciar a culpa dos seus colegas estrangeiros. O drama checoslovaco levou-os a fazer o seu exame de consciência, a sua auto-crítica. Sabem o que significa a luta contra o «monopólio burocrático» porque eles próprios estão metidos, há muito, neste combate e porque verificam a permanência das tendências conservadoras. Mas os acontecimentos aceleraram a regeneração. Os antigos quadros que se esforçavam por gozar, o maior tempo possível, as delícias do poder, são postos muito cortêsmente de parte. As comissões centrais, suprimidas nas repúblicas e na Federação, são substituídas por organismos menos numerosos e povoados por homens novos. A Liga dos Comunistas da Sérvia que era o bastião dos conservadores, efectua uma grande limpeza. Elevou à sua presidência um homem que se distingue pela abertura de espírito, Nikezitch, que abandonou as funções de secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros. Deu-lhe como adjunto no secretariado a sr.ª Lacinka Perovitsh, jovem que tem a ambição de sacudir a poeira a todo o aparelho.

Depois do 20.º Congresso soviético os titistas desejariam, sem o confessarem muito, inspirar a destalinização e mais ainda a desestalização da Europa Oriental. No começo de 1968, aperceberam-se que os checoslovacos iam mais longe do que eles próprios tinham ido. Mas não se formalizaram com isso. *«Esperdvamos muito das experiências de Praga*, disseram-nos. *E agora.»* Agora recusam chorar as ocasiões falhadas. Querem tomar o testemunho, voltar a pôr em andamento esse laboratório de ideias novas que Dubcek foi obrigado a fechar. A indignação que a intervenção das tropas soviéticas provocou está contida porque é preciso saber dominar os próprios ressentimentos. Mas a reacção cheia de medo do Pacto de Varsóvia despertou o ardor «revisionista» dos jugoslavos, decididos, a despeito do que dirá a esse respeito Brejnev, a enterrar o «partido do papá», a voltar a partir á procura de um socialismo verdadeiro e porque não?, *«de face humana»*.

Excl. «Le Monde»-«Diário de Lisboa»

A MAIS BONITA DO CINEMA ALEMÃO — Uschi Glas, 24 anos, aplica uma receita muito simples na sua vida artística: não se despe escusadamente em cena, não suscita escândalos pessoais. Deram-lhe agora o «Bambi» de 1968, prémio que recompensa a jovem mais bonita do cinema germânico (ocidental). Mas rosto, braços e pernas são tudo o que se lhe conhece

SEIS MESES DEPOIS

MANTÉM-SE A RESISTÊNCIA PASSIVA CHECOSLOVACA

PRAGA, 27 — (R.) — A resistência passiva checoslovaca á ocupação soviética continua inquebrantável seis meses depois das forças do Pacto de Varsóvia terem invadido este país.

A hostilidade para com as forças soviéticas estacionadas no país é revelada em incidentes diários e não há certamente uma vitória nítida para o grupo pró-soviético na chefia da Nação

Durante uma prova de saltos em esqui nos montes Tatras na Checoslováquia, no ultimo fim-de-semana, os russos que nela participavam eram acolhidos com um coro de assobiadelas e de apupos.

Os polacos, hungaros e alemães orientais cujos Exércitos intervieram na invasão de Checoslováquia, foram votados ao desprezo, presumìvelmente devido aos habitantes deste país os considerarem como satélites do Kremlin e não responsáveis pela decisão da invasão.

Nas cidades da província, sabe-se que os homens cospem para o chão quando passa um oficial russo. Os gerentes dos estabelecimentos do Estado recusaram-se a vender a soldados russos camisas, sapatos, roupas de baixo e outras, para enviarem para as famílias.

Há poucos dias, o Governo checoslovaco emitiu um comunicado acerca dos resultados de novas negociações sobre alojamento e abastecimentos para 70 000 soldados soviéticos agora aquartelados neste país. Segundo o comunicado as autoridades checoslovacas recusaram-se a discutir a concessão de habitações particulares a oficiais russos. O comunicado, redigido em termos enérgicos, continuava: «O fornecimento de calçado, roupa de baixo e vestuário pronto a vestir... ás tropas soviéticas... foi recusado. As despesas feitas com a permanência de tropas soviéticas deverão ser pagas por elas próprias».

Uma das primeiras medidas tomadas pelos militares soviéticos em Agosto ultimo foi reduzir a liberdade da Imprensa, Rádio e Televisão do País. Contudo, a Imprensa, a Rádio e a Televisão contiveram-se, mas não dobraram a cerviz Diàriamente, dão alfinetadas aos russos e aos seus partidários no país.

Uma nova era de liberdade de palavra surgiu na vida quotidiana — nas ruas, nas lojas, nas fábricas e nos escritórios. O cidadão vulgar não faz segredo do seu azedume em relação ás autoridades soviéticas.

As conversas francas espantam os visitantes e os russos parecem impotentes para acabar com elas.

O Kremlin não mostra, porém, qualquer impaciência — talvez parcialmente porque se encontra absorvido com mudanças internas e preocupado com a ameaça no Médio Oriente, um novo Governo norte-americano, a China e Berlim.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

ECOS

UMA série de entrevistas digna de aplauso, publicada no nosso prezado colega «O Século», tem vindo a chamar em boa hora a atenção do público para a verdadeira relação dos intelectuais com o desporto. Ao invés da atitude ultrapassada que foi a dos homens com o peito para dentro e a barriga para fora, de figurino burocrático ou coca-bichinhos, verifica-se que o intelectual moderno, e sobretudo o intelectual criador, ama o desporto e sente vivamente a necessidade de harmonia e complementaridade entre a cultura do espírito e a do corpo. Alguns dos escritores portugueses interrogados foram ou são ainda praticantes desta ou daquela modalidade desportiva e nem sequer enjeitam, na sua grande maioria, como belo espectáculo visual e escola de energia, o mais popular, o mais idolatrado e também por vezes compreendido dos desportos: o futebol. No que todos, ou quase todos, são concordes é na aversão pelo futebol falado — o da barbearia e repartição, que começa a discutir-se à quinta-feira e, após o prélio dominical, quantas vezes apenas ouvido pelo rádio, serve de pretexto aos arroubos e às querimónias desses prosélitos que não raro têm também, como alguns adversários da bola, o peito para dentro e a barriga para fora. O mais grave, de resto, não são pròpriamente essas conversas estultas e ociosas sobre o golo de Sicrano ou o drible fantástico de Beltrano: é o desvio de amor, coragem, entusiasmo, dignidade e paixão para um terreno de controvérsia que menos do que outros merece tal derramamento de forças morais.

*

EM Itália acontece actualmente os grandes artistas tornarem-se senadores. Além de Carlo Levi, o incomparável criador de um novo género de aproximação do real, autor de «Cristo parou em Eboli» e de «As palavras são pedras», eis o grande poeta Eugenio Montale também na tribuna do Senado. País de funda tradição artística e onde os artistas são admirados e queridos, a Itália venera este patriarca irónico e desencantado da literatura pátria. Para Montale o tempo deixou de existir, se é que alguma vez para ele teve dimensão precisa ou semelhante à que o comum dos homens lhe atribui. Tudo para ele é um eterno presente.

INTERESSE NO LEILÃO DE LIVROS

Principiou ontem á noite, como anunciámos, o leilão de livros que, em grande parte, pertenceram ao desportista Jorge Lobo d'Avila Graça. O Centro de Profilaxia, à Praça do Rio de Janeiro, 5, es-tava à cunha. Livreiros, caras conhecidas de bibliófilos, interesse desmedido.

A «*Memória sobre a Conduta do dr. Abrantes*», aquele livro em que esse médico pretende justificação que a história lhe não deu, iniciou o leilão e deu 210 escudos. O Arnaldo de Oliveira vai afinando a voz com alguns volumes, e empertiga-se todo ao chegar á «*História da Igreja em Portugal*» de Fortunato de Almeida. Começa logo num conto de réis e trepa por aí acima. Dois, três, quatro e começam as hesitações e os lances mais demorados. Passa os cinco contos e é arrematado por 5350 escudos.

As «*Obras Poéticas*» da Marquesa de Alorna dão 700 escudos e depois é o «Arquivo Nacional de Ex-Libris» que dá 2500 escudos e o «*Espelho de Casados*» do dr João de Barros vai a 400 escudos. O «*Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*» é arrematado por 3000 escudos e a edição de «*Lírica*» de Camões feita por Afonso Lopes Vieira e José Maria Rodrigues foi por 280 escudos.

E o leilão continua esta noite

Faça chuva ou faça sol, os vendedores ambulantes têm assinatura marcada na Brandoa, concorrendo com os poucos estabelecimentos comerciais da «cidade»

Colóquios no Centro Nacional de Cultura

No Centro Nacional de Cultura, vão efectuar-se, durante o próximo mês, três colóquios: o primeiro no dia 6, sobre «Política económica», com a intervenção de João Martins Pereira, Luís Salgado de Matos, Francisco Pereira de Moura, Sérgio Ribeiro e Vasco Vieira de Almeida; no dia 12, «Acção cultural», por Alfredo Canana Eduardo Veloso, António Paulouro, Mário Castrim e Rui Grácio; e no dia 19 «Perspectivas políticas», com José Lopes de Almeida, Mário Brochado Coelho Jorge Sampaio, Mário Soares e Mário Sottomayor Cardia

Brandoa — cidade clandestina às portas de Lisboa

UMA QUINTA SENHORIAL VENDIDA EM LOTES BARATOS — ASSIM NASCEU A BRANDOA

A cidade clandestina da Brandoa está implantada no concelho de Oeiras, mas quem apanhar um táxi em Benfica (e convencer o motorista a fazer o percurso) põe-se lá num quarto de hora.

Os motoristas de táxi costumam abanar a cabeça. «Brandoa? Tenho ordens do meu patrão, não vou.» Quando muito, aceitam com a condição de ser ao quilómetro. A Brandoa nasceu torta.

1. A Brandoa, onde ontem desabou aquilo que iria ser um prédio de sete pisos para vinte e um inquilinos, começa a ganhar fama no início da década. Uma colina, uma encosta, um vale: as camionetas passam por Benfica ajoujadas ao peso do material de construção civil.

Aparecem as primeiras casas. Dois, três pisos. Construção assim assim, paredes a ressuar uma aguadilha inquietante. Mas as rendas são baixas... *Por preço convidativo: 20$00 o metro quadrado. A cotação, porém, subiu por aí acima. Hoje quer-se um lote a 100$00 o metro quadrado e é preciso mover influências. Certas influências.*

A área da Bandoa excede 500 mil metros quadrados.

3. Localizemos melhor a história da Brandoa no tempo. Foi em 1959. Era proibido edificar, mas a construção aventureira queria lá saber disso. Pelo sim, pelo não, rodeou-se de algumas precauções (mínimas), e ala que se faz tarde!

Pela calada da noite começaram a surgir famílias, daquelas que tanto anseiam por uma casa que não têm. Vinham com todos os seus pobres trastes, e traziam amigos e companheiros. O resto estava preparado. No pedaço de terra que haviam adquirido com muitos sacrifícios erguia-se, da noite para o dia, o esqueleto da habitação. Uma cobertura singela, e pronto: já ninguém a deitava abaixo. Era o sonho concretizado. Um sonho com marca de homem. Não culpemos quem mora na Brandoa, que o não merece.

4. Dez mil habitantes. Ou talvez doze, quinze mil. Chegou a mencionar-se dezassete mil. A Brandoa tem mais população que algumas capitais de distrito.

Problemas? Ora, se vamos a falar disso... Por exemplo, a água, ou melhor, a falta de água. Diz-nos a sr.ª Gertrudes da Encarnação Madeira:

— No Verão, chegamos a perder dias inteiros à espera da água. O pessoal é muito e a torneira deita pouco. Esta cá de cima até só deita quando a de baixo está fechada... Como não há água nas casas, temos de ir para a «bicha» e andar a acarreá-la cinco e seis vezes por dia. Por dia — e por noite... No Verão há gente nas bicas até á uma da madrugada, e aí por volta das quatro junta-se outra vez pessoal. É uma tristeza. E depois, sem luz nem esgotos... E os caminhos, esta desgraça... Agora no Inverno fica-se atolado em lama. E os filhos, coitadinhos, que têm de andar (e andar bem!) quase meia hora até á escola. Chegam lá como pintos.

5. Do alto a vista abrange uma grande extensão. A Brandoa já pouco tem que ver com o Casal Ventoso, a Curraleira ou a Musgueira. Foi (é) um processo diferente. E na escala social está mesmo (frequentemente) bastante acima.

— Quem vive na Brandoa? Uma população heterogénea, embora predominem, como nos primeiros tempos, os operários e outros trabalhadores. As casas abarracadas de 1959 ficaram, pràticamente, submersas entre os prédios de rendimento, que depois (bastante sedo, aliás) proliferaram na cidade clandestina.

A maioria destes prédios não tem um dedo de arquitectura: riscos **assim valeriam o competente chumbo na E. S. B. A. L. (se alguém se atrevesse ao desplante!).**

Beleza na Brandoa? A Brandoa é uma fábrica de habitar, um deserto urbano.

6. Estamos no início da década. A caminho da Brandoa seguem filas de gente. Terra de promissão, com um tempo e um lugar, a zona vai-se povoando em grande escala. Clandestinamente.

Quem chega? Famílias vindas de várias regiões, sobretudo do Norte, que procuram na capital melhores condições de vida. Depois... a luta do costume, o drama habitual. Muito disto — para quem se recordar — está nos filmes do neo-realismo italiano (Vittorio de Sica, «O Tecto»).

E a Brandoa cresce, cresce. Surgem estabelecimentos comerciais. Ás construções, sem deixar de ser clandestinas, já se não fazem de noite, mas á luz do dia. Por isso há quem entenda que a Brandoa é uma excelente aplicação de capitais, uma espécie de paraíso de casas para alugar. A construção de rendimento processa-se a ritmo tão intenso que vem a predominar sobre qualquer outra.

7. Muitos brandoenses moram em quartos subalugados. A maioria, mesmo assim, tem posses para uma «casita». Depoimento de uma mulher de operário:

— Pagamos 300$00 por um quarto maior, um pequenino para as crianças, uma cozinha e uma retrete, só com esanitas, fora da porta. Quartas pessoas somos? Cinco: eu, o meu homem e três filhos (9, 7 e 6 anos). Vão á escola, sim, senhor. Na Amadora. Levo-os eu. Abalo às oito e meia, são três quartos de hora de caminho.

Contente:

— Pois é, pagamos 300$00. Mas ouvi dizer que já pedem 700$00, e até mais!

A média actual regula pelos 550$00, sem água nem luz (1030$00 quando funcionarem interruptores e torneiras).

8. Somos interpelados numa «rua».

— Sabe o que eles merecem? Ir todos para a prisão!

«Eles» são os chamados empreiteiros, ás vezes proprietários e empreiteiros ao mesmo tempo. Constroem pelo baratinho...

Por isso o arquitecto Costa Macedo, presidente do Município de Oeiras, declarou sobre o caso de ontem:

— Vamos agir mais eficazmente. Falámos com o comandante da G. N. R., que teve uma conferência com o comandante do batalhão, a fim de tomarmos medidas mais drásticas que funcionamos pôr em prática. O Laboratório Nacional de Engenharia Civil enviou uma comissão de peritagem. Também estiveram no local engenheiros da Câmara e os três fiscais da zona.

No caso do prédio da Rua Principal, não há pròpriamente nada a fazer fora do aspecto legal. Reflexão do presidente do Município de Oeiras, que é, como dissemos, arquitecto:

— Aquilo é tudo areia! Há que sanear a Brandoa. Cortar as unhas demasiado longas do aventureirismo. Quando necessário, demolir o que está (mal) feito. A hipótese foi encarada pelo arquitecto Costa Macedo em relação á celebrada «Gaiola», ou «Hospital», cuja construção deficiente mandou embargar.

Simplesmente, a Brandoa vai ficar no sítio em que está. Nasceu torta, mas para durar. E os seus milhares de habitantes esperam aquele mínimo conforto exigível — e possível — na segunda metade do século XX.

O desabamento de ontem foi o abcesso que rebentou às portas de Lisboa. Não acreditamos que alguém possa ficar insensível a isto.

Quinze bicas de água abastecem milhares de pessoas que a não têm em casa. E' um emplema desesperante desta «cidade» com nove anos de vida

Uma turma de operários abre os caboucos para mais um prédio (clandestino) no «deserto urbano» da Brandoa

Torre de Babel

por João Medina

À maneira de Polanski: O GORDO E O MAGRO

Era uma vez, em não sei que país, um gordo muito gordo e um magro magrissimo. O gordo passava os dias sentados numa poltrona de coiro velho a ler Proust, a «Civitas Dei», os pensamentos de Marco Aurélio, o «Playboy», o livrinho vermelho, o «Kama-Sutra», as peças de Ionesco e as investigações lógicas de Husserl. O magro, esse era de todo analfabeto e portanto nada lia. Gostava muito de espreitar as imagens dos livros do gordo, mas os livros deste último raramente tinham imagens, excepto quando, farto de leituras sublimes, o obeso decidia repousar o espírito com as aventuras de «Tin-Tin» ou de «Lucky Lucke».

O magro, além de analfabeto, não tinha sequer tempo para pensar em leituras, porquanto era precisamente o criado para todo o serviço do gordo. Ia acordá-lo de manhã, vestia-o, lavava-o, alimentava-o, instalava o amo na poltrona e seguia para a lida caseira, varrendo o soalho, fazendo a cama, indo ás compras, preparando o almoço. Por fim, quando o gordo tinha acabado de comer, tocava violino — geralmente um concerto de Mendelsohn —, após o que tratava do jardim. Quando chegava a Primavera e as cegonhas voltavam ás chaminés da cidade, o magro transportava o gordo para fora de casa, instalava-o numa cadeira de baloiço, trazia-lhe os livros que o dono pedia, tocava flauta ou violino para o adormecer depois das refeições. A noite, recolhia a biblioteca, arrumava os livros e deitava o gordo, depois de ter tocado violino. Era assim a vida daquele gordo e do seu fámulo magrissimo e analfabeto.

Um dia, contudo, o magro teve uma tentação e pensou em fugir daquela casa, ir para a floresta, viver no meio dos pinheiros e dos abetos, deitar-se na relva a observar o voo das borboletas, ouvir o gorjeio das aves e escutar durante horas a fio o correr dos regatos pelas encostas da montanha. Sonhou não mais servir ninguém, não ter dono, obedecer apenas a si mesmo, cumprir sòmente os seus próprios desejos. Mas o gordo, interrompendo a leitura de Boécio, sentiu o demónio sussurar desejos perversos ao magro. Chamou então o criado e, com um desembaraço imprevisto, atou à perna do magro uma corda na extremidade da qual se achava uma bola de ferro. E os sonhos incómodos do magro terminaram ali: a corda restituiu-o ao sentido das conveniências, à fidelidade.

E os dias voltaram a ser tranquilamente iguais, com o gordo sentado numa poltrona ou numa cadeira de baloiço a ler a «Civitas Dei», a «Consolação da Filosofia» ou a «Divina Comédia». E o magro a trabalhar de manhã à noite, a arrumar a casa, a fazer a comida, a servir o amo e a tocar violino para o adormecer, embora com a lentidão resultante daquele apêndice nascido do pecado de soberba. Mas um dia, depois de ter lido os poemas de Omar Khayam, o gordo reparou que o magro se arrastava com dificuldade, peado pela gritheta. E decidiu então ser generoso. A ternura subiu-lhe pelo peito, comunicou-se a toda a alma e o gordo, não se contendo mais, chamou o magro e cortou-lhe a corda.

E desde então o magro deixou de cozear e passou a servir o amo com redobrado zelo, com uma dedicação e um carinho que mereceram os melhores elogios do gordo. E os dias felizes voltaram, os dias tranquilos que o gordo passava a ler e o magro a servir.

Strasbourg, Fevereiro de 1969

O V CENTENÁRIO DE VASCO DA GAMA

NOMEADAS AS COMISSÕES NACIONAL E EXECUTIVA DAS COMEMORAÇÕES

Uma portaria da Presidência do Conselho acaba de nomear as comissões nacional e executiva das Comemorações do V Centenário do Nascimento de Vasco da Gama, a celebrar este ano.

Caberá á comissão nacional orientar superiormente as comemorações e á comissão executiva elaborar o respectivo programa bem como promover e coordenar a sua execução.

A primeira é constituída pelos ministros de Estado adjunto do Presidente do Conselho, da Marinha, dos Negócios Estrangeiros, do Ultramar e da Educação Nacional, secretário de Estado da Informação e Turismo, governadores das províncias ultramarinas, reitores das Universidades, presidentes das Academias, presidente da Junta de Investigações do Ultramar, presidentes das câmaras municipais de Lisboa e do Porto, e os drs. António Cruz, Armando Cortesão, José de Azeredo Perdigão, Manuel Lopes de Almeida e Virgínia Rau.

A comissão executiva é presidida pelo prof. dr. Manuel Lopes de Almeida e dela fazem parte o contra-almirante Henrique dos Santos Tenreiro e os drs. Aureliano Felismino, Gonçalo Caldeira Coelho, António Caetano de Carvalho, Luís Forjaz Trigueiros e José António G. de Sousa Barrigan.

As comissões terão a faculdade de agregar outras entidades que possam prestar-lhes útil concurso.

GRIPE
AOS PRIMEIROS SINAIS
1-2 COMPRIMIDOS DE
NEO-BÊPROL
PARA UMA RÁPIDA MELHORIA DOS SINTOMAS

CHOCOLATES TAGIDES
BARREIRO · LISBOA · QUELUZ

O mundo é feito de pessoas. Cansando menos consegue-se mais.
GRANDE OURIVESARIA DA MODA
RUA DA PRATA, 257

BANCO DO ALENTEJO
também no ESTORIL

A TRADIÇÃO DA OURIVESARIA NACIONAL E DE PROBIDADE E DE COMPETÊNCIA
A
Ourivesaria da GUIA
FUNDADA EM 1870
EM QUASE CEM ANOS DE EXISTÊNCIA AJUDOU A CONSTRUIR E A MANTER ESTA TRADIÇÃO
RUA D. DUARTE 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

COMUNICADO DAS FORÇAS ARMADAS DE ANGOLA

LUANDA, 27 — (A. N. I. e L.) — Foi distribuído pelas Forças Armadas o boletim semanal, referente ao período de 16 a 22 deste mês, com o seguinte texto:

«Não se verificou durante este período qualquer alteração sensível á situação militar na província O adversário orientou a sua acção contra as actividades agrícolas. no distrito do Cuanza Norte, e contra os civis. no distrito do Moxico

A actuação das Forças Armadas da ordem não obteve resultados que se possam considerar rendosos. no aspecto das baixas causadas. pois os terroristas. na maior parte das vezes. procuraram evitar o contacto.

Assim, no que no decurso de uma operação levada a efeito na área de Quipedro, as nossas tropas assaltaram um acampamento ocasionaram dois feridos e capturaram uma pistola metralhadora e uma pistola

No distrito do Zaire. as forças militares conseguiram interceptar um numeroso grupo de terroristas, em trânsito de Sul para Norte, ao longo do rio Mpozo, tendo infligido a esse grupo três mortos e dois feridos. além de capturarem material diverso

No Cuanza Norte. o adversário efectuou três ataques a fazendas O primeiro, a sudoeste de Pang-Aluquem, causou dois feridos Outro, a sueste de Quage provocou graves ferimentos num trabalhador E o terceiro a sudoeste de Piri, ocasionou dois mortos No mesmo distrito, o adversário emboscou violentamente uma viatura militar a noroeste de Camabatela

No Moxico os terroristas atacaram uma viatura civil no itinerário Cavimba-Cangonga, causando quatro mortos e dois feridos entre os ocupantes Tentaram também, raptar um africano na área de Cazunda o qual, no entanto, logrou fugir á vigilância dos inimigos e apoderou-se de uma espingarda automática. com a qual se apresentou ás forças militares.

Por sua vez, as nossas tropas. no decurso de uma acção que realizaram a norte de Muie recuperaram cerca de uma centena de africanos e, num ataque de surpresa. executado contra um acampamento, situado na região de Luatxe. ocasionaram um ferido capturaram uma pistola - metralhadora e munições.

As milícias na área de Cangombe surpreenderam um grupo armado, ao qual causaram um morto e um ferido e apreenderam uma espingarda

Finalmente. no distrito do Cuando-Cubango. no decurso de uma operação realizada pelas forças militares e pelas milícias a sudoeste de Nriquinha. foram recuperados cerca de uma centena e meia de indivíduos

Durante este período. as nossas tropas sofreram cinco mortos e três feridos em combate E verificaram-se, ainda seis mortos e cinco feridos entre a população civil»

Comunicado do S. I. P. das Forças Armadas

O Serviço de Informação Publica das Forças Armadas comunica que morreu em combate, na província da Guiné, o soldado de milícia 826/68, Mamadu A. Jaló, natural de Guilege e filho do sr. Bubacar Jaló e da sr.ª D. Ceta Jaló

Urgência nos trabalhos preliminares para a construção do Hospital Escolar de Coimbra

COIMBRA, 27.

Na reunião da Câmara Municipal, o presidente. sr. eng.º Araujo Vieira propôs, e foi aprovada, a aquisição da Quinta das Albergarias. na Cruz de Celas. com uma área de mais de 34 mil metros quadrados, por cinco mil contos, para abertura da continuação da Rua Nicolau Chanterenne até ao Largo da Cruz de Celas. Além do prolongamento daquela artéria, a área do terreno dá para aí se construir o novo quartel para os Bombeiros Municipais, edificação de um edifício escolar que servirá as zonas de Montes Claros e Celas, e ainda para se dividir o restante em catorze lotes para implantação de prédios de sete andares

Inquiriu o sr. eng.º Azevedo Sobral, quanto ao interesse económico da referida aquisição. O presidente elucidou que foram já feitos os estudos convenientes e que o problema da drenagem das águas pluviais ficará resolvido, estabelecendo-se o saneamento por aquela zona, além de que constituirá o magnífico acesso ao futuro Hospital Escolar.

Por proposta também do sr. eng.º Araújo Vieira, a Câmara Municipal vai adquirir um prédio rústico na Guarda Inglesa, com cerca de 41 mil metros quadrados ao preço de 70$00 por m2. destinado á construção das instalações para os Serviços Municipalizados, em substituição das que actualmente existem na Rua da Figueira da Foz.

Foi, ainda, apresentado para aprovação o estudo para desafectação da zona habitacional da Quinta das Sete Fontes, solicitado, com a maior urgência, pelo Ministério das Obras Públicas e pela Cidade Universitária para arranque imediato das obras de construção do moderno Hospital Escolar.

Percurso ao invés na tradicional procissão do Senhor dos Passos da Graça

Realiza-se, no próximo domingo, a partir das 16 horas, a tradicional procissão do Senhor dos Passos da Graça.

A respectiva Irmandade organizou as seguintes cerimónias em honra da veneranda Imagem: hoje, ao fim da tarde, investidura da nova túnica á imagem, com a assistência da ala sr.ª D. Leonor de Mascarenhas Cassiano Neves, do provedor conde de Almada, do prior D. Bento Alves Ferreira e componentes da mesa administrativa. Terminada a cerimónia, a imagem será transportada no seu andor para a capela-mor, onde ficará exposta á veneração dos fiéis.

No domingo ao meio-dia, haverá missa solene, com comunhão geral; ás 15 e 30, recitação do terço, seguindo-se a organização da procissão, presidida por D. Manuel Falcão, bispo de Telepte. A procissão, este ano, percorrerá o itinerário inverso aos dos anos anteriores: sairá do templo ás 16 horas, dirigindo-se para o Largo da Graça, onde se efectuará a cerimónia do Encontro, que antigamente se efectuava no Largo de S. Vicente. Depois seguirá pela Rua da Graça, descendo a Rua da Voz do Operário, e seguindo pelo Largo de S. Vicente, Ruas de S. Vicente e de Santa Marinha, sobe a Calçada da Graça e recolhe á igreja.

HOMENAGEM A TOMAZ ALCAIDE EM ESTREMOZ

Estremoz vai prestar homenagem ao malogrado Tomaz Alcaide, falecido em 1967, oferecendo o seu nome a uma das ruas da cidade e promovendo outras manifestações de interesse cultural em sua honra.

A homenagem, promovida pelo município da bela cidade alentejana e patrocinada pela F.N.A.T., inclui a inauguração, ás 18 horas, de uma exposição, no salão nobre da Câmara Municipal, e, ás 21 e 30, uma récita, no Teatro Bernardim Ribeiro, com a ópera «Rigoletto», de Verdi (com encenação de Tomaz Alcaide), pela Companhia Portuguesa de Ópera do Teatro da Trindade, de Lisboa. Neste espectáculo colaboram o coro do Teatro Nacional de S. Carlos e a orquestra de ópera da E.N., dirigindo a récita o maestro Jaime Silva (Filho).

OVAR: ESTAÇÃO DE TRATAMENTO DE ESGOTOS

OVAR, 27 — No próximo dia 1 de Março, o sr. dr. Francisco Vale Guimarães, Governador Civil de Aveiro, visitará esta vila, a fim de inaugurar, ás 15 e 30, a estação de tratamento de esgotos, que constitui um importante melhoramento na região.

MAIS UMA SESSÃO DA SÉRIE AUDITÓRIO JUVENIL

Realiza-se hoje, ás 21 e 30, na Escola Comercial Ferreira Borges, a 36.ª sessão de Educação Musical, da série Auditório Juvenil, promovida pelo IMAVE. Toma parte a orquestra clássica IMAVE dirigida pelo maestro José Atalaya, com um programa dedicado á sinfonia n.º 29, em lá maior, de Mozart. A audição desta obra será feita mediante a utilização de tabelas numeradas e diagramas, segundo o sistema criado e desenvolvido pelo IMAVE, e será precedida de comentários explicativos acerca da sua estrutura, feitos pelo director da orquestra.

Na próxima semana realizar-se-ão mais três sessões em escolas secundárias da capital, as quais, como a de hoje, serão transmitidas pela Emissora Nacional (Rádio Educativa) aos sábados, ás 10 e 5. por Lisboa 1.

TOMBOU NA BERMA DA ESTRADA A CAMIONETA DA CARREIRA

ÉVORA, 27 — Ao seguir de Igrejinha para Évora, em virtude do estado da estrada, humida e escorregadia, a camioneta da carreira resvalou e saiu do asfalto, tombando na berma.

Os passageiros nada sofreram, além do susto e do transtorno, excepto a sr.ª D. Catarina Rosa Chaveiro, de 55 anos, solteira, doméstica, natural de Igrejinha e moradora na Rua dos Ramos, 9, Évora, que, gravemente contundida, recolheu ao hospital desta cidade, onde ficou internada

Peão atropelado perto de Redondo

O trabalhador João Felizardo Novelo, de 63 anos, solteiro, natural de Redondo e residente no Bairro António Festas, Rua 1, n.º 16, em Redondo, seguia pelo meio da estrada, a 2 quilómetros da sua terra, quando foi embatido por um automóvel conduzido pelo chefe dos correios de Reguengos de Monsaraz, sr. Ernesto Martins de Almeida. Com ferimentos vários por todo o corpo, foi socorrido no hospital de Redondo, transitando, mais tarde, para o de Évora, onde ficou internado.

CONDENADO NO BARREIRO O CRIMINOSO DE CABEÇO VERDE

BARREIRO, 27. — Em tribunal colectivo presidido pelo corregedor do círculo de Setubal, dr. José dos Santos Silveira, assistido pelos juízes desta comarca e do Montijo, foi hoje julgado Joaquim Cardoso Coupante, de 29 anos, casado, residente em Cabeço Verde, o qual era acusado de homicídio frustrado.

Segundo o processo, o réu teria no dia 18 de Dezembro último, como então noticiámos, agredido com uma facada no peito Manuel Bento Serrano Domingues, tendo da agressão resultado para o último uma incapacidade de 40 dias.

Provado o crime, mas não a intenção de matar, o réu foi condenado a dois anos e oito meses de prisão, 21 meses de multa a dez escudos diários, e no imposto de justiça e custas do processo.

SINTRA ESPERA-O NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os comboios eléctricos.

VITTORIO DE SICA NO CINEMA LYS

Há amanhã (18 e 40), no Cinema Lys, mais uma sessão para os sócios do ABC Cineclube de Lisboa, com o filme de Vittorio de Sica «Negócio á Italiana» — argumento de Zavattini e interpretação de Alberto Sordi.

Depois de amanhã, na sede á Rua Conde Redondo, 20, 3.º, dir.º, realiza-se uma sessão de convívio com musica gravada de Bob Dylan, seguida de colóquio sobre o filme «Eu sou Bob Dylan», orientado por Raul Calado.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Efec.	Compra	Venda
Consolidado 3%	—	520$	[illegible]
Consolidado 3 1/2%	541$	540$	543$
Consolidado 4 3/4%	—	—	555$
Centenários 4%	1.480$	1 475$	485$
Obrig. Tesouro 5%	1.005$	1 004$	006$
Externo 1.ª Série	—	595$	610$
Externo 2.ª Série a.	—	690$	720$
Externo 3.ª Série	—	750$	900$
Externo 3.ª Série a.	—	880$	—
Cautela 3.ª Série	200$	185$	205$
OBRIGAÇÕES			
Águas Luso 5%	—	465$	490$
A. P. L. 5% 56	960$	955$	970$
A. P. L. 5% 58	960$	955$	965$
C. P. 4 1/2% 65	—	—	930$
C. P. 5 1/2% 67	1.040$	1 030$	050$
C. U. F. 5%	—	1.015$	1 020$
C. U. F. 6% 68	—	1 004$	—
Gás Elect. 4% 48	—	865$	—
Gás Elect. 4 1/4% 51	—	905$	—
Gás Elect. 5% 52	—	920$	—
Gás Elect. 5% 58	—	930$	—
Gás Elect. 5% 59	—	900$	—
Gás Elect. 5% 64	—	940$	—
Gás Elect. 5% 66	—	940$	—
Gás Elect. 5% 65	—	940$	—
Gás Elect. 5% 67	1,030$	1 075$	1 082$
H. A. Alentejo 5%	—	830$	848$
H. E. Cávado 5%	—	845$	850$
H. E. Cávado 5%	—	—	999$
H. E. Douro 5%	—	—	850$
H. E. Douro 6%	998$	997$	999$
H. E. Norte Port. 5%	—	—	—
H. E. Estrela 6%	—	999$	—
H. E. Zêzere 5% 55	—	850$	965$
H. E. Zêzere 5% 57	—	850$	—
Lisnave 6%	—	1 006$	010$
Metropolitano 4%	—	900$	—
Metropolitano 5 3/4%	—	—	—
Moçambique 5%	—	780$	—
Nac. Electr. 4%	880$	870$	—
Nitratos 5%	—	820$	—
Nitratos % 60	—	820$	—
Petroquímica 5%	—	890$	—
Port. Celul. 5%	—	960$	—
Sacor 5% 54	—	930$	—
Sacor 5% 60	—	—	930$
Siderurgia 5% 2.ª	—	830$	835$
Siderurgia 5% 3.ª	—	825$	835$
Siderurgia 5% 4.ª	825$	825$	835$
Sonefe 5%	820$	818$	—
T. A. P. 4%	—	925$	—
Termoelect. Port. 5%	—	850$	—
U. E. P. 3 3/4%	—	82$	—
U. E. P. 4%	—	84$	—
U. E. P. 4 1/4%	—	87$	—
U. E. P. 5%	—	82$5	83$
U. E. P. 5% 60	—	—	830$
U. E. P. 5% 63	—	—	—
ACÇÕES			
Bancos			
Agricultura	975$	974$	976$
Alentejo	660$	658$	665$
Angola	1 800$	1.795$	1 805$
Burnay	—	—	—
Créd. Predial	—	—	1 950$
E. Santo	—	13 500$	14 000$
E. Santo n	—	—	—
Fonsecas S. p.	—	13 150$	13.250$
L. & Açores p	—	4.050$	4 100$
L. & Açores n.	—	—	4.050$
P. Atlântico p.	—	—	—
Português n	—	2.350$	2 400$
Português p	—	—	2,800$
Totta Aliança	—	—	—
Ultramarino n.	1.650$	1 652$	1 655$
Ultramarino p	1 865$	1 855$	1 870$
Seguros			
Alentejo	—	70$	140$
Douro	—	—	980$
Mundial	490$	490$	495$
Sagres	—	—	—
Tranquilidade	—	40 000$	45 000$
Ultramarino	—	8.500$	—
Ultramarinas			
Açúcar de Angola	—	—	—
Ag. Cassequel	—	575$	590$
Ag. Ancomat	—	—	—
Ag. Neves	—	190$	—
Ag. S. Tomé e Príncipe	260$	250$	280$
Bero	—	—	—
Buz	65$	64$	66$
Com. ndo	—	173$	177$

Ultramarinas	Efec.	Compra	Venda
Diamantes Angola	1 375$	1 370$	1 380$
M. E. Revué	590$	585$	600$
Ilha do Príncipe	—	750$	—
Moçambique	79$	79$	79$5
Sonefe n	340$	340$	355$
Sonefe p	355$	355$	360$
Zambésia	52$5	52$	52$5
Diversas			
Cidla	—	6 950$	7 000$
Cim. Leiria	—	2 500$	2,750$
Cim. Tejo	—	3 500$	—
C. Navegação	—	—	—
C. U. F.	—	1 040$	—
Fina Aliança	—	—	700$
Nac. Navegação	—	1 720$	1 800$
Petroquímica	—	—	2 310$
Port. e Colónias	—	1 235$	1 250$
Port. Celulose	—	—	—
Port. Pesca	—	—	700$
Port. Tabacos	518$	517$	520$
Sacor	—	4 750$	4.800$
Siderurgia Nac.	1 165$	1 160$	1.170$
Socel	2 155$	2 155$	2,160$
Tabacos de Portugal	—	900$	950$
Tabaqueira	11.000$	10 950$	11.000$
U. F. Azoto	750$	746$	750$
Águas Electr. Gás			
Águas Lisboa p	—	390$	—
Águas Lisboa 54	—	405$	415$
Águas Lisboa 56	—	395$	—
Eléct. Beiras	1 510$	1 500$	1 520$
Gás Electr.	392$	391$5	392$5
H. E. Alto Alentejo	161$	160$	161$5
H. E. Cávado	1 275$	1 275$	1.280$
H. E. Douro	1 263$	1.262$	1.264$
H. E. Norte Portugal	—	306$	310$
H. E. Estrela	—	1.700$	1,800$
H. E. Zêzere	1.350$	1.350$	1.355$
Nac. Electricidade	1.315$	1.315$	1.318$
Termoeléctr. Port.	1 355$	1.350$	1.360$
J.	—	194$	195$
FUNDOS DE INVESTIMENTO			
Atlântico	—	154$5	161$2
F.	—	105$2	108$4

INDICE BORGES & IRMÃO

COTAÇÃO DAS ACÇÕES (Base Dez 65 100)

	20/2/69	26/2/69	27/2/69
GERAL	112,1	111,6	111,5
METROP.	109,5	109,2	109,2
ULTRAM.	130,9	129,1	128,5

PAÍSES	Compras	Vendas
Africa do Sul — Rand	36$50	39$00
América		
— Dóllars de 1 a 2...	28$20	28$60
— Dóllars de 5 a 000	28$40	28$80
Canadá — Dollar	26$30	26$80
Alemanha — Marco	7$02	7$22
Austria — Schilling	1$08	1$15
Brasil — Cruzeiro Novo	5$50	7$50
Espanha — Peseta	$39,7	$41,2
Holanda — Florim	7$78	8$03
Inglaterra — Libra	67$50	69$50
Itália — Lira	$04,45	$04,65
Marrocos — Dirham	4$75	5$25
Bélgica — Franco	$53,5	$56,5
França — Franco	5$35	5$75
Suiça — Franco	6$55	6$75
Dinamarca — Coroa	3$65	4$00
Noruega — Coroa	3$80	4$10
Suécia — Coroa	5$40	5$70
Ouro:		
Inglaterra — Libra Isabel	323$00	338$00
Inglaterra — 1/2 Libra	260$00	280$00
Ouro fino — Barra	39$00	40$50

J. BURNAY, L.DA Notas estrangeiras Papéis de crédito
RUA DO OURO, 73 Tel. 321272

Adiadas «sine die» as eleições do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos

conselho fiscal, a comissão de interesses profissionais e a comissão de análises químico-biológicas.

A outra lista candidata é composta na maioria pelos dirigentes cessantes.

As eleições para os corpos gerentes do Sindicato Nacional dos Farmacêuticos, a que anteontem nos referíramos, não se efectuam já hoje, como chegou a ser marcado, pois o presidente da assembleia geral, dr. Correia da Silva, pôs reservas á validade da apresentação da segunda lista, estribando-se nos termos do artigo 82.º dos estatutos do sindicato.

A lista em causa foi proposta por um numeroso grupo de farmacêuticos e compunha-se, no que diz respeito á direcção, dos seguintes quatro elementos: João Carlos Leal de Matos, Manuel de Almeida Lopes, Norberto Augusto Fernandes Barreira e António Afonso Palla Carreiro.

O mesmo movimento de farmacêuticos propôs igualmente candidatos para os restantes órgãos do S. N. F., ou sejam, a mesa da assembleia geral, o conselho superior disciplinar, a comissão da indústria farmacêutica, o

Diplomas para as novas enfermeiras da C. V. P.

Efectua-se, hoje, a partir das 22 horas, na sede da Cruz Vermelha Portuguesa, a cerimónia da prestação do compromisso de honra e entrega de diplomas ás enfermeiras que ali concluiram agora o curso iniciado em 1967.

Além de familiares e amigos das novas enfermeiras, bem como de pessoal e dirigentes da C. V. P., assistirão á cerimónia representantes dos srs. ministros da Defesa e da Saúde.

O prof. Lima Basto visita os Estados Unidos

Partiu, de avião, para os Estados Unidos, o sr. prof. Lima Basto, director do Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil que vai a convite da Sociedade Americana de Cancro, participar numa reunião que se realizará em Nova Orleans.

Este encontro destina-se a fazer planos para uma conferência internacional sobre o cancro do útero, na qual se pretende que Portugal participe.

O sr. prof. Lima Basto segue, depois, para Houston no Texas onde vai tratar de assuntos relacionados com o próximo Congresso Internacional de Cancro, a realizar naquela cidade, em Maio de 1970.

Visitará ainda na cidade de Cincinnaty um hospital particularmente equipado para tratamento intensivo de doentes operados.

VIDA POLÍTICA

CONSELHO DE MINISTROS

Sob a presidência do sr. prof. dr. Marcello Caetano, reuniu-se, esta manhã, no Palácio de S. Bento, o Conselho de Ministros.

● **Subsecretário das Obras Públicas**

O subsecretário de Estado das Obras Públicas recebeu hoje os srs. eng.º João Pedro da Costa, presidente do Grupo de Trabalho dos Industriais de Construção e Obras Públicas da Comissão Interministerial de Planeamento e Integração Económica; eng.º Rogério Martins, director do Centro de Produtividade da Corporação da Indústria; e dr. M. Matos, do Grémio de Construção e Obras Públicas do Sul.

● **Secretário da Indústria**

O secretário de Estado da Indústria recebeu hoje os srs. governador-civil e presidente da Câmara de Santarém que eram acompanhados por um membro da Comissão Organizadora do Colóquio sobre a Estratégia do Lançamento do Desenvolvimento Económico-Social; eng.os Jorge Ferreirinha, Alfredo Alves e Edmundo Martinho, respectivamente presidente e administradores da Associação Portuguesa de Fundição; Mário Lino, sócio-gerente da Fábrica de Material de Precisão para Desenho; eng.º José Blanco Nogueira administrador da Mabor; coronel Francisco Eduardo Nazareth, administrador da Companhia Portuguesa de Cobre; e eng.º José Machado Vaz, presidente do concelho de administração da Hidroeléctrica do Cávado.

Novos presidente e vice-presidente do Município de Mafra

Por portarias do ministro do Interior, já remetidas para o «Diário do Governo», os srs. Adriano da Silva Figueiredo e eng.º Rui Manuel Nogueira Simões foram nomeados para o desempenho dos cargos, respectivamente, de presidente e vice-presidente da Câmara Municipal de Mafra.

As grandes obras da II Fase da Siderurgia Nacional que foram realizadas por Construções Técnicas, Lda. visitadas por futuros engenheiros

No âmbito do programa da VI Semana de Engenharia Civil, que os alunos finalistas do Instituto Superior Técnico, a exemplo dos anos anteriores, estão a realizar de 24 do corrente a 3 de Março próximo, foi feita ontem á tarde uma visita às grandes obras da II Fase da Siderurgia Nacional, no Seixal.

Em dois autocarros de turismo, postos á disposição dos finalistas pela empresa Construções Técnicas Ld.ª deslocou-se ao estaleiro daquela empresa, no local das obras, cerca de uma centena de futuros engenheiros civis. Os visitantes foram recebidos pelo director da obra, eng.º Carlos Santana, que em nome da empresa Construções Técnicas, Ld.ª lhes desejou as boas-vindas e se congratulou por tão elevado número de presenças. Frisando a importância de uma tal visita, disse estar a empresa ao dispor dos alunos do Instituto Superior Técnico para os receber nas suas obras, em pequenos ou grandes grupos, sempre que a natureza dos trabalhos lhes despertasse interesse.

Seguiu-se uma breve exposição sobre as características e grandes dimensões da obra destinada á instalação da laminagem de chapa a frio, dentro de uma área coberta de 50 000 m2. Foi descrita, também, sumáriamente, a organização que permitiu realizar em 12 meses 70 por cento daquela grandiosa instalação. Para alcançar tal objectivo todos os pormenores foram previamente estudados, desde o serviço de angariação de mão-de-obra especializada, que permitiu recrutar em todo o País e instalar em alojamento próprio cerca de 600 operários, ao planeamento e «controle» horário da produção.

Na construção das grandes naves industriais, que oferecem uma vasta panorâmica a quem passe na estrada de Setubal, aplicaram-se 70 000 m2 de moldes, 40 000 m2 de betão e cerca de 2500 toneladas de varão de aço cujo comprimento cobre a distância de Lisboa a Berlim. Estas quantidades de materiais foram aplicadas na obra em 12 meses, tendo a empresa procedido, no mesmo tempo, a um movimento de 400 000 m2 de terras, o que implicou escavações com 10 metros de profundidade e rebaixamentos do nível freático na altura de 5 metros e cobrindo áreas de 5000 m2.

Durante a visita, organizada em três grupos devidamente enquadrados por engenheiros de Construções Técnicas, Ld.ª, os futuros engenheiros, envergando botas, capacetes de segurança, mostraram grande interesse pelos trabalhos.

No refeitório da cantina, anexa á cooperativa existente no estaleiro da obra, foi servido um beberete.

Um plano de transportes foi hoje discutido na VI Semana de Engenharia

No Instituto Superior Técnico prosseguiu hoje, a VI Semana de Engenharia Civil com uma palestra proferida pelo sr. eng.º Morbey Ferreira, do Grupo de Estudos e Planeamento de Tranaportes, subordinada a um tema da especialidade.

O palestrante abordou fundamentalmente três aspectos, um plano de transportes como instrumento de previsão; o mesmo plano como instrumento de orientação e escolha de investimentos; e, ainda, como definidor de uma política de acção económica.

A palestra foi seguida de debate.

De tarde foram exibidos vários filmes entre os quais a reportagem da viagem da «Apolo 8».

A Semana termina na próxima segunda-feira.

CHEFE DE GABINETE DO MINISTRO DO INTERIOR

Pelo Ministério do Interior, vai ser enviada para o «Diário do Governo» uma portaria que nomeia o sr. capitão Geraldes Nunes para o cargo de chefe do gabinete do ministro do Interior, em substituição do sr. dr. Augusto Campos Melo.

O sr. cap. Geraldes Nunes tem vindo a desempenhar as funções de secretário do ministro dr. Gonçalves Rapazote.

Carlos Lacerda em Lisboa uma vez mais

Carlos Lacerda, o ex-governador do Estado da Guanabara, chegou a Lisboa acompanhado pela esposa — conforme já foi noticiado — e passeou durante a manhã de hoje pela nossa capital.

Lacerda, que ontem á noite ouviu fado num recinto típico de Lisboa, esteve de manhã em Queluz e almoçou com o dr. Nuno Simões.

Esta sua nova viagem a Lisboa parece ter objectivos financeiros, segundo círculos bem informados.

Dia da Unidade de Caçadores 5

Comemora-se hoje o dia da unidade do Batalhão de Caçadores 5.

Ás cerimónias começaram ás 6 e 30 com a alvorada, com fanfarra e prolongaram-se por todo o dia, tendo participado nelas o governador Militar de Lisboa.

Além de várias palestras, de uma missa campal e do desfile das forças em parada, salientou-se a homenagem que o batalhão prestou, pelas 11 e 45, aos seus mortos.

Muçulmanos portugueses

A Comunidade Islâmica de Lisboa reuniu hoje, pelas 10 horas, todos os muçulmanos residentes em Portugal comemorar para a oração de «Id'ul-Quibir» ou «Id'ul-Adá», dia comemorativo do fim da peregrinação a Meca.

A esta oração que se realizou, por falta de uma mesquita em Lisboa, na Embaixada do Paquistão, gentilmente cedida para o efeito, assistiram todos os membros do corpo diplomático dos países islâmicos acreditados em Lisboa.

É comestível o óleo de semente de tomate

Uma portaria dos Ministérios da Economia e da Saúde e Assistência, hoje publicada no «Diário do Governo», considera directamente comestível o óleo de semente de tomate.

A mesma portaria esclarece que «a designação de óleo de semente de tomate é dada á gordura refinada obtida da semente do mesmo nome».

Este óleo depois de refinado deverá ter além de outras características, o aspecto límpido e ser incolor ou de cor amarela cuja intensidade seja igual ou inferior ao valor 2 da escala de Iodo.

Ao óleo de semente de tomate é obrigatória a adição de 5 por cento de óleo de gergelim, que actuará como revelador e que deve dar um resultado nítidamente positivo na reacção de Bendouin, modificada por Villavecchia e Fabris.

Necrologia

FALECIMENTOS

Augusto César Mendes Lages

Faleceu o sr. Augusto César Mendes Lages, de 80 anos, funcionário público aposentado, natural de Loriga (Seia).

O extinto, era casado com a sr.ª D. Violeta de Almeida Lages, era pai das sr.as D. Ofélia de Almeida Mendes Lages, D. Maria de Fátima Almeida Lages, D. Maria Alcina Almeida Lages e do sr. Orlando de Jesus Mendes Lages.

O funeral, a cargo da Agência Barata, realiza-se amanhã ás 8 e 45 horas, da igreja do Santo Condestável, para o cemitério de Almeida.

Manuel António Quadros de Seixas

Faleceu o sr. Manuel António Quadros de Seixas, de 62 anos de idade, natural de Lisboa, chefe de Secretaria do 4.º Juízo Correccional aposentado, casado com a sr.ª D. Maria Carolina Magno Ferreira Guerra de Seixas, pai dos srs. Manuel Maria Guerra Barros de Seixas e de Luís Paulo Guerra de Seixas.

O seu funeral a cargo da CASA A. G. MAGNO, LDA., da Avenida Almirante Reis, realizou-se hoje da Igreja de S. João de Brito, para o cemitério do Lumiar.

Dr. Fernando Pinharanda

Constituiu sentida e expressiva manifestação de pesar o funeral do sr. dr. Fernando Pinharanda, que, embora civil, saiu hoje da igreja de São João de Brito, com grande acompanhamento para o cemitério do Alto de S. João.

Filho de um democrata prestigioso, íntegro e honrado, que foi um dos propagandistas da República e muito contribuiu para a implantação do regime, o dr. Fernando Pinharanda era, também, um idealista, de arreigadas e esclarecidas convicções, compreensivo, generoso e tolerante, que se impunha pelo aprumo e a elegância das suas atitudes. Impunha-se, também, pelo trato cativante, pela finura de espírito e pelo brilho da inteligência. Considerado pelos méritos científicos, o dr. Fernando Pinharanda, licenciado em Farmácia, pertencia, desde há muitos anos, aos Serviços Farmacêuticos da Misericórdia de Lisboa e era proprietário da Farmácia Pinharanda. Pela bondade, a inteireza de carácter e a afável comunicabilidade, era largamente estimado.

Natural de Lisboa, contando 60 anos, o dr. Fernando Pinharanda (de seu nome completo Fernando Rodrigues Ferreira Pinharanda) era casado com a sr.ª D. Maria do Carmo de Almeida e Silva Pinharanda, pai das sr.as D. Sofia do Carmo, D. Maria Ester e D. Maria Hortense da Silva Pinharanda e do sr. eng.º José Fernando da Silva Pinharanda, e irmão do sr. Hernani Rodrigues Ferreira Pinharanda e das sr.as D. Stella Rodrigues Ferreira Pinharanda Rego e D. Aline Rodrigues Ferreira Pinharanda.

D. Ana Maria das Neves Rodrigues

BRAGANÇA, 27 — Faleceu a sr.ª D. Ana Maria das Neves Rodrigues, de 87 anos, natural da freguesia de Mofreita, do vizinho concelho de Vinhais, viúva do sr. Francisco Candido Rodrigues. Vivendo nesta cidade, e muito estimada, era mãe da sr.ª D. Filomena de Jesus Rodrigues escriturária da Zona de Fiscalização da Inspecção-Geral de Actividades Económicas. O seu funeral foi muito concorrido por pessoas de todas as classes sociais.

Vasco Lami Rodrigues Matias

Alferes piloto aviador

Realiza-se amanhã, o funeral do alferes piloto aviador Vasco Lami Rodrigues Matias, falecido em Angola a 20 de Dezembro de 1968, em missão de serviço.

O féretro sai da capela do Hospital Militar Principal, na Rua de Artilharia 1, para jazigo de família, no cemitério dos Prazeres.

SUFRÁGIOS

Afonso XIII de Espanha

Na igreja de S. Roque, celebram-se amanhã exéquias em sufrágio das almas do rei Afonso XIII de Espanha e de todos os outros monarcas espanhóis. Assiste o embaixador de Espanha.

AGÊNCIA MAGNO
FUNDADA EM 1874
Não tem qualquer sucursal na Av. Almirante Reis
Telefones 534167 P.P.C.A. (4 linhas) 43189/662772/280022

COMUNICAÇÕES SOBRE CIRURGIA DA MÃO

Reune-se amanhã, ás 22 horas, a Sociedade Portuguesa de Cirurgia da Mão (secção da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa), para tomar conhecimento de duas comunicações intituladas «Impressões sobre a reunião da Sociedade Americana de Cirurgia da Mão» e «Estado actual dos trabalhos da Federação Internacional das Sociedades de Cirurgia da Mão».

PRÉDIO URBANO sito na Rua Damasceno Monteiro, número 51

RENDIMENTO: 139920$00—BASE: 1853000$00

LEILÃO JUDICIAL

DIA 1, ÀS 11 HORAS

Por determinação do Meritíssimo Corregedor da 4.ª Vara Cível da Comarca de Lisboa, nos autos de Acção de Separação de bens, pendentes na 1.ª Secção, será posto em praça, NO PRÓPRIO LOCAL, o imóvel acima indicado, que se compõe de cave, r/c., 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º andares, lados direito e esquerdo.

A LEILOEIRA, LDA.

Avenida 5 de Outubro, 23, 1.º-LISBOA-Telefones: 45934-46259

O «Diário de Lisboa» vende-se no Porto

O «Diário de Lisboa» encontra-se á venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

COMPANHIA NACIONAL DE ELECTRICIDADE, S. A. R. L.

AVENIDA CASAL RIBEIRO, 50 — LISBOA

CAPITAL SOCIAL: 630 000 000$00

SORTEIO DE OBRIGAÇÕES —

Comunica-se aos Senhores Obrigacionistas que, conforme avisos publicados na Imprensa de 8 do corrente mês de Fevereiro, foram sorteados os títulos a seguir mencionados, os quais serão reembolsados a partir de 1 de Março próximo.

Os títulos representativos de mais de uma obrigação são identificados, para simplificação, pelos seus primeiros números

OBRIGAÇÕES DE 4 % — 1949/1969

TITULOS DE 20 OBRIGAÇOES

21	1141	2461	3021	4461	4741	7341	11421	12381	13321	13761	15741	17141
581	2441	3101	4101	4561	5861	7741	12181	12501	13681	14301	16121	—

TITULOS DE 10 OBRIGAÇOES

17481	19201	19961	20931	21431	22831	23271	25271	26261	26881	27371	28101	—
17541	19231	20151	20981	21671	22971	23291	25341	26691	27121	27481	29251	—
17881	19471	20471	21401	21751	22991	24621	26131	26781	27301	27781	—	—

TITULOS DE 5 OBRIGAÇOES

29936	30846	32131	33351	35016	35601	37041	38331	40291	42406	43706	45556	—
30096	30901	32161	33406	35021	35611	37066	38631	40356	42531	44026	45686	—
30171	30966	32246	33456	35106	35806	37226	38826	40791	42841	44101	45691	—
30216	31166	32281	33506	35241	35851	37451	38996	41121	43031	44271	46001	—
30401	31376	32611	33991	35296	36186	37601	39006	41501	43061	44396	46011	—
30441	31436	32666	34636	35376	36386	37746	39106	41931	43226	44666	46351	—
30526	31941	32981	34801	35516	36601	37986	39316	42031	43576	44981	46401	—
30746	32036	32986	34946	35551	36936	37996	40191	42221	43841	45331	—	—

TITULOS DE 1 OBRIGAÇAO

46433	47664	48676	49482	50735	51580	52664	53568	54273	55243	56617	57944	59170
46436	47723	48685	49548	50738	51581	52697	53575	54294	55288	56714	57990	59177
46445	47728	48753	49568	50743	51604	52730	53586	54303	55310	56720	57996	59190
46448	47817	48825	49579	50744	51630	52737	53606	54321	55320	56726	58014	59215
46519	47850	48841	49609	50749	51610	52780	53626	54333	55330	56732	58061	59223
46558	47856	48862	49617	50857	51649	52781	53653	54375	55421	56865	58070	59264
46576	47884	48894	49620	50876	51673	52787	53697	54403	55455	56871	58080	59288
46610	47910	48916	49717	50894	51675	52834	53698	54421	55484	56895	58171	59375
46641	48019	48929	49756	50902	51676	52851	53710	54422	55490	56908	58172	59428
46646	48024	48931	49822	50916	51681	52855	53776	54531	55572	56927	58180	59466
46716	48034	48969	49922	50932	51784	52912	53804	54594	55580	56951	58264	59522
46971	48121	48971	49976	50937	51810	52925	53832	54684	55585	56981	58269	59527
46977	48130	48979	49981	50944	51814	52957	53833	54691	55845	57063	58283	59529
47030	48136	49004	50051	51036	51879	52986	53836	54716	55705	57086	58418	59577
47055	48193	49023	50101	51038	51891	52998	53837	54751	55852	57189	58463	59579
47114	48211	49050	50112	51067	51903	53009	53965	54754	55860	57231	58556	59583
47140	48223	49082	50217	51095	51942	53127	53972	54780	55911	57233	58623	59596
47172	48282	49092	50295	51120	51978	53133	53978	54838	55938	57277	58678	59664
47249	48294	49105	50314	51127	51986	53175	54032	54871	55939	57358	58688	59730
47315	48313	49157	50389	51159	52034	53207	54040	54915	55972	57421	58930	59786
47357	48341	49165	50401	51208	52061	53234	54091	54956	56074	57465	58963	59922
47367	48364	49167	50409	51219	52110	53237	54101	55000	56144	57532	59013	59936
47389	48387	49218	50509	51227	52209	53252	54114	55043	56176	57606	59021	59947
47396	48471	49272	50558	51254	52240	53277	54117	55059	56186	57692	59033	—
47464	48476	49273	50587	51309	52336	53342	54155	55087	56300	57774	59037	—
47465	48534	49312	50838	51317	52449	53368	54169	55094	56329	57819	59081	—
47502	48536	49317	50940	51322	52514	53393	54197	55127	56474	57826	59090	—
47532	48584	49323	50989	51467	52520	53406	54206	55154	56497	57891	59096	—
47536	48594	49427	50703	51483	52589	53430	54209	55167	56539	57848	59110	—
47561	48644	49452	50712	51528	52610	53505	54233	55185	56581	57862	59129	—
47575	48658	49480	50716	51530	52612	53530	54270	55236	56633	57870	59147	—

OBRIGAÇOES DE 5 % — 1954/1982

TITULOS DE 100 OBRIGAÇOES

00101	65601	66201	79801	80301	81101

TITULOS DE 20 OBRIGAÇOES

89881	89981

TITULOS DE 10 OBRIGAÇOES

90661	91261	92801	93181	94771	95801	97111	98301
91121	92821	93391	94301	95721	96871	97801	—

TITULOS DE 5 OBRIGAÇOES

98426	98921	99436	101021	101541	101711	101871	103211	103506	104716
98791	99006	99491	101071	101621	101741	102541	103346	103596	105431
98856	99156	100096	101141	101666	101816	102991	103411	104196	106016

TITULOS DE 1 OBRIGAÇAO

106116	106805	107192	107826	108173	108475	108610	108824	109081	109131	109338	109738
106174	106891	107497	107845	108216	108499	108636	108878	109095	109145	109474	109804
106512	107034	107564	107868	108247	108507	108730	108905	109096	109269	109649	109933
106562	107103	107651	107976	108317	108546	108798	108910	109118	109273	109679	109974
106632	107181	107770	108099	108311	108603	108818	108996	109122	109290	109707	109978

OBRIGAÇOES DE 5 % — 1955/1982

TITULOS DE 20 OBRIGAÇOES

111761

TITULOS DE 10 OBRIGAÇOES

112101	115061	119581	120701	123001	125021	126981	131021	133791	135241	137911	
112731	115801	119671	120781	123561	125271	128921	131141	133921	136831	137991	
113041	117511	120091	122651	124031	126501	129591	132311	134331	136851	138081	
114021	118731	120481	122881	124271	126591	129721	132801	134961	137101	138841	
114871	119511	120521	122951	124381	126661	130321	132821	135111	137851	—	

TITULOS DE 5 OBRIGAÇOES

138871	140401	141791	142051	143471	144596	146691	148361	149721	150361	151611	
139156	140620	141921	142411	143696	145661	146736	149686	149766	150666	151846	
139326	140881	141961	142506	143841	145756	146906	149056	149846	150721	152196	
139701	140931	142001	142621	143871	145866	146981	149066	150256	151416	152201	
140096	141181	142016	143346	143946	146531	147276	149136	150316	151476	152391	

TITULOS DE 1 OBRIGAÇAO

152616	153321	153807	154433	155027	155700	156278	157107	158054	158528	159394	
152747	153421	153835	154440	155152	155712	156465	157134	158080	158560	159469	
152762	153431	153867	154441	155226	155836	156526	157160	158139	158585	159471	
152807	153465	153878	154479	155329	155842	156530	157192	158156	158680	159733	
152912	153483	153938	154480	155338	155858	156579	157201	158157	158796	159747	
152952	153499	154030	154514	155344	155900	156628	157236	158174	158809	159785	
152985	153503	154102	154539	155347	155913	156641	157306	158258	158914	159812	
152990	153512	154117	154578	155377	155925	156663	157596	158286	158976	—	
153108	153593	154153	154619	155409	155985	156731	157597	158345	158985	—	
153109	153642	154187	154640	155422	156012	156744	157862	158348	159025	—	
153158	153681	154280	154657	155527	156038	156975	157882	158355	159066	—	
153162	153694	154325	154668	155535	156067	156985	157903	158356	159184	—	
153205	153741	154327	154682	155552	156148	156987	157906	158378	159219	—	
153231	153743	154328	154805	155566	156202	157006	157960	158391	159231	—	
153291	153753	154357	154876	155668	156233	157017	157990	158393	159292	—	
153311	153759	154377	154944	155679	156247	157058	158041	158425	159375	—	

OBRIGAÇOES DE 5 % — 1956/1983

TITULOS DE 100 OBRIGAÇOES

160401	163001	173001	173701

TITULOS DE 20 OBRIGAÇOES

184141

TITULOS DE 10 OBRIGAÇOES

184961	185221	185231	185711	187911	188711	189001	189641	190001	190181

TITULOS DE 5 OBRIGAÇOES

	190236	191161	191836	192846	193701	194206	195286	195631	
	191111	191271	192021	193061	193726	195071	195321	197096	
	191156	191431	192601	193266	193956	195076	195581	—	

TITULOS DE 1 OBRIGAÇAO

197284	198002	198461	198945	199850	200593	201382	202220	203305	204212	204889
197291	198018	198541	198991	199887	200650	201428	202228	203428	204227	204928
197293	198050	198593	199033	199904	200694	201450	202352	203464	204300	204968
197335	198061	198608	199095	199959	200698	201485	202569	203493	204393	204974
197593	198082	198622	199338	199979	200782	201603	202708	203554	204404	—
197642	198089	198664	199513	200163	200801	201779	202802	203736	204485	—
197715	198169	198712	199539	200228	200831	201814	202964	203768	204538	—
197727	198250	198722	199553	200279	201108	201932	203067	203808	204568	—
197737	198289	198757	199563	200327	201116	201971	203199	203995	204638	—
197851	198297	198761	199587	200337	201165	201997	203216	204030	204761	—
197891	198311	198809	199613	200440	201166	202118	203271	204092	204801	—
197988	198450	198874	199747	200500	201184	202195	203284	204171	204833	—

OBRIGAÇOES DE 5 % — 1957/1985

TITULOS DE 100 OBRIGAÇOES

209201	212801

TITULOS DE 10 OBRIGAÇOES

216391	219251	219721	220911	221751	224151	226181	228531	
216601	219321	220011	221221	222591	224681	226651	230991	
219091	219521	220731	221711	222891	226111	227201	—	

TITULOS DE 5 OBRIGAÇOES

232846	235216	237881	239296	240156	241226	242111	242836	244301	248231
232946	235276	237936	239471	240466	241286	242116	242971	245506	248331
234176	235486	238591	239961	241076	241296	242491	243461	246566	—
235111	235926	238711	240071	241156	241686	242526	243471	247196	—
235136	237851	238886	240081	241221	241991	242531	243776	247766	—

TITULOS DE 1 OBRIGAÇAO

248550	249103	249931	250497	251075	251603	252229	252849	253522	254473
248581	249129	249952	250559	251301	251608	252260	253015	253677	254574
248680	249143	249973	250560	251369	251618	252305	253103	253808	254645
248715	249147	249976	250578	251412	251648	252370	253107	253842	254702
248776	249216	250018	250581	251421	251658	252383	253115	253844	254708
248806	249244	250030	250603	251494	251703	252422	253133	253859	254779
248833	249359	250108	250619	251498	251739	252462	253322	253882	254871
248851	249412	250238	250682	251505	251763	252549	253360	254021	—
248924	249509	250313	250703	251518	252024	252561	253407	254106	—
249010	249705	250454	250751	251522	252083	252599	253421	254112	—
249053	249880	250466	250809	251530	252084	252704	253446	254158	—
249094	249888	250468	250859	251547	252132	252744	253458	254176	—

OBRIGAÇOES DE 5 % — 1959/1987

TITULOS DE 10 OBRIGAÇOES

255581	256151	256851	257221	258321

TITULOS DE 5 OBRIGAÇOES

258601	259651	261151	261901	263496	264766	265641	266966	267521
258786	259816	261506	262836	263676	264956	265831	267241	—
259196	260166	261731	263061	264276	265281	266436	267341	—

TITULOS DE 1 OBRIGAÇAO

267707	268535	269330	270263	271157	271751	272371	273199	273890	274422
267778	268541	269511	270349	271181	271819	272400	273200	273927	274449
267840	268772	269793	270358	271227	271915	272479	273223	273938	274479
268019	268800	269820	270720	271352	271930	272640	273290	273939	274567
268061	268883	269827	270858	271358	271946	272708	273305	273954	274676
268077	268903	269849	270897	271439	272014	272727	273347	274109	274700
268081	268919	269901	270927	271480	272062	272765	273374	274179	274748
268168	268978	269920	270938	271499	272091	272996	273383	274250	274767
268169	269086	269972	270987	271501	272150	273079	273717	274347	274901
268253	269125	270073	271008	271609	272175	273081	273773	274365	—
268484	269142	270107	271058	271677	272361	273140	273846	274367	—

OBRIGAÇOES DE 5 % — 1960/1988

TITULOS DE 20 OBRIGAÇOES

275501

TITULOS DE 10 OBRIGAÇOES

275891	278551	282351	283541	286461	287061	290221	292071	
277471	281181	282781	284591	286981	288561	290821	293141	
278421	281241	283431	285691	287001	290141	291931	293581	

TITULOS DE 5 OBRIGAÇOES

294691	296021	297971	299586	300821	302686	305381	308466	312351	314331
294761	296801	298386	299651	301351	302801	305451	308501	312761	314410
294776	296916	298871	300001	301636	304091	305716	311041	313016	314491
294821	297386	298956	300016	301821	304731	306351	311256	313226	314581
294836	297696	299226	300191	302176	305076	306581	311871	313326	314661
295976	297876	299371	300211	302406	305306	306706	312136	313441	315921

TITULOS DE 1 OBRIGAÇAO

316282	317021	317979	318930	319698	320787	321477	322107	323502	324640
316352	317158	318004	318957	319740	320795	321545	322420	323528	324657
316392	317184	318122	318962	319805	320875	321552	322504	323872	324707
316530	317199	318174	318970	319810	321031	321589	322569	323962	324774
316591	317203	318203	319008	319947	321058	321630	322702	323969	324908
316608	317210	318215	319094	320074	321275	321684	322717	323981	—
316618	317250	318298	319151	320414	321337	321745	322730	324123	—
316717	317428	318332	319340	320502	321350	321768	322811	324209	—
316796	317457	318469	319342	320627	321387	322007	323029	324288	—
316854	317583	318486	319507	320665	321414	322029	323035	324358	—
316922	317681	318534	319655	320692	321433	322088	323258	324382	—
316971	317921	318879	319662	320779	321439	322099	323495	324556	—

Juros líquidos a pagar a partir da mesma data de 1 de Março próximo

EMISSÕES	Cupões N.os	Nominativos		Portador	
		Prev. e Ass. Soc. Mútuos	Outros	Regist.	Não Regist.
4% — 1949/69	40	19$76,12	16$96,92	17$30,8	13$56,64
5% — 1954/82	30				
5% — 1955/82	28				
5% — 1956/83	26				
5% — 1957/85	24	24$78,37	21$29,37	21$51	16$95,8
5% — 1959/87	20				
5% — 1960/88	18				
5% — 1966/85	6				
5% — 1966/84	5	24$75	—	—	—
6% — 1968/86	2	29$70	20$85,6	—	27$15,6

O pagamento dos juros e reembolsos das obrigações sorteadas efectuar-se-á na Sede da Companhia e nos seguintes Estabelecimentos de Crédito e suas Filiais:

CAIXA GERAL DE DEPOSITOS, CREDITO E PREVIDENCIA — BANCO DA AGRICULTURA — BANCO DE ANGOLA — BANCO BORGES & IRMÃO — BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA — BANCO DE FOMENTO NACIONAL — BANCO FONSECAS & BURNAY — BANCO LISBOA & AÇORES — BANCO PINTO & SOTTO MAYOR — BANCO PORTUGUES DO ATLANTICO — BANCO TOTTA-ALIANÇA — CREDIT FRANCO-PORTUGAIS — MONTEPIO GERAL — AUGUSTINE, REIS & C.ª

Nos termos legais, estão sujeitos a prescrição os títulos já sorteados e ainda não reembolsados. Havendo títulos nestas condições, relativos a sorteios anteriores, convidam-se os Snrs. Obrigacionistas a procederem à verificação nos locais onde efectuem o recebimento dos juros.

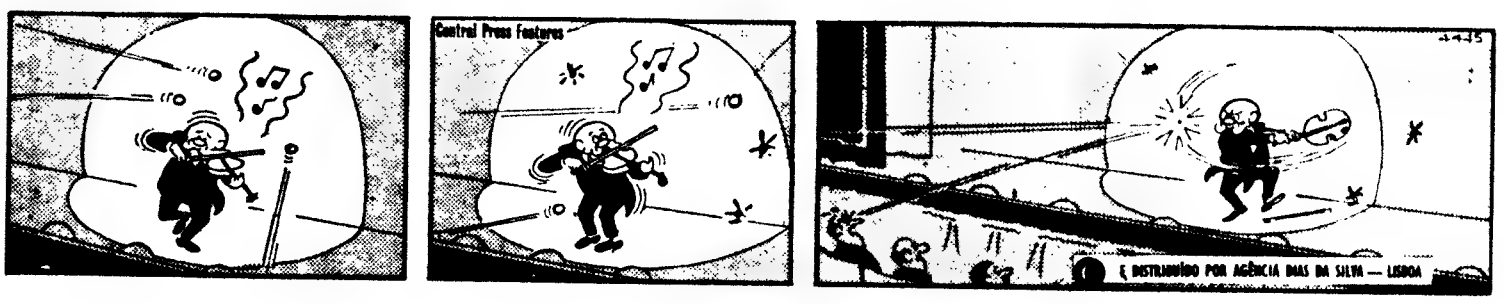
Lisboa, 21 de Fevereiro de 1969

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Os Peanuts

Carol Day

Aventuras do Tio Carlos



Palavras cruzadas

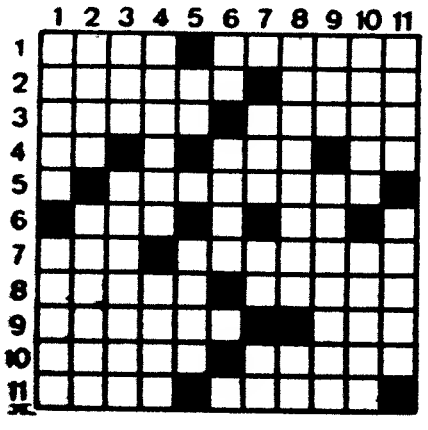
(COM PROVÉRBIO)

PROBLEMA N.º 5101

HORIZONTAIS: 1 — Argola. Escapar. 2 — Esposo. Vantajosa. 3 — Filetras de árvores. Empregais. 4 — Piedade. Cidade da França, no departamento de Vaucluse. Preposição. 5 — Confrontei. 6 — Chefe etíope. Artigo (pl.) 7 — Rasteira. Lucros. 8 — Arriba. Vagueias. 9 — Abertura nas paredes para dar ar e luz. Pega. 10 — Fruto da silva. Currais. 11 — Flor da roseira. Montões.

VERTICAIS: 1 — Querido. Rarar. 2 — Sem valor. Revista. 3 — Pronome pessoal. Casas onde se dança, joga, etc. 4 — Despretenciosos. Simples. 5 — Pertences. Amofina. 6 — Símbolo químico do érbio. Irra! 7 — Concova. Conceda. Escarnece. 8 — Separar. Preposição. 9 — Deusa. Caminho público. 10 — Refutei. Terreno com vegetação num deserto. 11 — Nivele. Catafalcos.

Resolveu completamente este problema?
Procure agora, em segundo passatempo, o PROVÉRBIO nele inscrito.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5100

HORIZONTAIS: 1 — Tratados. 2 — A t e l. Ideias. 3 — Sim. Aripo. 4 — PENSA. Osco. 5 — Aos. Anti. Es. 6 — Ais. 7 — ANTES. Más. 8 — Mais. Arrobe. 9 — PROCEDE. Ira. 10 — Arcolina. Ar. 11 — Meou. Ao. Era.

VERTICAIS: 1 — Mas. Acampam. 2 — Tipo. Narre. 3 — Temes. Tioco. 4 — Ri. Pescou. 5 — Aso. El. 6 — Tirana. Adia. 7 — Adi. Tirreno. 8 — DEPOIS. 9 — Aios. Mos. 10 — Só. Celebrar. 11 — Sãos. Seara.

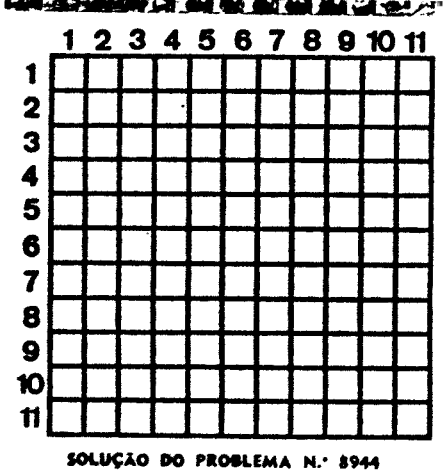
(Provérbio: PENSA ANTES, PROCEDE DEPOIS).

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 8945

HORIZONTAIS: 1 — Artigo definido (ant.) Rio de Portugal. Cinquenta e cinco em romano. 2 — Competidor. Tempo do verbo estar. 3 — Respeite. Habitante da Mauritânia. (fem.) 4 — Jarro (planta). Interjeição que serve para fazer recuar os bois. 5 — Ente. 6 — Abreviatura de Santíssimo. Enrubescem. Viração. 7 — Idiotas (pop.). Nome de peixe. 8 — Bordo (planta). Irmão de Abel. 9 — Título honorífico na Índia. Pronome possessivo. Senhora. 10 — Pronome pessoal. Letra grega. Preposição latina que designa movimento. 11 — Deste modo. Velha.

VERTICAIS: 1 — Estava. Cidade do antiga Grécia. 2 — Terreno fechado, destinado a torneios. Tireis. 3 — Atravessa. Pronome possessivo. 4 — Quantidade. Colonido. Quinhentos e um em romano. 5 — Untuosos. Preposição. 6 — Érbio (s. q.). Bílis. 7 — Moveras os remos. Joeira. 8 — Sufixo que designa abundância (pl.). Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes holandeses e escoceses. Prefixo de privação. 9 — Nome do maior satélite de Saturno. Chefe etíope. 10 — Apelido. Acrescentaras. 11 — Passa rápidamente. Urdida.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8944

HORIZONTAIS: 1 — Gurilhadeses. 2 — Ureia. Amara. 3 — Ion. Lar. 14 — Te. Pisco. Sr. 5 — Poteara. 6 — Meca. Rato. 7 — Dano. Oiro. 8 — Aia. Pás. Adi. 9 — Cá. Minas. Er. 10 — Ainão. Morno. 11 — Raída. Amuas.

VERTICAIS: 1 — Guita. Docar. 2 — Uras. Maia. 3 — Ien. Pena. Ni. 4 — Li. Paço. Med. 5 — Habita. Pisoa. 6 — Se. Eon. 7 — Dançar. Samo. 8 — Em. Orão. Som. 9 — Sal. Atiá. Ru. 10 — Eras. Ordena. 11 — Saire. Oiros.

HÁ 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 27 de Fevereiro de 1939 publicava:

«CÓRDOVA, 27. — A emissora desta cidade anunciou que o Governo do generalíssimo Franco aguarda que os governos de Paris e Londres reconheçam de «facto» e de «jure» o Governo de Burgos, para enviar um ultimato aos dirigentes vermelhos intimando-os a renderem-se imediatamente e sem condições.

«Acrescenta que Franco, no ultimato que dirigirá àqueles dirigentes, afirma que, se eles se não renderem e entregarem as armas no prazo marcado, um exército composto de 600 mil homens, 1000 peças de artilharia, 800 aviões e mais de 300 tanques iniciará imediatamente uma grande ofensiva, a fundo, contra a zona vermelha.»

ALUGUER SEM CONDUTOR
CARROS NOVOS - PREÇOS ACESSÍVEIS

Avenida Padre Manuel da Nóbrega, 10-B
Telefs.: 72 76 54 72 49 75
LISBOA

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA
ALUGAM SE
Estabelecimentos VALENTIM DE CARVALHO
Comércio e Indústria, S A R L — 95, Rua Nova do Almada 99 — LISBOA

MECANIZAÇÃO DE SERVIÇOS
CONTAS CORRENTES, SALÁRIOS, ETC.
EFICEX KIENZLE
LISBOA: Av. João XXI, 4-A
LEIRIA: Rua Sago Coutinho, 22 e 24
PORTO: Rua Passos Manuel, 228 - 2.º Dto.

DINHEIRO
S/ AUTOMOVEIS
Empresta se em boas condições. Transacções rapidas Sigilo absoluto
SONIPAL
R CONDE REDONDO 14 2º
TELEFNS. 52248 596580

✝

Angel Regojo Rodriguez

MISSA DO 1.º ANIVERSÁRIO

Sua esposa Consuelo Fernandez Alfaya, filhas Concepción e Maria do Rosário, genros Cecílio Fernandez Fernandez e Orlando Neves dos Santos, netos, irmãos, sobrinhos e mais família participam que amanhã, dia 28, serão rezadas missas do seu eterno descanso, às 12 horas na Igreja do Sacramento (ao Chiado) e às 19 horas na Igreja Paroquial da Charneca do Lumiar.

Agradecendo desde já a todas as pessoas que se dignarem assistir a estes piedosos actos.

AGÊNCIA GIL

J. PIMENTA S.A.R.L.

ANDARES

AMADORA FRENTE À ESTAÇÃO DO C. F. E REBOLEIRA

PAÇO D'ARCOS ESPARGAL LINDA VISTA DO MAR

LINHAS DE SINTRA E CASCAIS ESPECIALMENTE AMADORA, VENDA NOVA E PAÇO D'ARCOS

Apartamentos Mobilados

190 CONTOS RENDEM-LHE 1.187$50 MENSAIS

Garantido no acto da escritura por 12 anos, pago directamente onde o cliente indicar.
Ao cliente é facultado o direito de habitar ou administrar directamente.

ARMAZÉNS E GARAGEM DE RECOLHA

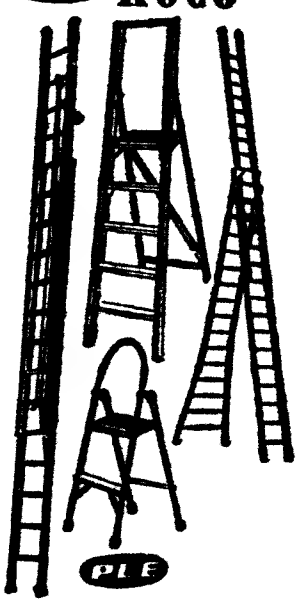
REBOLEIRA E VENDA NOVA — VENDA OU ALUGUER

Só vendemos propriedades próprias, construídas pela nossa organização.
Informe-se nos nossos escritórios porque só nós poderemos dar esclarecimentos certos e honestos

LISBOA: Rua Conde Redondo, 53, 4.º, Esquerdo — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Serviço Permanente — Telefone 93 36 70

ESCADAS—ESCADOTES
ANDAIMES EM DURALUMÍNIO
FABRICO HOLANDÊS E INGLÊS

PLE KOCO



Representantes em Portugal:
SOCIEDADE REP. LISBISSAU, LDA.
Rua Tomás Anunciação, 71-A
LISBOA Telef. 65 14 09

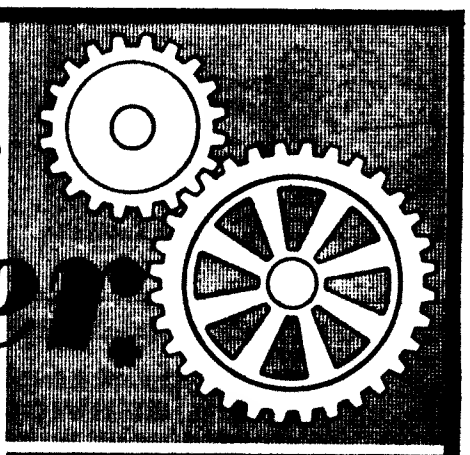
DESENGORDURANTE INDUSTRIAL A FRIO

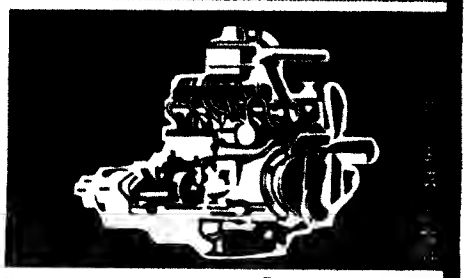
Jizer.

Rápido
Eficiente
Económico

NÃO É CÁUSTICO
TÓXICO NEM CORROSIVO

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO GRÁTIS





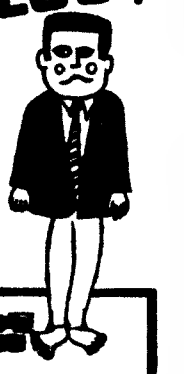
Danisol REPRESENTAÇÕES, LDA.

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 20, R/C-D TELEFS 4 53 37 / 53 08 40 LISBOA-1

LUSTRES

Fazemos novos, reparamos, transformamos ao gosto do cliente. Fábrica, Av. 5 de Outubro 203, r/c. — Telef 771639.
(Ao Campo Pequeno)

NÃO TENHA CALOS*



TENHA

ADIOS CALLOS E ADEUS CALOS!

*

Danisol REPRESENTAÇÕES, LDA.

AV. PRAIA DA VITÓRIA, 20, R/C-D TELEFS 4 53 37 / 53 08 40 • LISBOA-1

ATENÇÃO

PÚBLICO DE LISBOA

POR MAIS UNS DIAS

A ANTIGA CASA MAX

NA RUA D. ESTEFÂNIA, 191-193

LIQUIDA TOTALMENTE
TODA A SUA EXISTÊNCIA

A qual consta de Algodões, Lanifícios, Cobertores, Colchas, Atoalhados de Mesa e Turcos. Panos brancos, Lingeries, Malhas interiores e exteriores, etc.,. etc.

TUDO POR MENOS DE METADE DO SEU VALOR

CHAPAS ACRÍLICAS

VIDRO PLÁSTICO

TODAS AS CORES TRANSPARENTES E OPACAS
MEDIDAS STANDART E CORTES
ENTREGAS IMEDIATAS E DISTRIBUIÇÃO DIÁRIA

PLÁSTICOS DO SADO, LDA.

LISBOA
AVENIDA 28 DE MAIO, 53-A
TELEFONE 761783

PORTO
R. FARIA GUIMARÃES, 260
TELEFONE 490478

SEMENTES

Eucalipto, Feijões Pataroco Rastoiro (da Guarda), Bom Canto, Maravilha e Manteiga e Ervilhas muitas outras qualidades preços especiais, vende Antero Reis — Cortegaça.

Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais Barbeiros e Cabeleireiros

Avenida Praia da Vitória, n.º 20, 1.º, Dt.º — Lisboa

Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa

Alameda D. Afonso Henriques, 45 — Lisboa

AVISO

Avisam-se todas as empresas com sede no distrito de Lisboa que se dediquem às indústrias de barbearia, cabeleireiro e ofícios correlativos, que vinham a contribuir para a Caixa Sindical de Previdência dos Profissionais Barbeiros e Cabeleireiros que, por Portaria de 15 de Janeiro de 1969, de Sua Excelência o Ministro das Corporações e Previdência Social, foi determinada a fusão desta Instituição com a Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa, a partir de 1 de Março de 1969, que subsistirá com a mesma denominação.

Assim, as folhas de férias respeitantes ao mês de Fevereiro de 1969, bem como as respectivas contribuições, deverão ser entregues e pagas á ordem da referida Caixa de Previdência e Abono de Família da Indústria do Distrito de Lisboa, até ao dia 20 de Março de 1969.

As folhas de férias e contribuições que á data da fusão ainda se encontrem por regularizar, deverão igualmente ser entregues e pagas á ordem desta última Instituição.

Qualquer esclarecimento referente a esta fusão será prontamente prestado na Sede da Caixa da Indústria do Distrito de Lisboa ou pelos telefones 55 75 70 e 5 06 21.

DIRECÇÃO DA CAIXA SINDICAL
DE PREVIDÊNCIA DOS PROFISSIONAIS BARBEIROS
E CABELEIREIROS
A COMISSÃO ORGANIZADORA
DA CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA
DA INDÚSTRIA DO DISTRITO DE LISBOA

TV dia a dia

HOJE PODE VER...

NOITE DE CINEMA:

«O ÍDOLO DO PÚBLICO»

NESTE FILME vemos um actor que se identifica extraordinàriamente com a sua personagem. O actor é Errol Flynn como «Gentilman Gior» em «O ídolo do Público». Dois ídolos par a par, ao longo das centenas de metros de película.

Pelas 21 e 50: é apresentado em «Noite de Cinema» a Comédia «O Ídolo do Público» com Errol Flynn, Alexis Smith, Jack Carlson e Alan Male.

A união faz a força, é o mote desta película que os anos ainda não destruiram. Revê-la-emos hoje, com o inesquecível Errol Flynn, galã que assinalou uma época do cinema.

Galante, audaz e aventureiro, espadachim vitorioso e de respeito, Errol Flynn deixou vincada a sua passagem pelos caminhos do cinema. Esta noite, está no pequeno «écran» em «O ídolo do público»

HOMENS E AVIÕES

O PROGRAMA de divulgação aeronáutica «Homens e Aviões», de Alberto de Canha e Sá, apresenta na sua emissão desta noite, cerca das 21 horas, um sugestivo sumário:

A Conquista do Espaço — *Ensaios de novos veículos e o treino dos futuros astronautas;* A Juventude Portuguesa e a Aviação — *Cursos de pára-quedismo civil e a preparação de pilotos de linha;* Os Grandes do Ar — *O «Jumbo Boeing 747», o «C5 Galáxia» e o supersónico «Concorde»;* A História da Aviação Norte-Americana — *Período de 1930-1935, um dos mais decisivos para a expansão e desenvolvimento da aviação naquele país.*

2.° PROGRAMA

MAIS UMA EMISSÃO de repetições no 2.° programa, através de UHF (Ultra High Fidelity).

O sinistro «Belphegor» prossegue na senda do crime até ao castigo final, que ainda tarda, pois hoje, pelas 21 e 55, é transmitido só o 12.° episódio. A seguir vem um TV Clube, com Maria da Glória e Márcio Ivens, cantando canções de Portugal e do Brasil.

A terminar, cerca das 22 e 40, a rubrica «Universidade na TV», apresenta dois documentários de interesse «As origens da arte em França» e o «Museu do Cinema em Turim».

canal da crítica

«PANORAMA LITERÁRIO»: QUANDO SE PECA POR FALAR MUITO

Sobre alguns de seus antecessores no «Panorama Literário» tem Ana Maria Botelho a vantagem de poder, sem escândalo, participar dele. Não se põe a questão do merecimento ou não merecimento da obra. A verdade é que Ana Maria Botelho escreveu um livro de versos «Varanda sem casa», de que se fez leitura na Livraria Quadrante pela voz de Maria Germana Tânger. Volto a dizer que desconheço se o merecimento de «Varanda» justificava a presença da autora no «Panorama». A verdade é simples: nada sei da poesia de Ana Maria Botelho. O poema lido ontem não bastou, pareceu-me um trabalho de adolescente que define, de maneira muito vaga, o seu desencontro com o Mundo.

O lado positivo da entrevista concentrou-se na referência a certos factos a que o artista não pode fechar os olhos (a guerra no Vietnam, exemplificou com todo o seu cortejo de horrores). No entanto, a entrevista com Ana Maria Botelho esteve inçada de equívocos, de confusões. Assim não se compreende bem a sua afirmação segundo a qual «a arte serve a vida, mas a vida não serve a arte». Igualmente me parece indefensável a teoria de Ana Maria Botelho através da qual se declara que «a vida quotidiana do artista nada tem a ver com a criação». Igualmente confusa a ideia de que «a poesia boa, é boa em qualquer época». Tal como não me parece correcta a opinião de que a poesia moderna busca o símbolo, a metáfora. Pelo contrário: a poesia moderna afasta-se desses processos demasiado gastos. Peca por imprecisão a frase «o conteúdo do poema está sempre no primeiro impacto... «E que significado tem afirmar que a poesia hoje é muito mais intelectual?» Ou que «a poesia tem de ser genuína, sem efeitos» Que dizer, sobretudo da afirmação gratuita de que «a poesia portuguesa é das melhores do mundo...»?

Não foi um poeta já feito que tivemos ontem no «Panorama» Foi, sim, uma mentalidade de adolescente perturbada com a realidade e sem ideias de modo algum definidas sobre o fenómeno artístico nas suas articulações com a realidade, com a sociedade. Aí reina a mais completa anarquia.

VIDA SÃ EM CORPO SÃO

Pode considerar-se muito util a charla de ontem de Ramiro da Fonseca Ora Ramiro da Fonseca não tem, isso não tem, o poder de comunicação, de simpatia popular, ao nível, digamos, de um Celestino Gomes, com o qual muito aprendíamos a sorrir As suas crónicas agora reunidas em livro, guardam o mesmo sabor, o mesmo encanto. É impensável encarar-se a obra de divulgação de Ramiro da Fonseca publicada em livro

Mas enfim, não é. Bastam que sejam úteis Como a de ontem. Posso jurar que a partir de ontem o sulfato de sódio vai conhecer um consumo extraordinário Acreditem: vai mesmo esgotar-se no mercado. Pelo sim, pelo não, logo que a palestra acabou fui logo á farmácia de serviço comprar três quilos dele. Posso ser tudo quanto quiserem. Parvo é que não sou!

Tudo se passou assim. Ramiro da Fonseca falou dramàticamente dos doentes que chegam ao consultório em grã perturbação Não sabem queixar-se Sabem só dizer «Não me sinto bem». Deitam-se com uma dor, acordam com uma dor, levantam-se com a mesma dor. Podia temer-se a sífilis Ele, porém, e muitos colegas seus preferem pensar no fígado. Fígado doente, fígado preguiçoso, etc. Mesmo que o laboratório afiance que nada acontece no fígado, ele e muitos dos seus colegas preferem continuar a pensar no fígado E há um tratamento que ele aconselha e costuma dar óptimos resultados.

Simples, simples: nos seis primeiros dias de cada mês toma-se, em jejum, uma colher das de chá de sulfato de sódio dissolvido em um

(Continua na pág. seguinte)

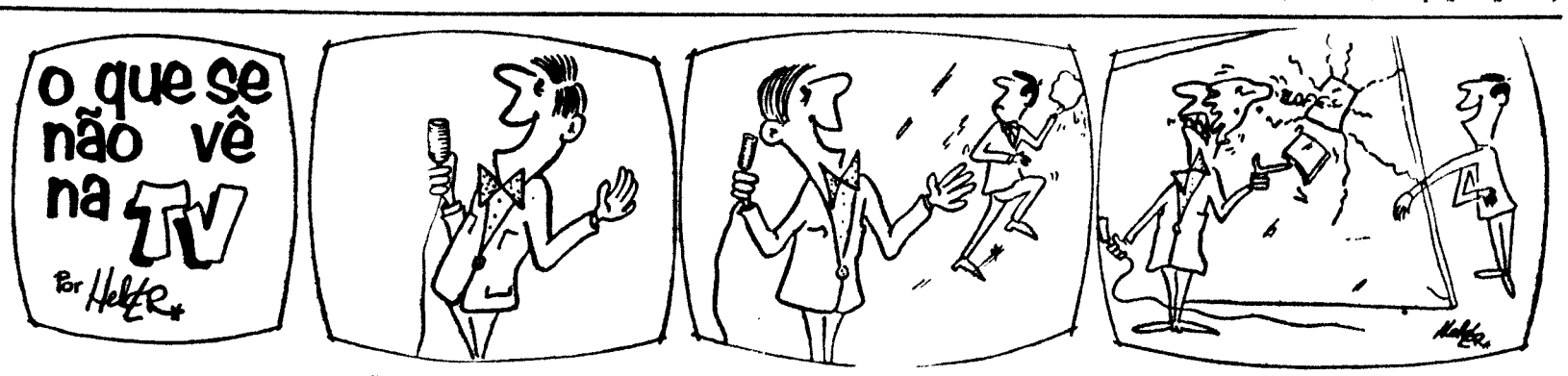
POSTA RESTANTE

CARLOS SILVA — PORTO — Também concordamos consigo. Ao telespectador não interessa o que se passa nos bastidores de um programa. Dizemos «bastidores» pelo «caso» se ter passado no S. Luiz, se não escreveríamos «aquém câmara». Claro que ao telespectador não interessa que uma canção de 2 minutos e tal leve 2 horas a ensaiar, interessa sim, a canção e a sua interpretação. Nem os problemas que surgem. A entidade patronal lá está para pagar ao seu empregado que tem de resolver esses problemas. Essa reportagem foi mais uma «gracinha» oferecida ao telespectador. Sem qualquer interesse, mas também não foi nociva. Certo? Quanto á sua última pergunta, informo que as canções recusadas são devolvidas aos seus autores, não ficam na posse da R. T. P.

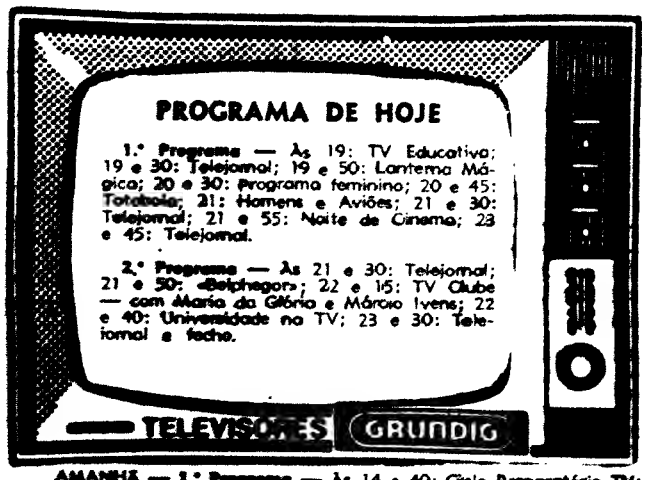
TERESA SALDANHA — LISBOA — A leitora pergunta se os «Borman's» nos estudios da R. T. P., abriam a boca de enfado pelas perguntas, e eu não sei responder...

ANTÓNIO LOURENÇO — ÉVORA — Evidentemente que o Grande Prémio da TV da Canção 1969 avalia só a canção em si e não o

(Continua na página seguinte)



ESTOU PROTEGIDO... ...POR UM ESCUDO INVISÍVEL!



AMANHÃ — 1.° Programa — Às 14 e 40: Ciclo Preparatório TV; 19: TV Educativa; 19 e 30: Telejornal; 19 e 50: Quarto dos Brinquedos 20 e 20: Vamos Dormir; 20 e 30: Programa Feminino; 20 e 45: Tempo de Poesia; 21: Cartaz TV; 21 e 30: Telejornal; 21 e 55: David Copperfield; 22 e 25: História da Música; 22 e 55: Série do Oeste «High Chaparral»; 23 e 55: Telejornal, Meditação e Fecho.
2.° Programa — Às 21 e 30: Telejornal; 21 e 50: Noite de Teatro — «Viajante sem Bagagem», de Jean Anouilh; 23 e 15: Concerto pelos Menestréis de Lisboa; Telejornal e Fecho.

Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSORA — 1.° Programa — 491 m — 665 kc/s — Às 16: Noticiário; 16 e 05: Luz no Horizonte; 16 e 30: Que quer ouvir?! 17: Ginástica de pausa; pelo dr Marques Pereira; Programa da tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até á Lapa; 18 e 10: Programa da Mulher, por Maria Emília Cancela de Abreu e Judite Navarro 18 e 40: Musica e Sonho 19 e 50: Musica só musica; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 40: 25.° episódio do Folhetim «A Casa da Nespereira»; 21: Jornal de Actualidades; 21 e 30: Melodias pelo pianista Pepe Jaramillo; 21 e 40: Tom maior; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 40: Serenata de Coimbra; 1: Fecho.

2.° Programa — 397 — 755 kc/s — Às 16 e 30: 1.° e 2.° actos da ópera «Rigoletto» (Verdi); 18: Musica do século XX; 19: Horizonte, semanário de Letras e Artes; 19 e 30: Folclore português — Musica regional da Beira-Baixo recolhida por Artur Santos; 19 e 45: Musica de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Musica instrumental 20 e 30: Cantata BWV 131 (Bach); 21: Concerto pela Academia de Instrumentistas de Câmara, sob a direcção do maestro Silva Pereira; 21 e 20: Polaca n.° 2 em mi maior (Liszt) — piano: Tamas Vásary; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr João Ameal; 21 e 50: Sonata em lá menor op 42 (Schubert) — pianista Wilhelm Kempff 22 e 20. Poemas sinfónicos — «Falstaff» (Elgar) — Orquestra Sinfónica de Londres, dirigida por Anthonhy Collins;; 23: A Voz do Ocidente, 1 e 15: Fecho.

2.° Programa — (Cultural em MF 2)—94,3 mc/s —Às 23: Musica de piano; 23 e 30: Musica francesa—um programa fornecido pela Radiodifusão-Televisão francesa 23.59: 2 Sonatas para cravo (Haydn) — sonata em dó op '6 n.° 1 e n.° 3 — Fritz; Neumeyer (Cravo); 0 e 20: Quarteto n.° 2 (1928) (Leos Janacek) — Quarteto Vlach; 1: Fecho

Rádio Universidade — 491 m — 665 kc/s — Às 19 e 10: Abertura e 1.° Disco; 19 e 15: Nova Musa, 9 e 32: U R I.; 19 e 50: Fecho

RÁDIO CLUBE — 290,18 m — 1034 kc — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 15. Canções ao acaso; 18 e 30: Lisboa á tarde; 19: Noticiário; 19 e 15: No mundo aconteceu; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20: Nota de abertura e noticiário; 20 e 07: Conjuntos vocais; 20 e 30: Jornal dos espectáculos; 20 e 45: Tempo de ritmo; 21 e 03: Serão musical; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 08: Musica tradicional e palestra religiosas; 23 e 22: Grande rodo; 0 e 02: «P. B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 03: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s — Às 16 e 04: Programa C. D. C.; Às 17: Noticiário; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita, 20. Nota de abertura e noticário em órbita; 21 e 02: Boa noite em FM; 22 e 02: Programa á Gó Gó, 0 e 02: Alta Fidelidade Philips; 1 e 03: Banda Sonora; 2: FM-67 e Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s — Às 16: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19: Noticiário; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 17: Ela; 19 e 30: Robbialac; 19 e 45: Melodias para si; 20 e 07: Rádio Piccard; 20 e 21: Norte dia a dia; 21 e 05: Cabina de escuta; 21 e 15: Só-Rádio; 21 e 30: Leitura; 21 e 45: Francisco e Ernesto; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Cristo para todas as nações; 22 e 30: Presença coimbrã; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s — Às 16: Radioramo; 18: Canta Rui de Mascarenhas; 18 e 20: Noticiário e boletim religioso; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mártires; 19 e 05: Musica seleccionada; 19 e 25: Leitura do programa e bo-

(Continua na página seguinte)

Criança atropelada quando brincava na berma da estrada

ÍLHAVO, 27 — São frequentes os acidentes na estrada 109, por falta de cuidado com as crianças. Desta vez, o desastre deu-se na estrada de Calvão. Junto à berma brincava o menor Mário dos Santos de Oliveira, de 8 anos, filho de Manuel Evangelista de Oliveira e de Maria Augusta dos Santos, natural de Calvão e residente no mesmo lugar, na companhia de outras crianças. A certa altura o Mário atravessou descuidadamente a rodovia e foi colhido por um automóvel conduzido pelo sr. Vítor Manuel Ferreira Morais, ficando caído e muito ferido, pelo que teve de ser conduzido ao hospital sub-regional desta vila, onde foi assistido pelo pessoal de serviço. Acusava fractura do úmero esquerdo e outros ferimentos graves, ficando internado.

Bombeiros Voluntários de Santa Comba Dão

Por despacho do Ministério das Finanças ficou isenta de contribuição predial a Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Santa Comba Dão.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

EDITAL N.º 43/69

Faz-se saber que no dia 19 de Março de 1969, pelas 15.30 horas, terá lugar na 4.ª Repartição — Armazéns e Imprensa Municipal da Direcção dos Serviços Técnico-Especiais, Avenida 24 de Julho, 171-C, o concurso público para a «EMPREITADA N.º 24/69 — DEMOLIÇÃO DOS PRÉDIOS SITOS NA RUA DE ST.º ANTÓNIO À ESTRELA N.º 4 e BECO DO JARDIM À ESTRELA N.º 4 e 5», com base de licitação de 109 539$50 (Processo n.º 26/69/OP/DSTE).

O depósito provisório é de 2.739$00 e o definitivo de 5% da importância da adjudicação, sendo o primeiro efectuado na Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, suas filiais, agências ou delegações, mediante guia preenchida pelo concorrente de harmonia com o modelo 1, anexo ao «Programa de concursos para adjudicação de empreitadas e de fornecimentos da Câmara Municipal de Lisboa», publicado no «Diário Municipal», n.º 7673, de 24/10/1960.

O processo de concurso encontra-se patente, todos os dias úteis na referida repartição.

Paços do Concelho de Lisboa, em 20 de Fevereiro de 1969.

O Presidente,

António Vitorino França Borges

Canal da crítica

(Continuação da pág. anterior)

decilitro de água morna, ficando em seguida um quarto de hora deitado para o lado direito. Costumo obter, com este tratamento, óptimos resultados contra as tais dores difusas, os tais estados de indescritível má disposição. Recordo-me que meu pai e meu avô já utilizavam o mesmo sistema, especialmente no início da Primavera e no Outono. Assim se prova a vantagem da divulgação científica através da televisão.

Escusado será dizer que, se o método não pegar, deve procurar-se imediatamente o médico, pois nesse caso podem fazer-se desconhecidos tratamentos efectivamente de alguma coisa bastante grave.

A série, a ser pe já passou? Tão depressa? Não há mais nada a dizer? O assunto está arquivado? Por exemplo, não seria interessante pôr as pessoas em guarda contra recaídas, consequências do mal, cuidados na convalescença e assim por diante? Isto porque, em última análise, em televisão o que deve consumir-se é a fruta da refeição. O sulfato de sódio podia esperar, não?

O RESTO...

Parece-me que o melhor é ficarmos por aqui, meus amigos. Nada de novo tenho para lhes dizer. O David Copperfield com molho à italiana? Mas até está benzinho, até se vê, até se pode chorar um bocadinho com as desventuras daquele rapazinho tão sensível, tão simpático a partir de agora, então, órfão dos pés à cabeça, atirado às feras do mundo.

O concerto a dois pianos de Maria Helena Freitas da Silva e Evaristo Campos Coelho? Que dizer senão que foi muito simpático e um bom exemplo para a juventude?

A «Missão Impossível» com aquela história do projector que fabricava miragens? O conspirador que fazia revoluções e as regateava como quem vende carapau fresco? «Ou me dão mais um milhão de dólares ou eu não brinco.» Pois o tal conspirador era um «gourmet» ou seja um comilão das dúzias, e aceita para seus cozinheiros (claro...) os da «Missão Impossível» que lhe apanham a assinatura por estranhos processos e depois colocam a assinatura num contrato firmado com pretensos inimigos e vai ós pois...

A caneta cai-me das mãos. Obra da «Missão Impossível»? Não: obra do sono? É possível! — *M. C.*

RÁDIO

(Continuação da pág. anterior)

letim do S. C. R., 19 e 30: Página um, 20 e 30: Noticiário, 20 e 55: Meditando, 21: Variedades; 21 e 30: Fados, na noite; 21 e 45: Vozes de Itália; 22: Quando o telefone toca, 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

Estação do Porto — 256,6 m 1169 kc/s — Às 16: Radiorama; 18: Uma orquestra; 18 e 15: Noticiário regional e boletim de filmes e religioso; 18 e 30: Terço da Basílica dos Mártires, em Lisboa; 18 e 0?: Música seleccionada; 19 e 25: Resumo do programa, publicações recebidas e boletim de filmes; 19 e 30: Página um, 20 e 30: Noticiário; 20 e 55: Meditando; 21: Mosaico; 21 e 30: Chamadas musicais; 22: A música é boa companhia; 23: A 23.ª hora; 2: Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA — Onda média 188 m — 1594 kc/s — 94,4 mc/s — **Rádio Peninsular** — Das 7 às 8 e 12 às 14 e 30 — **Rádio Voz de Lisboa** — Das 10 às 12 e 19 e 30 às 2? — **Clube Radiofónico de Portugal** — Das 8 às 10 e 22 às 2 — **Rádio Graça** — Das 14 e 30 às 19 e 30.

POSTA RESTANTE

(Continuação da pág. anterior)

intérprete. Evidentemente que a sua interpretação conta, afora o certame, com muitos votos. Nem sabemos, mesmo, se se a intérprete fosse uma das duas recusadas venceria...

JOSÉ VAZ — PORTALEGRE — Na realidade leu bem. Já há mais uma série de episódios da série «Os Vingadores» realizada em Londres. Não tem a sua preferida Diana Rig no papel da sr.ª Peel, mas a substituta é também uma «bela» actriz. Ainda não sabemos se a RTP adquiriu esta nova série.

Máquinas de escrever

«BROTHER»

aceitam-se agentes

Av. Almirante Reis, 10-C

FERGUSON

A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

Movimento marítimo intenso no porto e barra da Figueira da Foz

FIGUEIRA DA FOZ, 27 — Há cerca de dois anos para cá, o porto e barra desta cidade mantêm um movimento diário de navios de carga de pequena tonelagem, procedentes de países estrangeiros. O facto é digno de registo, pois, até há pouco tempo, as entradas e saídas marítimas resumiam-se às das traineiras da pesca da sardinha.

Esta circunstância evidencia a melhoria do estado actual da barra, dada a circunstância de estarem já concluídas as obras dos molhes Norte e Sul do porto, 1.ª fase, além da forma eficiente como se têm processado, durante meses as dragagens por três potentes dragas. Por esta razão, não se registou ainda, como habitualmente em todos os invernos, o acervo das areias trazidas pelas cheias do Mondego, motivo principal que concorria para o grande assoreamento com largas línguas de areia em todo o leito do rio junto à barra principal do lado sul, ao contrário da opinião de muitos, que se mostravam convencidos de ser o assoreamento proveniente das correntes predominantes do norte a sul do oceano, que arrastam as areias da praia à boca da barra.

Para a completa conclusão definitiva do grande porto comercial faltam os trabalhos exteriores (2.ª fase) e são esses os mais importantes para o belo porto que toda a cidade e as regiões das beiras aguardam com optimismo, antevendo confiadamente melhores dias e boas perspectivas económicas para a Figueira e para toda a vasta região do centro do País.

MINISTÉRIO DA SAÚDE E ASSISTÊNCIA

HOSPITAL DE SANTA MARIA

Concurso para o ano de 1969

IMPRESSOS — Conc. Público n.º 46/69

As respectivas condições encontram-se patentes todos os dias úteis das 9 às 12 e das 14 às 17 horas, excepto aos sábados das 9 às 12,30 horas, na Secretaria do Serviço de Aquisições.

A abertura das propostas terá lugar no dia e hora indicada nos Cadernos de Encargos.

Lisboa, 25 de Fevereiro de 1969.

O CHEFE DO SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

Manuel Brioso Pina de Jesus

«A EVOLUÇÃO TÉCNICA E AS CRISES ECONÓMICAS»

por LUÍS DE CARVALHO E OLIVEIRA

Dr. Luís Carvalho e Oliveira

O dr. Luís de Carvalho e Oliveira, a par do Direito e das Ciências Sociais, está a consagrar particular atenção e estudo à evolução económica e técnica. Aliás, onde acaba a técnica, a economia, para começarem o Direito ou as Ciências Sociais já que tudo se entrelaça e conjuga para o verdadeiro humanista?

Em «A evolução Técnica e as Crises Económicas», que Livros Horizonte editaram em elegante volume, Luís de Carvalho e Oliveira localiza essas crises «na evolução dos factores de produção».

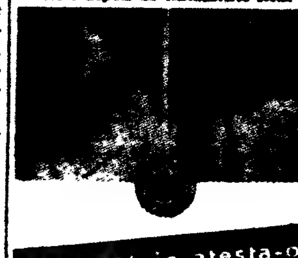
Começando por traçar a evolução técnica anterior à maquinaria moderna, o autor acompanha par e passo a técnica, trabalho e propriedade no mundo antigo, na Idade Média, para passar ao salariato e à burguesia, só depois entrando na organização do trabalho conjunto. Em segundo capítulo entra na influência da máquina sobre a sociedade e, particularmente, a periodicidade das crises pela falta de conjugação do homem com a máquina provocadas merece-lhe detida análise.

Livro esclarecedor, bem documentado, e escrito com aquela clareza que vem sempre quando o assunto foi bem pensado, o do dr. Luís de Carvalho e Oliveira.

utilizou

item

Fotografia da Senhora Maria Gmeiner, de Zurich-Suiça, antes e depois do tratamento item



Um notário atesta-o

Certificado do Notário de Riesbach-Suiça.

Item possui muitos outros atestados. Se a calvície vos ameaça, usai os produtos item, antes que as raízes capilares estejam totalmente atrofiadas.

À venda em toda a parte

PRODUTOS

item

PEÇA FOLHETOS

PORTO — Rua da Alegria, 181
LISBOA — Rua Andrade, 63-r/c

CENICER

Centro de Industriais de Cerâmica, S. C. A. R. L.

SEDE: TELHEIRAS DE CIMA, 144 — LISBOA

ASSEMBLEIA GERAL ORDINÁRIA

CONVOCAÇÃO

Nos termos do artigo 17.º do Estatuto, convoco os Srs. Associados a reunirem-se em Assembleia Geral, no próximo dia 14 de Março, pelas 21 horas, na sua sede provisória, Telheiras de Cima, 144 (Quinta de S. Vicente), Lisboa, com a seguinte:

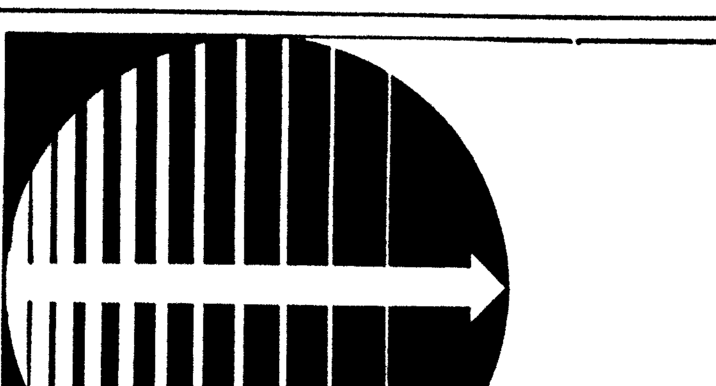
ORDEM DE TRABALHOS

I — Apreciação e votação do relatório e contas da Direcção e parecer do Conselho Fiscal, relativos ao exercício de 1968.

II — Eleição dos Corpos Gerentes para 1969

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1969.

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Pela Sociedade Industrial de Produtos Argilosos, Ld.ª
a) Júlio Rosa Pereira



¡Ninguém sabe o suficiente! Nem você.

Produtos, materiais, processos.
Novidades técnicas.
Princípio de Hannover: importantes feiras especializadas no mesmo tempo no mesmo lugar.
Informações, contactos.
Mais conhecimentos.
Mais saber.

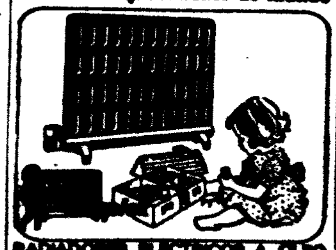
Tem que vir a Hannover!

FEIRA DE HANNOVER '69
Mercado Mundial da Indústria
Sábado, 26.4 - Domingo 4.5

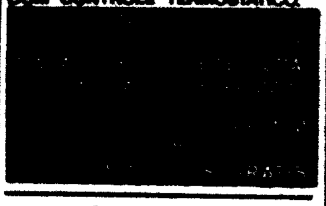
Representação oficial em Portugal: Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã
Sede: Av. Elias Garcia, 103-4.º Lisboa-1 · Tel.: 77 81 63   Delegação: Av. dos Aliados, 211-5.º E. · Sala E · Porto · Tel.: 35 112

dimplex

O Melhor Aquecimento do Mundo



RADIADORES ELÉCTRICOS A ÓLEO COM CONTROLE TERMOSTÁTICO



CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

SOMAVE

SOCIEDADE DE MONTAGEM DE AUTOMÓVEIS DE VENDAS NOVAS

S. A. R. L.

Convoco a Assembleia Geral Ordinária desta Sociedade a reunir-se no dia 31 de Março de 1969, pelas 16 horas, na Avenida Eng.º Duarte Pacheco, n.º 15, em Lisboa, para os fins seguintes:

1.º — Discutir, aprovar ou modificar o balanço e contas do ano de 1968 e respectivo Parecer do Conselho Fiscal;

2.º — Eleger os membros para a Assembleia Geral e para os Conselhos de Administração e Fiscal;

3.º — Fixar as remunerações dos membros dos Conselhos de Administração e Fiscal;

4.º — Apreciar e decidir sobre quaisquer assuntos propostos, de interesse social.

Lisboa, 22 de Fevereiro de 1969.

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral

Dr. António de Barros

DESPORTO

O Sporting no norte da Europa

No Departamento de Futebol do Sporting foi recebido um convite para que a equipa principal do clube se desloque, ainda no decurso da presente temporada, á Suécia, Noruega e Dinamarca

BENFICA-AJAX: AINDA EM DÚVIDA A TRANSMISSÃO PELA TV

Jogo para a Taça dos Campeões Europeus de Futebol, no estrangeiro e com intervenção de equipa portuguesa, faz desde logo nascer a ansiosa interrogação em todos os adeptos portugueses: haverá transmissão pela TV?

Necessàriamente que, com o terceiro Ajax-Benfica, a disputar, na quarta-feira, em Paris, ás 15 horas, a pergunta voltou a estar em suspenso. Que há, neste momento, quanto a possibilidades de reportagem?

Esta manhã estivemos em contacto com categorizado funcionário da R.T.P. que nos esclareceu devidamente. De positivo existe o seguinte: a Eurovisão fez uma consulta á nossa TV, oferecendo a transmissão do jogo. Resposta da R. T. P. dizendo naturalmente que sim. Isto, porém, não quer dizer que o relato esteja perfeitamente assegurado, tudo dependendo do numero de países que queiram entrar no Circuito.

Esclarece-se, portanto: Eurovisão quer fazer o jogo, TV portuguesa disse sim, mas falta saber se haverá outras Televisões interessadas de forma a ser atingida a verba que terá de se pagar á U. E. F. A. É natural que outros países venham a interessar-se pela reportagem de forma a que ela seja possível.

No entanto e no momento a notícia é esta: ainda não está assegurada a transmissão pela TV do Ajax-Benfica.

JOAQUIM CAMPOS: CONTRATO PARA ARBITRAR EM S. PAULO

Aceites as condições que lhe foram propostas pela Federação Paulista de Futebol o árbitro internacional de futebol Joaquim Campos deverá partir por estes dias para o Brasil onde deverá dirigir vários jogos do Campeonato do Estado de S. Paulo.

Ao contrário do que chegara a anunciar-se, apenas Joaquim Campos fará a viagem, para cumprir um contrato que tem o seu início em 1 de Março terminando em 30 de Junho. Aquele árbitro aguarda apenas que lhe seja enviada a respectiva passagem para marcar em definitivo o dia da partida.

AFONSO PINTO DE MAGALHÃES

— MAIS 2 ANOS NA PRESIDÊNCIA DO F. C. PORTO

Desfizeram-se ontem as dúvidas que atormentavam a maioria dos sócios e simpatizantes do F. C. Porto: Afonso Pinto de Magalhães afirmou que iria responder á Comissão Delegada, quebrando, assim, a sua resolução de não continuar á frente dos destinos do grande clube.

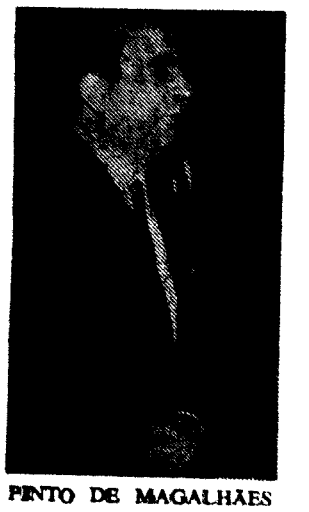
Tal notícia encheu de natural regozijo os portistas, que depositam grandes esperanças na acção despendida por Afonso Pinto de Magalhães no prosseguimento e na finalização de vultosos empreendimentos, os quais, por certo, ciumentarão o prestigio de que em toda a parte desfruta a colectividade.

Pelo menos nos dois próximos anos, o F. C. do Porto continuará a ser dirigido por um homem de iniciativa e prestigio, que está a operar grande transformação no clube e que pretende fazer dele o maior de Portugal.

Nunca, na longa e prestigiosa vida da grande colectividade nortenha, um dirigente foi tão desejado, compreendido e estimado pela massa simpatizante.

Assegurada a continuidade do sr. Afonso Pinto de Magalhães, os restantes presidentes também se manterão nos seus cargos. São eles os drs. Ponciano Serrano (assembleia geral) e Cesário Bonito (conselho fiscal). A esmagadora maioria dos restantes dirigentes que trabalharam em anos anteriores com Afonso Pinto de Magalhães e seus pares, também deve continuar.

Amanhã, ás 21 e 30, no ginásio de Alexandre Herculano, a comissão dará a conhecer á Assembleia Delegada, o resultado das suas diligências, devendo na mesma altura ser constituído o futuro elenco directivo do F. C. do Porto para o exercício de 1969/71.



PINTO DE MAGALHÃES

«COMEÇOU» O BENFICA-SPORTING

• QUASE CERTO: LOTAÇÃO ESGOTADA

• RECEITA PREVISTA: 1200 CONTOS!

Benfica-Sporting, Sporting-Benfica — um clarão sempre novo, no dia-a-dia ronceiro e calmo, da nossa pacatez de cidadão, virado para o trabalho e para as preocupações (que não são poucas) do delicado equilíbrio do orçamento.

Mas quando há um jogo desses que nos entra pela porta dentro, sem pedir licença a ninguém, não há sujeito por mais indiferente, ou casmurro, ou frio, que resista ao seu sortilégio.

E vai daí mal o domingo morreu nas badaladas solenes e inevitáveis da meia-noite, trata de se virar ansiosamente para os seis dias que faltam percorrer, na longa caminhada que o separa do próximo domingo. Que diabo, compreende-se: é um domingo, que trás nos seus braços um Benfica-Sporting.

E está tudo dito!

● Bilhetes — venda impressionante

O primeiro problema que se depara ao adepto da bola, nesta situação, é descobrir o modo de conseguir um bilhete. Se não adrega ser sócio do clube que recebe o adversário (neste caso o Benfica) o pobre do aficionado, na generalidade, vê-se em «palpos de aranha» para lograr alcançar o objectivo número um: assistir ao encontro. Quantas vezes não há um corropio imenso a incomodar amigos, a fazer pedidos, a procurar tantas soluções quantas sejam necessárias para conseguir o «mágico» papelinho que permitirá a entrada no campo.

Para domingo — e em relação a muitos — o problema já se equacionou.

E no entanto o Estádio da Luz tem a maior lotação de qualquer recinto existente em Portugal.

Vejamos alguns curiosos elementos que recolhemos na Comissão Central do Benfica — ontem ao fim da tarde.

A lotação oficial é de 56 960 lugares, assim distribuídos: 1.º anel, 15 272; 2.º anel, 20 624 e 3.º anel, 21 064.

Ao Sporting couberam cerca de 15 mil bilhetes, que, naturalmente, desaparecerão num ápice. A venda na Comissão Central do Benfica está a decorrer em ritmo veloz e intenso de tal forma que, a cada sócio, só se vende um bilhete.

Como é «Dia do Clube» os associados terão de se munir de um bilhete especial de 15$00. Desta forma e se a lotação esgotar — o que, no momento é mais do que provável — prevê-se uma receita para o clube de cerca de 1200 contos.

Um número impressionante, sem dúvida e que faz reafirmar mais fortemente a ideia: o Benfica-Sporting, é sempre um jogo diferente!

● Equipas com problemas Quem os não tem?

Entretanto os dois departamentos técnicos absolutamente alheios á febre e nervos que existem nos «bastidores» da grande partida prosseguem, calma e serenamente, no seu trabalho.

E é evidente que, nesta altura da época, não pode deixar de haver preocupações (algumas delas grandes). O numero de jogos, a sobrecarga de trabalho, as lesões mal curadas — tudo isso, são temas para meditação, no seio dos dois clubes.

Na verdade, duas equipas com problemas... mas, quem os não tem?

Benfica e Sporting não podiam ficar alheios, nem estarem livres de questões desta natureza.

Assim, no que respeita aos «leões», Hilário, Ernesto e repentinamente, Chico, estão em duvida para o grande jogo. Hilário fez ontem um treino excelente, mas a magnífica forma patenteada por Pedro Gomes pode ser um óbice ao seu regresso. Ernesto é outro jogador sem grandes hipóteses de alinhar. Um treino na terça-feira e repouso no dia seguinte são a prova de que, de facto, não se encontra em condições.

Chico é o maior problema. Sem que nada o pudesse prever, dores num joelho, paragem imediata na preparação, e entrega aos cuidados de Manuel Marques.

Uma grande interrogação sobre as suas possibilidades de recuperação até domingo.

Quanto ao Benfica o panorama também não é completamente desanuviado.

Estando certo o regresso de Torres — concluído que foi o período de castigo imposto pela F. P. F. — os problemas impendem sobre Jacinto e Simões.

Para já a equipa entra hoje no habitual estágio em Oeiras que, pelo menos, se prolongará até 16 de Março, se o jogo repetição com a Sanjoanense não vier a efectuar-se a 19 desse mês...

Simões e Jacinto continuam na expectativa: já treinaram mas, entretanto, Otto Glória não sabe, até que ponto poderá dispor dos jogadores para o embate de domingo, um tremendo «ensaio geral» para o jogo com o Ajax, na quarta-feira em Paris.

De hoje até domingo, Simões e Jacinto farão sucessivos «testes»...

TOTOBOLA

O NOSSO PALPITE

U. Tomar-Sanjoanense	1
Braga-Varzim	1
Belenenses-Atlético	1
Benfica-Sporting	X
Porto-Guimarães	1
Académica-C. U. F.	1
Boavista-Beira Mar	1
Covilhã-Torres Novas	2
Espinho-Tramagal	2
Leça-Gouveia	1
Alhandra-Montijo	X
Portimonense-Torriense	X
Sintrense-Sesimbra	X

RECONDUZIDOS OS PRESIDENTES DO V. GUIMARÃES

O Vitória Sport Clube, de Guimarães, elegeu, ontem, á noite, os seus corpos gerentes. Na maioria dos cargos houve recondução dos elementos que já faziam parte dos corpos directivos anteriores, e os três presidentes mantêm-se nos seus lugares.

Assembleia Geral — *Presidente: João Mendes Ribeiro; vice-presidente: Virgílio Álvaro da Costa Pinheiro; 1.º secretário: Alexandre da Costa Rodrigues; 2.º secretário: Manuel Rodrigues Guimarães.*

Direcção — *Presidente: Fernando José Sequeira Roriz; vice-presidentes: Adriano Fernandes Costeira, Francisco Alves da Silva Lobo e Manuel José Macedo Sousa Cardoso; secretário-geral: José Maria Faria Martins Bastos; secretário-adjunto, António da Cunha Fernandes Machado; tesoureiro: João da Costa Rodrigues; tesoureiro-adjunto: Alcino Dias Pereira; director do futebol profissional: Gil Mesquita Vieira de Andrade; director do futebol juvenil: Joaquim Marinho e José Fonseca Faria; directores das modalidades amadoras: Francisco dos Santos Bastardo e Américo Gomes Correia Soares; director das instalações desportivas, Abel Pinheiro Ribeiro da Silva.*

Conselho Fiscal — *Presidente: Antero Henriques da Silva Junior; secretário: Manuel Cardoso do Vale; relator, António Campos Pires Monteiro; substituto, David António Sousa Martins.*

NOTÍCIAS DO FUTEBOL

José Augusto, Damas e Manuel repreendidos pela Federação

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol repreendeu, por escrito, os jogadores José Augusto (Benfica), Damas (Sporting) e Manuel (Vitória de Guimarães).

Pir seu lado, o Lelxões foi multado em 250 escudos por «comportamento incorrecto de uma parte do público: arremessa de objectos sem molestar os elementos em campo».

●

Após concluir o seu actual contrato com o Vitória de Guimarães, o técnico brasileiro Jorge Vieira desloca-se ao Brasil para, durante um mês, orientar a marcha dos seus negócios.

●

No próximo dia 5 de Outubro, a selecção nacional de futebol deve enfrentar um conjunto estrangeiro, como «teste» para a partida contra a Roménia, que se efectuará a 12 de Outubro, em Bucareste.

●

Zubieta (ao que parece, pretendido por um clube nortenho) está autorizado, pelo Belenenses, a treinar outra colectividade antes do final da corrente temporada.

●

A Comissão Central de Arbitros moveu um processo disciplinar a Virgílio Baptista.

●

A turma nacional de juniores treinou ontem, no Estádio Nacional. O seleccionador dr. David Sequerra, colocou em acção alguns juvenis de bom futuro futebolístico.

Processos movidos por clubes a jogadores: do Belenenses, contra Lobo; do Atlético, em que o visado é Fagundes.

BEST: 2 golos

FUTEBOL INTERNACIONAL

Manchester, 3-Rapid, 0 para a «Taça dos Campeões»

Para a «Taça dos Clubes Campeões Europeus», o Manchester United bateu o Rapid de Viena por 3-0. Best foi o autor de dois golos e a turma de Matt Busby actuou brilhantemente.

✲

Noutro desafio a contar para o mesmo torneio, o Spartak de Trovava venceu o AEK, de Atenas, por 2-1.

✲

A Jugoslávia venceu (em Split) a Suécia, por duas bolas a uma.

✲

Para a Liga inglesa realizaram-se, ontem, os seguintes jogos: Nottingham Forest, 0-Leeds United, 2 e Coventry, 5-Queens Park Rangers, 0.

✲

Na Costa Rica, o Dukla de Praga bateu o Alajuelense, por 3-0.

NO «NORTE DESPORTIVO» DE HOJE

NA PÁGINA DE ESPECTÁCULOS

O «Festival da Mediocridade»

Portugal representado na Eurovisão com uma canção que «cheira» a têmeras e a copos vazios de «vodka»

NA INFORMAÇÃO DO DESPORTO

Outro jogador da Académica no Benfica

e Um de Setúbal no Sporting

BANCO DO ALENTEJO também no ESTORIL

MANUEL DE OLIVEIRA: hoje, começo do trabalho no Barreirense

Mudança de treinador no «Barreirense» não foi surpresa apesar da equipa seguir bem destacada no topo da classificação da «Zona Sul» o que dá sempre a ideia de que tudo corre bem... No entanto, não parecia ser isso o que estava a suceder no popular clube onde, na verdade, não havia á volta do professor Rodrigues Dias um ambiente muito favorável.

Assim, logo que Manuel de Oliveira deixou a Sanjoanense e regressou a sua casa no Barreiro, se aventou a hipótese de ser ele o futuro orientador do clube já que, o seu trabalho com a equipa o ano passado, na «Taça Ribeiro dos Reis» deixara as melhores recordações.

— **E ontem, ás duas da tarde, tudo ficou resolvido** — disse-nos esta manhã o conhecido técnico — **Ficarei com a equipa até ao final da época. Pretendi que Rodrigues Dias ficasse a trabalhar comigo. Não o quis e é pena, pois não ocuparia nenhuma posição de subalternia e ficariamos, isso sim, a trabalhar em conjunto.**

Manuel de Oliveira tomou hoje conta da equipa que fica, assim, á sua inteira responsabilidade. Para lá ao final da temporada?

— **Nada está falado a esse respeito. No entanto, se a equipa subir de divisão e o contrato tiver interesse, é possivel. Para já interessa é assegurar a subida. Depois se verá ..**

E como ponto final na troca de impressões:

— **Vi a equipa, no ultimo domingo, em Almada. Não me pareceu mal, para o nivel de 2.ª Divisão, claro. Vamos ver o que se conseguirá...**

TAMBÉM EM ITÁLIA: TRÊS CLUBES (DE TRÊS CIDADES) EM LUTA PELO TÍTULO DE CAMPEÃO

ROMA, 27 — (A. N. I.) — Ainda faltam onze jornadas, mas parece desde já certo que o campeonato italiano de futebol de 1968-69 é o mais movimentado desde o fim da guerra.

Durante mais de quatro meses três equipas têm dado o tom ao campeonato alterando cada domingo a sua posição e ao mesmo tempo, aumentando a distancia sobre os mas próximos rivais: o Milão, a Fiorentina e o Cagliari transformaram, realmente, o campeonato italiano numa luta a três.

Desde 1945, a vitória final tem pertencido aos clubes das duas grandes cidades industriais italianas de Milão e de Turim, apenas com duas excepções: a Fiorentina, em 1956, e o Bolonha, em 1964.

Agora, todos os italianos aplaudem os rapazes da Sardenha e os jovens florentinos, desejando intensamente que eles consigam arrebatar a coroa de campeões ao Milão e ao Norte.

Como acontecera, contra o Celtic, campeão da Escócia, na «Taça da Europa», também no jogo em que defrontou, em casa, o clube de Florença, o Milão não conseguiu marcar golos e teve que se resignar com um empate a zero.

Todavia, demonstrou mais uma vez que talvez não exista hoje na Europa nenhuma equipa com mais sólida defesa e com futebol mais coeso a meio campo.

Apesar disso, os jogadores do Milão provaram novamente que se esqueceram como se marcam golos. O ultimo tento que averbaram foi no princípio do ano e, embora tenham apenas concedido seis golos em dezanove jogos, também só marcaram vinte até agora.

O Cagliari encontra-se neste momento à frente da classificação da Liga, com 29 pontos, seguido pelo Milão e pelo Florença, com 28 cada. No ultimo jogo derrotou o quarto classificado — o Inter — por 1-0, graças a um golo obtido pelo extremo Luigi Riva, que comanda a lista dos marcadores, com 14 golos.

Segue-se-lhe Pietro Anastasi, do Juventus, o jogador comprado o ano passado por um milhão de dólares (28 500 contos), que marcou o golo da equipa de Turim no jogo empatado contra o Bolonha.

Um dos melhores jogos, foi o Roma-Nápoles, empatado a zero, no Estádio Olímpico. As duas equipas exibiram a sua melhor forma dos últimos tempos. O argentino Fausto Landini, de 18 anos — uma descoberta de Helénio Herrera — ligou bem com o espanhol Joaquim Peiró, no Roma, formando agora uma das mais perigosas dianteiras do campeonato. Todavia, os frutos foram nulos.

No fundo da classificação, seguem o Atalanta, o Vicenza, o Pisa e o Sampdória de Génova.

Das equipas que ocupam a metade inferior da classificação, o Bolonha parece ter grandes dificuldades este ano. Normalmente nos primeiros lugares, desta vez não conseguiu encontrar a sua forma, apesar de duas mudanças de treinador.

Contudo, com cinco pontos sobre os últimos clubes, não parece que esteja em perigo real de descer de divisão.

VOLEIBOL

Vitórias do Técnico sobre o Benfica (3-0)

A contar para a fase final do Campeonato de Lisboa, em seniores, realizou-se ontem no ginásio do I. S. Técnico, o encontro entre a equipa dos «engenheiros» e a do Benfica.

Os campeões nacionais venceram por 3-0 (15-8, 15-11 e 15-5), tendo as equipas, sob a direcção de Reinaldo Rodrigues e Oliveira Dias, apresentado:

Técnico — André Mendes, Ernesto Esteves, Carlos Canas, Costa Reis, Raul Carregoso e Wellington Fernandes.

Benfica — José Magalhães, Artur Monteiro, António Neves, Vítor Carvalho, António Ricardo, Carlos Figueiredo e João Carlos.

Vitória justa e indiscutível do Técnico, que embora não tenha realizado uma exibição fulgurante foi sem duvida a equipa mais homogenea sobre o terreno. O Benfica não jogou o que estava ao seu alcance, tanto mais que com o reforço de A. Neves e a inclusão de C. Figueiredo aguardava-se um melhor rendimento, que parecia estar á vista quando no 1.º «set» avançou rápidamente 7-2. O Técnico reagiu, foi acumulando pontos e terminou em bom plano com 15-8.

Na 2.º «set» voltou a repetir-se a supremacia inicial do Benfica que chegou a 6-0 e 8-4.

O Técnico igualou aos 9 e 10 pontos e acabou com 15-11.

O 3.º «set» foi de superioridade absoluta dos vencedores que se mantiveram sempre no comando com 5-1, 6-5 e 15-5.

Em reservas o Técnico repetiu o triunfo sobre o Benfica com 3-0 (15-5, 15-4 e 15-9).

No Estádio Universitário e também a contar para o regional de seniores, a Faculdade de Ciências venceu o C. D. U. L. por 3-0 (15-8, 15-10 e 16-14).

A contar para o campeonato feminino, o Clf venceu o C. D. U. L. B por 3-1 (15-5, 15-1, 11-15 e 15-2).

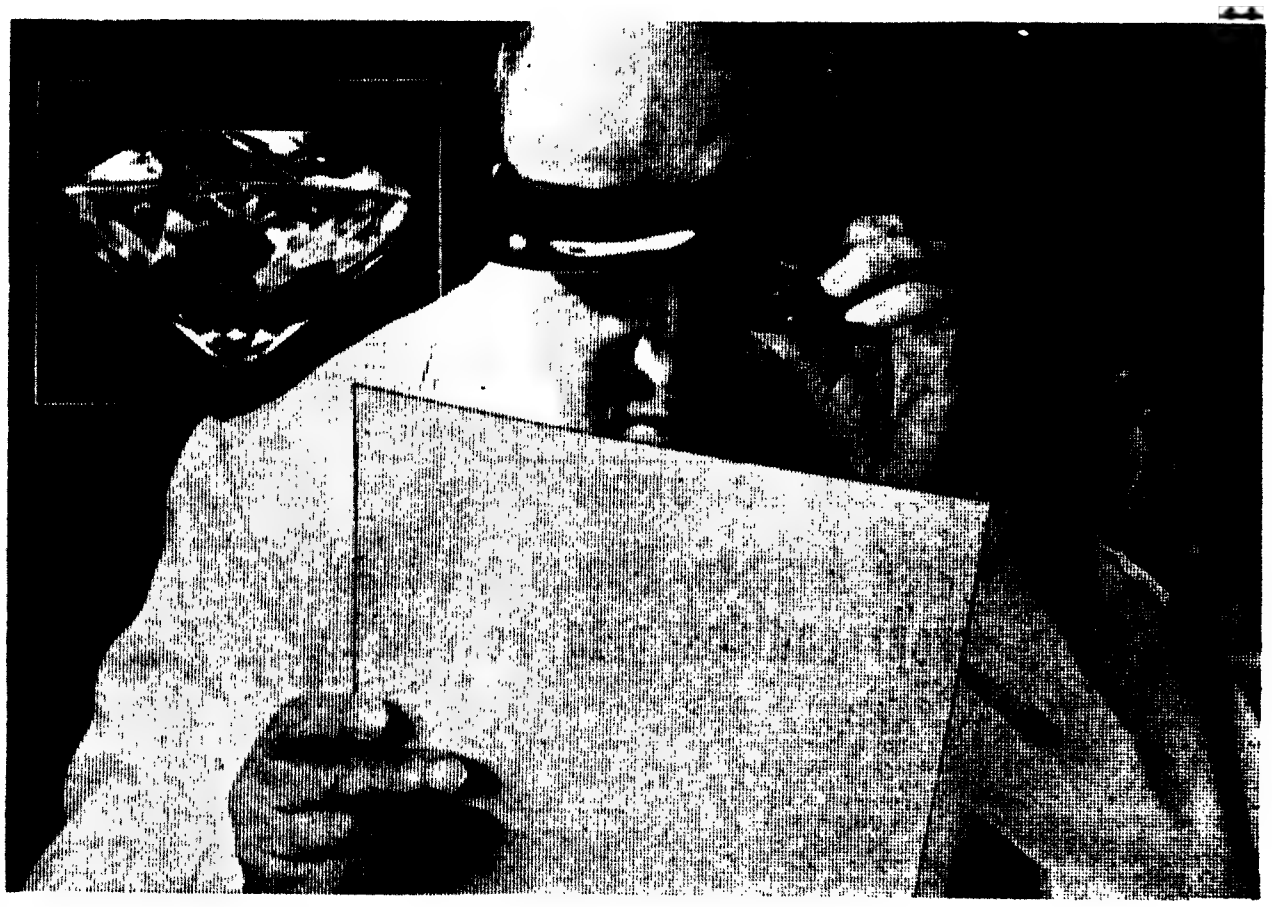
HOJE À NOITE

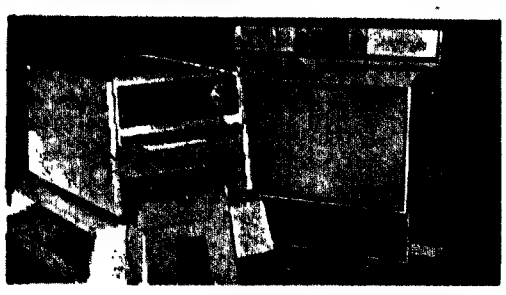
ANDEBOL DE 7 — Campeonato de Lisboa, da 3.ª Divisão, 6.ª jornada da fase final: Sporting da Penha-Liga de Algés e Santa Catarina-Internacional, na Tapada da Ajuda, a partir das 21 e 30.

BASQUETEBOL — Campeonato Nacional Feminino, da 2.ª Divisão: Sporting-Ferroviário e C. D. U. L.-Atlético, na Tapada da Ajuda, a partir das 21 horas; Barreirense-Queluz, no Barreiro, ás 21 e 30.

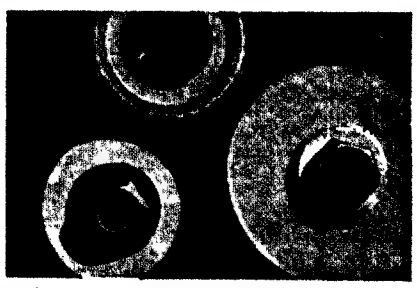
TÉNIS DE MESA — Desempates do Campeonato de Lisboa, 1.ª Divisão, 1.ª categoria para 3.º e 4.º — Avila-Centro Católico; para 6.º e 7.º, Belenenses-G. I. P. Amoreira. 2.ª Divisão, 1.ª categoria: para 7.º e 8.º, Acad. Amadora-Ateneu; para 5.º e 6.º, S. L. Amoreiras-Armadorense; 2.ª categoria, para 3.º e 4.º Lisgás-Combatentes. Todos estes encontros se realizam em Alvalade (Sporting), ás 21 30.

VOLEIBOL — Campeonato de Lisboa, apuramento do 5.º ao 8.º 3.ª jornada: Moscavide-C. D. U. L. no est. Universitário, ás 22 horas; F. Ciências-Sintrense, na F. Ciências ás 22 horas.





Qualquer copiador/duplicador RX ..



.. movimenta automàticamente uma assistência completa ...

... e não imobiliza o seu capital !

V. sabe quanto vale uma cópia Rank Xerox?

Quando V. manda produzir uma cópia de um documento no seu escritório, já pensou realmente em quanto lhe fica essa cópia? Bem. Pomos de parte a questão, no caso de V. já ser um cliente Rank Xerox.*

Parece um paradoxo, mas o valor de uma cópia RX é muito superior ao seu custo. Vale uma assistência completa e gratuita ao equipamento. Vale também um apoio técnico que envolve racionalização e redução de burocracia no fluxo documental da empresa. Isto é um pormenor do tipo de serviço, real e positivo, oferecido pela Rank Xerox.

No panorama da cópia e duplicação, a Xerocópia também representa tempo: o que se poupa com a operação num copiador/duplicador RX. Representa um bom rendimento de capital que V. teria de investir na aquisição de um copiador vulgar — porque um copiador/duplicador RX não se vende. Aluga-se. E isto evita que V. imobilize capital sem qualquer rendimento. Nem se sujeita a depreciações.

Portanto, faça os seus cálculos e estabeleça a diferença entre quanto vale uma Xerocópia e o custo de uma cópia vulgar.

Telefone para:
53 99 51 (Lisboa) — 6 70 58 (Porto) e
2 70 48 (Coimbra)
Sede: Av. António Augusto de Aguiar, 106 Lisboa

RANK XEROX

*Rank Xerox é uma marca registada da Rank Xerox Limited

Toda a organização é mais eficiente com Rank Xerox

CARTAZ DOS CINEMAS

MUNDIAL

(Adultos) Tel. 538943
Às 15.15, 18.30 e 21.45
(Adultos)
Carrol Baker, Jean Sorel e George Hilton
no empolgante filme em Scope colorido
O DOCE CORPO DE DEBORAH
Metro: estação Picoas

ROMA

(M. 12 anos) Tel. 727778
Às 21.30
Um acontecimento memorável na história do Cinema!
O DESAFIO DAS ÁGUIAS
com Richard Burton, Clint Eastwood e Mary Ure
70 mm — Metrocolor
O filme de fundo começa a projectar-se 5 minutos depois do início da sessão

SÃO JORGE

(M 17 anos) Tel. 54153
Às 15.15, 18.15 e 21.30
3.ª SEMANA
Um novo estilo de jovialidade
DOUTOR... VAMOS A ISTO!
com Sidney James, Charles Hawtrey e Joan Sims

ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779086
7.ª SEMANA
Às 18.30 e 21.45
LE VIOL — o desconhecido desejado
com Bibi Andersson e Bruno Cremer na mais perfeita ligação franco-sueca
EASTMANCOLOR

CONDES

Telefs. 32 25 23 - 32 67 10
(M 12 anos)
Às 15.15, 18.15 e 21.30
RICHARD BURTON, CLINT EASTWOOD, MARY URE
Um espectáculo que é um desafio à sua coragem!
O DESAFIO DAS ÁGUIAS
— Where Eagles Dare —
70 mm Panavision Metrocolor

LIZ

(M. 12 anos) Tel. 48560
Às 21 horas
O SARGENTO RYKER
COMISSÁRIO X, ACÇÃO EM CEILÃO

CHIADO TERRASSE

(M. 12 anos) Tel. 320917
Às 21 horas
PÂNICO NAS RUAS
ALDEIA EM FUGA

ODEON

(Adultos) Tel. 326283
15.15 e 18.15 (P. r.) e 21.30
UM FILME DE SENSACIONAL FEROCIDADE
com TERENCE HILL
VIVA DJANGO
Nunca o ódio teve mais alto preço na ponta de uma bala... (Eastmancolor) Versão inglesa

POLITEAMA

(M. 12 anos) Telef. 326306
HOJE, ÀS 15.15 (P. r.) e 21.30
4.ª SEMANA
DE GARGALHADA
com CAMILO DE OLIVEIRA
O LADRÃO DE QUEM SE FALA
HOJE, ÀS 18.30 — (M. 17 anos)
SESSÃO CLÁSSICA

SÃO LUIZ

Tel. 327172
Às 15.15, 18,15 e 21.30
2.ª SEMANA
Quando os cavaleiros partiam, deixavam os seus ebenes em segurança!... Deixariam?
Monica Vitti e Tony Curtis em
O CINTO DA CASTIDADE
(Adultos) — Technicolor

ALVALADE

Às 15.45 e 21.45
2.ª SEMANA
(Adultos) Tel. 763080
O CINTO DA CASTIDADE
com Tony Curtis e Monica Vitti

IMPERIO

(Adultos) Tel. 555134
Às 15.15 e 21.30
4.ª SEMANA
Não foi uma vulgar história de amor...
TECHNICOLOR
ROMEU E JULIETA
Um filme de Franco Zeffirelli com Olivia Hussey e Leonard Whiting

ESTÚDIO

Tel. 48560
Às 15.30, 18.30 e 21.45 (Adultos)
Technicolor — 3.ª SEMANA
UM CORAÇÃO SOLITÁRIO
Um filme de Robert Ellis Miller com Alan Arkin e Sandra Loke

EUROPA

(M. 17 anos) Tel. 661016
Às 15.15 e 21.30
Panavision — Metrocolor
Elvis Presley, Joan Blondell, Burgesse Meredith em
UMA RAPARIGA DE GRITOS

AVIS

(M. 12 anos) Tel. 47163
Às 15.30 e 21.45
UM ÍDOLO DA CANÇÃO!
ROBERTO CARLOS EM RITMO DE AVENTURA
EASTMANCOLOR
Um movimentado filme com belas canções!

TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595
Às 3 da tarde (p. r.)
e 9.30 da noite
3.ª SEMANA
FRANK SINATRA RAQUEL WELCH e DAN BLOCQER (da «Bonanza»)
no filme policial
UMA MULHER NO CIMENTO

LUMIAR

(M. 17 anos) Tel. 791574
AR CONDICIONADO
Parque privativo
Às 21.30 h.
JAMES BOND 007 — CASINO ROYAL
com Peter Sellers, Ursula Andress, David Niven, Orson Welles e Charles Boyer
A seguir: Dia 1 e 2
EM PONTO DE REBUÇADO

CASINO ESTORIL

(M. 17 anos) Tel. 260729
Às 17 e 21.30
GATA EM TELHADO DE ZINCO QUENTE
com Elizabeth Taylor, Paul Newman, Burl Yves, Jane Carron e Judith Anderson

RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375
(M. 12 anos) Tel. 610375
As mais belas canções na voz mais popular de Itália
POR AMOR... POR MAGIA
com Gianni Morandi

LIDO

Praça D. João I — Amadora
Tel. 937593
Às 21,30
Um dos mais extraordinários filmes que o cinema realizou!
CANHÕES DE NAVARONE
com Gregory Peck, David Niven e Anthony Quinn

IMPERIAL

(M. 12 anos) Tel. 45933
Às 21 horas
AS DUAS MULHERES
O RANCHO DO AMOR

MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131
Às 15,15 e 21.30
Fred Astaire — Petula Clark — Tommy Steele em
O VALE DO ARCO IRIS
Technicolor — Panavision

QUINZENA BILLY WILDER
Amanhã — Adultos — 18.30 h.
COMO GANHAR UM MILHÃO, de Billy Wilder com Jack Lemmon, Walter Matheu, Ron Rich, etc.
Próx. Quinzena:
A Infância no Cinema

EDEN

(Adultos) Tel. 320768
Às 15.15, 18.30 e 21.45
TECHNICOLOR
De simples pistoleiro a chefe da Mafia, até ser condenado pela própria família
Kirk Douglas em
OS DOIS IRMÃOS SICILIANOS

OUTROS ESPECTÁCULOS

TEATROS

CASA DA COMÉDIA — Às 22: «A Caixa de Pandora» (12 anos).
TRINDADE — Às 21 e 30: «Sabina Freire»
MONUMENTAL — Às 21 e 45: «Quando ela se despiu» (17
LAURA ALVES — Às 21 e 45: «O Jovem Mentiroso» (17 anos).
CAPITÓLIO — Às 21 e 45: «Tango» (17 anos)
VILLARET — Às 21 e às 23: «A Preguiça» (17 anos)
MARIA VITÓRIA — Às 20 e 45 e às 23: «Grande Poeta é o Zé» (17 anos)
A B C — Às 20 e 45 e às 23: «Elas é que sabem» (17 anos)

CINEMAS

PARIS — Às 21: «Os espiões de helicópteros» (12 anos)
CINEARTE — Às 21: «Um Mordomo no Far-West» (12 anos).
ROYAL — Às 21: «Machado Vermelho» (12 anos).
OLIMPIA — Às 19: «O vingador atira à esquerda» (12 anos).
ARCO IRIS — Às 21 e 30: «Fantomas passa ao ataque» (12 anos).
SALÃO LISBOA — Às 21: «Judith» (12 anos).
CINE-MOSCAVIDE — Às 21: «Em território inimigo» (17 anos).
JARDIM — Às 21: «Will Penny» (17 anos)
CINE-ORIENTE — Às 21: «O duplo homem» (12 anos).
SPORT L. BENFICA — Às 21 e 15: «Ringo e a sua pistola de ouro» (12 anos)
A VOZ DO OPERÁRIO — Às 21: «Regresso das cinzas» (12 anos).
UNIVERSAL — Às 21: «7 homens e 1 mulher» (17 anos)
BOMB. V. LOURES — Às 21 e 30: «Um perigo chamado capricho» (17 anos)

● Linha de Cascais

PAREDE — ROYAL-CINE — Às 21: «O Mundo nas Trevas» (12 anos)
ESTORIL — CASINO — Às 17 e 21 e 30: «Gato em Telhado de Zinco Quente» (17 anos)
CASCAIS — S. JOSÉ — Às 21 e 30: «A Maior Aventura» (12 anos).

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — Às 21 e 15: «Selvagem é o Vento» (17 anos).
TRAFARIA — PAVILHÃO JARDIM — Às 21 e 15: «Pele de Espião» e «Conversa de Travesseiro» (17 anos)
COVA DA PIEDADE — UNIÃO ARTÍSTICA — Às 21 e 15: «Paris já está a arder?» (12 anos).

● Linha de Sintra

PONTINHA — CINE-UNIÃO — Às 21: «A 25.ª Hora» (17 anos).
VENDA NOVA — CINE-PORTUGAL — Às 21: «O Judoca, agente especial» e «Missão em Hong-Kong» (12 anos)
AMADORA — RECREIOS DESPORTIVOS — Às 21 e 15: «Bandolero» (17 anos)
QUELUZ — QUELUZ-CINE — Às 21 e 15: «Hawai» (17 anos)
MEM MARTINS — CINE-CHABY Às 21 e 30: «Cinco anos depois» (17 anos)
SINTRA — CARLOS MANUEL — Às 21 e 30: «Cabeça de Martelo» (17 anos)

Recintos de diversões

* O artista Manuel Fernandes gravou recentemente mais um programa para a R. T. P.
* Os artistas Florinda Maria e Carlos Belo participam no próximo programa de fados da E. N.

CONCURSO

«MAJA DE PORTUGAL»

com o patrocínio da IBERIA
(Lineas Aereas de España)

Nome ....

Morada .... *Tel.* ....

Idade .... *Profissão* ....

Juntar duas fotos (uma de rosto e outra de corpo inteiro) e remeter para o «Diário de Lisboa», Rua Luz Soriano, 44-48, Lisboa

FARMÁCIAS DE SERVIÇO

● Em Lisboa — Turno B

AJUDA — Lopes Ribeiro, R. do Cruzeiro 117 (633288) ✻ Boa Hora, R. dos Quartéis, 25-27 (637777)
ALCÂNTARA — Lisbonense, Rua Leão de Oliveira, 2-B (637020)
ALVALADE — Alvalade, Av. da Igreja, 8-A (712070) ✻ Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A (712803) ✻ Paris, R. Reinaldo Ferreira, 5-A-B ao Pote d'Água (710 31)
AREEIRO — Vera Cruz, Pr. Afrânio Peixoto, 2-B (à Av. S. João de Deus) (724941) ✻ Onilda, Av. João XXI, 13-A (726848) ✻ Gasparinho, Rua Dr. Gama Barros, 54-A (710465)
ARROIOS — Oriental de Lisboa, R. Arroios, 215 (45079)
AVENIDAS NOVAS — Miranda, Campo Pequeno, 36-B-C (junto à Av. Sacad. Cabral) (770776) ✻ Cosmos, Av. João Crisóstomo, 44-C (40592) ✻ Sagres, Aven. Luís Bivar, 69-71 (47213) ✻ Correia de Almeida, Av. Fontes Pereira de Melo, 21-B-C (47385)
BAIRRO DOS ACTORES E ALAMEDA — Nobel, R. Actor Vale, 58 (junto à Fonte Monumental lado Sul) (842152)
BAIRRO ALTO — Labor, R. Diário de Notícias, 8 (323428)
BAIRRO DAS COLÓNIAS — Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (84 122)
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO — Zira, P. das Casas Novas, 66 (310172)
BAIRRO DA MADRE DE DEUS — Romana, Rua B 7, 6 R. Marquês de Olhão, (383800)
BAIXA — Estácio, Pr. D. Pedro IV, 60-63 (327067-324224) ✻ Morão, R. da Assunção, 17-19 (321289)
BENFICA — Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (702532) ✻ Sousa, Est. de Benfica, 429-431 (780027).
CAMPO DE OURIQUE — Porfírio R. Franc. Metrass, 59 (663949)
CAMPO GRANDE — Neoterapia, Campo Grande, 138 (774682)
CAMPOLIDE — Central de Campolide, R. General Taborda, 17 (680304) ✻ Ivone, Lda., Rua Silva Carvalho, 282-C (650760)
CARNIDE — Leal de Matos, Rua Neves Costa, 33-35 (780181)
CONDE DE REDONDO — Jaime José da Costa, R. Conde de Redondo, 68-72 (54342).
ESTEFÂNIA — Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (44156)
ESTRELA — Paivas & Parente, R. de Santo António à Estrela 96-93 (665196) ✻ Martins, Calçada da Estrela, 167 — (660823)
GRAÇA — Arnell, R. das Escolas Gerais, 88-A (863940) ✻ Morão, L. da Graça, 63 (860700)
INTENDENTE — Intendente, L. Int. Pina Manique, 50 (47838)
LUMIAR — Alameda, Av. das Linhas de Torres, 201-B (790942) ✻ S. Tomé, Est. do Desvio lote, 12-C (790704)
MADRAGOA E SANTOS — Fonteura de Carvalho, Rua de Santos-o-Velho, 2 (662075)
OLIVAIS — Marvila, R. Direita de Marvila, 25 (881612) ✻ São Paulo, R. 2, Lote 823, à Estrada de Moscavide—Olivais-Sul (3107 1) ✻ Higiene, R. Cidade Vila Cabral ex Rua B n.º 4, L. 43, Zona Poente (310026)
PEDROUÇOS — Ocidental, R. D. Jerónimo Osório 1 P M 3 (610256)
PICHELEIRA — Marilux, Calç. da Picheleira, 40-B-C (720703) e 728395)
RATO — Soares, Av. Alvares Cabral, (684282)
REGO — Prates & Mota, Rua da Beneficência, 9 (773728)
RESTELO — Tenera, R. Rodrigo Reinel, 3-A (6 8 4) (à encosta do Restelo próximo dos Moinhos)
S. PAULO — Central, R. de S. Paulo, 108 (320389)
DE SANTA APOLÓNIA AO BEATO — Nova Luz, R. D. Domingos Jardo, 28-A (à Av. D. Afonso III) (843439) ✻ Martins, Lda., Rua Fernão de Magalhães, 33 (849448)
MOSCAVIDE — Santa Bárbara, R. Francisco Marques Beato, 75-A (Tel. 2511234)

● Linha de Cascais

ALGÉS — Combatentes, Av. Comb. G. Guerra, 66 (Tel. 213953).
CAXIAS — Nova, Rua Bernardim Ribeiro, 1-A (242839)
PAÇO DE ARCOS — Trindade Brás, R. Costa Pinto, 186 (2432034)
OEIRAS — Central, Rua João Teixeira Simões, 18 (2430058)
PAREDE — Grincho, Av. da República, 87-A (2471204)
ESTORIL — S. João, Est. Nacional 18 (261186).
MONTE ESTORIL — Lopes, Rua Hangar, 3 (Tel. 260008)
CASCAIS — Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (280141) — Cascais, Rua Conde de Monte Real — Bairro Caixas (282407)

● Linha de Sintra

AMADORA — Jardim, Av. Conde de Oeiras, loja X-1 — Reboleira (938424) ✻ Melo, P. D. João I, lote 146 — Bairro Janeiro (938551) ✻ Central, Av. Cardoso Lopes 25 (932210) ✻ Igreja, P. da Igreja, lote 2 — (937740).
DAMAIA — Confiança, Estrada Militar, Lote D (Tel. 97 10 23).
QUELUZ — Correia, L. do Mercado, 3 (950905) ✻ Zeller, R. da Republica, 83 (950045)
CACÉM — Central, R. Elias Garcia, 55 (2940034).
MEM MARTINS — Química, Est. Mem Martins, 285, (2910012).
S. PEDRO DE SINTRA — Valentim, 980456)
SINTRA — Misericórdia, Largo dr. Gregório de Almeida 2 (Telef. 980391)
COLARES — Colares, Abrejo, (Tel. 299088)

● Outra Banda

ALCOCHETE — Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 — (234100)
ALHOS VEDROS — Gusmão, Rua Cândido dos Reis, 30 (224020)
ALMADA — Galeno, Rua Capitão Leitão, 85-B (2760565)
BAIXA DA BANHEIRA — Aliança, Est. Nacional 74 (224302)
BARREIRO — Higiénica, Rua D. Manuel 1, 178 (2273017)
COVA DA PIEDADE — Império — R. Cabo da Boa Esperança, 31-A
MOITA — Silva Rocha, P. da República, 16 (239029)
MONTIJO — Montepio — R. Almirante Reis, 93 (230035)
SESIMBRA — Lopes, R. Cândido dos Reis, 67 (229028)
SETUBAL — Bocageana, Rua de Romeu (23425) ✻ Bairros, B.º Santos Nicolau (23330)
SEIXAL — Godinho L. da Igreja, 5 (2218580)

SERVIÇOS URGENTES

Telefones

ÁGUA, GÁS e ELECTRICIDADE — Companhia das Águas 361358 ✻ Companhias Reunidas, 537011 ✻ Gazcidla, 538821 ✻ Gazcidla (dom. e feriados) 582089.
BOMBEIROS — Sapadores 322222 ✻ Voluntários, 538524
POLICIA e G. N. R. — Serviço de emergência, 115 ✻ Segurança Publica, 366141 ✻ Judiciária, 535380 ✻ Marítima, 326456 ✻ Internacional, 362721 ✻ Viação e Trânsito, 42205 ✻ G. N. R. (área rural), 36865
SAÚDE — Cruz Vermelha, 665342 ✻ Enfermagem permanente, 766161 ✻ Enfermagem de urgência, 43738 ✻ Hospital de Santa Maria, 775171 ✻ Hospital de S. José, 860131 ✻ Sangue, oxigénio e soros, 771168 e 771169 ✻ Transfusões, soros e oxigénio 538524 ✻ Centro de Intoxicações (informativo), 767777, 761176 e 763456.
TRANSPORTES — Aeroporto, 720111 ✻ Caminhos-de-ferro (C. P.) 869029 ✻ Caminhos de ferro (Estoril), 361121 ✻ Estação fluvial (T. Paço), 325345 ✻ Estação Marítima de Alcântara, 663195 ✻ Estação Marítima da Rocha, 672445 ✻ Estação fluvial (Belém) 638531.

BOM APETITE

CASTANHEIRA
E. da Torre - Lumiar - 790168
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
AOS SÁBADOS E DOMINGOS ORQUESTRA PRIVATIVA DESTE RESTAURANTE
(Maiores de 5 anos)

XANGAI
Av. Duque de Loulé, 20-B
Telef. 5 73 78
(frente à Embaixada Americana)
ESPECIALIDADE DIÁRIA
GALINHA YO LYN
e o célebre arroz
CHAO CHAO

MINABELA
Restaurantes Churrasqueira Pastelaria
Diàriamente várias especialidades
AMADORA — Tel. 939191/2
QUELUZ — Tel. 951811

PASTELARIA SNACK - BAR RESTAURANTE
ESPECIALIDADES DIÁRIAS
Av. de Roma, 29-B
Tel. 77 77 23

PASTELARIA FÓIA RESTAURANTE
C. Mártires da Pátria, 59-A
Telef. 54549
ESPECIALIDADES DA COZINHA PORTUGUESA
PASTELARIA C/ FABRICO PRÓPRIO

QUINTA DE S. VICENTE
RESTAURANTE
AOS SÁBADOS E DOMINGOS
Telef. 798211
Telheiras de Cima, 144
JANTARES DANÇANTES c/ conjunto privativo

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ

Diário de Lisboa
Propriedade da Renascença Gráfica, S. A. R. L.
Editor: João C. de Sá
Sede: Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
Publicidade 3 42 21
End. Tel. DIBOA, Telex 1363
Lisboa 2 — Portugal

O FESTIVAL CONTINUA...

VERÓNICA—Processo a Ary dos Santos por afirmações consideradas difamatórias

ARY—«Eu é que vou processá-la: comprei um disco dela que nunca mais tocarei»

o tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal continental o céu estava pouco nublado ou limpo para norte do sistema montanhoso Montejunto-Estrela e muito nublado ou encoberto para sul do referido sistema. O vento era fraco.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ATÉ AS 9 HORAS DE HOJE — Máxima Anadia, 8° mínima Penhas da Saúde, —5°.

TEMPERATURAS DO AR AS 9 HORAS — Coimbra e Lisboa, 8°; Portalegre e Porto, 7°; Faro, 12°; Penhas Douradas, —1°.

TEMPERATURAS OBSERVADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SUL — No ar: mosfera: 0° no água do mar: 13°,6.

PREVISÃO GERAL ATÉ AS 24 HORAS DE AMANHÃ

Para norte do sistema montanhoso Montejunto - Estrela, céu pouco nublado ou limpo; para sul do referido sistema, céu geralmente muito nublado, possibilidade de chuvo ou aguaceiros dispersos, mais prováveis nas regiões do Sul; em todo o território, vento geralmente fraco predominando dos quadrantes de Leste.

Amanhã
Nascer às 8 e 12
Ocaso às 19 e 29

Dia 4 Dia 11 Dia 18 Dia 26

MARÉS:

PREIA MAR — Dia 27 — 1 e 08 (3,1 m), 13 e 50 (3 m). Dia 28 — 2 e 02 (3,3 m); 14 e 38 (3,2 m). Dia 29 — 2 e 47 (3,5 m); 15 e 14 (3,4 m). BAIXA-MAR — Dia 27 — 7 e 10 (1,8 m); 19 e 24 (1,8 m). Dia 28 — 8 (1,6 m); 20 e 08 (1,6 m). Dia 1 — 8 e 38 (1,4 m); 20 e 44 (1,4 m).

Sabem quem é? É Faye Dunaway, a noiva de «gangster» no filme «Bonnie and Clyde». Agora, em «Thomas Crown Affair», aparece-nos, tal como a vemos na fotografia, no papel de sofisticada personagem ligada com a alta finança.

«Desfolhada», a composição da dupla Nazaré Fernandes-Ary dos Santos, mantém-se na *ordem do dia*. Verónica pretendia no desempenho moveu acção judicial ao autor da letra interpretada por Simone, ao que se julga por afirmações (vindas a lume num jornal) em que existem — segundo o seu advogado — pontos que prejudicam a sua carreira profissional.

Historiemos o caso. Quando se soube que o júri tinha escolhido a composição «Desfolhada» para o grupo das dez-mais, os seus autores indicaram a jovem Elisa Lisboa como intérprete. E, simultâneamente, através da etiqueta para que todos trabalham (Valentim de Carvalho) foi escolhido o maestro Jorge Machado como orquestrador.

Começaram os ensaios: Elisa Lisboa (na opinião dos compositores) não servia para interprete da «Desfolhada». Não possuía um profissionalismo que garantisse boa defesa da canção — segundo os autores. Assim, por carta, Nuno da Nazaré Fernandes e José Carlos Ary dos Santos comunicaram a Elisa Lisboa a dispensa da sua colaboração, ficando, porém, a braços com o problema da substituição.

Verónica assistira á maioria dos ensaios de «Desfolhada». Acompanhara, inclusive, o trabalho de orquestração feito por Jorge Machado. Estava — numa palavra — *identificada* com a canção. Demais, era uma artista que pertencia á mesma etiqueta musical.

Não admira, portanto, que tenham procurado Verónica para a convidar a interpretar «Desfolhada», no palco do São Luiz. Verónica, na presença de Jorge Machado, aceitou. E, logo, começou a ensaiar afincadamente. E, também, Jorge Machado retomou o trabalho: nova orquestração, desta vez apropriada ao tom vocal de Verónica.

Outra alteração, porém, estava para surgir: na firma Valentim de Carvalho entendeu-se que Simone de Oliveira interpretaria «Desfolhada» com mais probabilidades de êxito. E os autores da composição concordaram, renunciando (portanto) á colaboração de Verónica.

Simone de Oliveira, abordada por Nazaré Fernandes e Ary dos Santos, concordou em cantar «Desfolhada». Lògicamente a orquestração teria (porém) de adaptar-se á sua voz.

Foi então que Jorge Machado desatou de fazer nova instrumentação, alegando cansaço. E, aborrecido com as contínuas alterações, rescindiu o contrato que o ligava á firma Valentim de Carvalho, atitude igualmente adoptada por Verónica.

A cançonetista, deveras surpreendida por ter sido arredada do palco do São Luiz, solicitou que os autores explicassem o motivo do seu afastamento; a explicação dada em público por Nazaré Fernandes e Ary dos Santos não a satisfez. Antes, pelo contrário, foi julgada passiva de acção judicial, já que envolvia desrespeito pessoal e menosprezava a sua carreira profissional.

— *Se já tenho dois discos gravados para o Valentim de Carvalho, se pertenço ao elenco da Emissora Nacional, porque acham que não sirvo para interpretar «Desfolhada»?* — indagou.

Veio a lume mais uma resposta: Ary dos Santos afirmava que, após ter escutado um disco com a voz de Verónica, logo a colocara de lado. E o poeta não se escusou a confirmar, na Imprensa, essa opinião.

— *Se o concurso é de canções, qualquer que fosse a intérprete de «Desfolhada», desde que articulasse afinadamente a letra da composição, estava a um passo de cantar no Eurofestival — ideia expandida pelo pai de Verónica, o poeta José de Oliveira Cosme.*

E, acrescentou:

— *Não há dúvida, portanto, de que Verónica foi prejudicada.*

Esta manhã, Verónica foi consultar um advogado: o advogado da Grande Feira do Disco (etiqueta «Marfer») com a qual acaba de firmar novo contrato. E (curiosidade) no primeiro disco que vai gravar, sob a direcção de Jorge Machado, está a composição «Desfolhada». Que, todavia, e em face do estado de ânimos, os autores podem impedir de ser editada!

Tudo está, portanto, neste pé: Verónica processou Ary dos Santos e Nazaré Fernandes não por ter sido afastada da interpretação de «Desfolhada» mas porque esse afastamento se rodeou de palavras (publicadas) em que o seu profissionalismo e a sua qualidade interpretativa são sèriamente colocados em equação.

Esta manhã, Verónica gravou «Desfolhada», para a etiqueta Marfer. A orquestra foi dirigida por Jorge Machado

O feitiço contra o feiticeiro

Do outro lado da questão, Ary dos Santos diz-nos:

— *É repugnante toda esta história. Verónica está a pedir publicidade barata.*

Depois:

— *É indigno da profissão que ela pretende ter, todo este barulho...*

Continua:

— *Se houvesse alguém que tivesse de exigir indemnização, teria de ser eu: gastei quarenta e cinco escudos num disco de Verónica e nunca mais o toco!*

— Vai autorizar Verónica a gravar «Desfolhada»?

— *Claro. Se ela conseguir cantar bem...*

Entretanto, Verónica nomeou advogado: o dr. Amadeu Gomes Bento. E Ary dos Santos entregou o problema a seu cunhado, o dr. José Eduardo Vera Jardim.

— *Mas, se for preciso, irei aborrecer um grande amigo meu: o dr. Manuel João da Palma Carlos. Espero, porém* (diz Ary dos Santos) *que Verónica regresse á sua condição normal: e não procure mais publicidade, agora que já se falou tanto nela...*

A vigésima criança nascida na mesma ambulância

Ocorreu o 20.° parto na auto-ambulância, n.° 3, dos Bombeiros Voluntários de Bucelas. A caminho da Maternidade de Alfredo da Costa ia já á entrada da Avenida 5 de Outubro, ambulância condenado a parturiente, sr.ª D. Elizabete Maria Jesus da Silva, casada com o sr. Lino José da Silva Soares, residente no Freixial (Bucelas), que deu á luz uma robusta criança do sexo masculino.

Assistiu ao parto o motorista permanente daquela benemérita corporação, sr. José Pereira, auxiliado pelo aspirante sr. Carlos Luís Inácio Tanqueiro. Mãe e filho encontram-se bem.

CONFERÊNCIA NO CLUBE DOS PUBLICITÁRIOS

Esta noite, com início ás 21 e 30, no Clube Português dos Publicitários, o sr. arquitecto Pereira Cabral repetirá a sua conferência, recentemente proferida no Porto, sobre o tema «Panorama das Artes Gráficas no Mundo».

BANCO DO ALENTEJO
também no ESTORIL

ESCLARECIMENTO

A SOCIEDADE DE REPRESENTAÇÕES GAMBRINUS, LDA., proprietária do RESTAURANTE GAMBRINUS vem esclarecer que nunca fez, nem faz, parte de qualquer outro estabelecimento ou cadeia de restaurantes.

OS GERENTES
Abelardo Fernandez Teixeira
Armindo Seoane Seoane
Claudino Sobral Portela

Poli-grip faz parte da minha «maquillage». Escolher a cor certa de um batom ou usar um bom perfume não basta para me dar um perfeito à vontade. Só Poli-grip me dá esse àvontade. Ponho um pouco de Poli-grip na minha dentadura postiça, logo pela manhã, ela conserva-se impecàvelmente no seu lugar durante todo o dia. Posso comer o que me apetecer, rir, beber... numa palavra: «viver». Sinto-me como nunca. Sou eu própria, segura de mim. Garanto-lhes. Se, como eu, usa dentadura postiça, sentirá que a sua «maquillage» só ficará completa usando Poli-grip.

Peça Poli-grip na sua farmácia habitual.

CLUBE FAMILIAR MOSCAVIDENSE

O Clube Familiar Moscavidense começa, depois de amanhã, a comemorar o seu 34.° aniversário. Do programa das festas fazem parte dois bailes, na sede da colectividade, no próximo dia 2, um á tarde, com o conjunto musical «Os Faetos», e outro á noite, com o conjunto «Ideia-Noite».

SUPLEMENTO
Diário de Lisboa
LITERÁRIO

N.º 552/27 DE FEVEREIRO DE 1969

SOUZA CARDOSO, AGORA NOSSO

nas páginas centrais

MIGUEL TORGA: ESQUECIDO?

por Gastão Cruz

SE A VIABILIDADE de um critério valorativo, em crítica de poesia, como noutros tipos de crítica, já é extremamente problemática, muito mais o será a existência de *valores evidentes*, e mais ainda se por *valor evidente* se quiser fazer passar algo absolutamente caduco e desfasado.

Isto, que a alguns parecerá claro, não o é, infelizmente, para outros; e a prova de que não fantasio é que, já em 1964, alguém em nome da *evidência* (que tantos estragos tem causado em crítica literária), se referia nestes termos a determinadas afirmações minhas: *(...) Uma razão instintiva e anárquica sem razões, negando a própria evidência, conduz assim um pseudojuízo literário ao pleno absurdo. Um absurdo que chega a lamentável injustiça e que é testemunho da temerosa destruição de valores sem contrapartida criadora que ameaça a juventude literária de hoje.*

O que se pretende não é, porém, expliquemo-lo pacientemente, destruir anàrquicamente, nem mesmo mecânicamente substituir *o que já estava* por *o que acaba de chegar*. É fazer a crítica, não apenas do que vai aparecendo, mas também do que já se considerava firmemente estabelecido. Naturalmente, de tudo isso, haverá o que resiste e o que não resiste. Se o que não resiste a uma crítica bem apetrechada e consciente da sua função pertence ao sector dos recém-chegados, escassas ou nulas serão as reacções. Mas se a crítica investe pelo sector dos instalados, logo os responsáveis pela confusão de um público cuja miopia forjaram ou ajudaram a agravar, acorrem a socorrer os abalados *valores evidentes* e a zelar pela estabilidade das obras-primas que proclamaram. De tão obstinados, nem conseguem ver, às vezes, que as *violetas* só são *pretas* por obrigações de rima e que a *noite escura* mais a *sepultura* datam dos tempos de Castilho e Soares de Passos, que, aliás, falavam delas com mais engenho.

No meio de tudo isto, há coisas estranhas. Enquanto essas *violetas* vão, com insistência, deixando a duvidosa fragrância pelas páginas literárias dos jornais portugueses, um livro saído há uns seis meses e, por variadas razões, digno de atenção, tem permanecido submerso no mais completo silêncio. Trata-se de *Diário (X)* de Miguel Torga. E, em alguns poemas deste livro, o autor de *Dies Irae*, sem se ter sensivelmente modificado ou renovado, consegue ainda surpreender.

É o melhor Torga, o mais sóbrio, o poeta de *Lezíria (Diário-I)*, que voltamos a ouvir nesses poemas descarnados, em que se diz apenas o essencial nas palavras mais justas e mais duras. O discurso é nu, despojado, como porventura não haverá outro em toda a poesia portuguesa moderna. O corte do verso,

(Continua na pág. seguinte)

Roger Vailland: soberania e jogo

por Eduardo Prado Coelho

O LIVRO

Intitula-se *Écrits intimes* e foi publicado pela Gallimard no mês de Janeiro. É apresentado por uma breve nota de Elizabeth Vailland, que nos explica:: entre as mais de 2000 páginas que Vailland deixou inéditas, encontram-se um diário e várias cartas.

É este o conteúdo do primeiro volume póstumo de Vailland. Há no diário longos períodos em branco: Vailland escreveu-o só em determinadas épocas. A ordem de apresentação dos textos é cronológica: Vailland sempre distinguiu as diversas *estações* da sua vida. Deve-se a Jean Recanati um quase-estudo de introdução e alguns elementos de ligação, que procuram esclarecer certas lacunas no texto de Vailland. Por outro lado, Recanati tenta relacionar alguns passos e acontecimentos da vida de Vailland com episódios dos seus romances, e mostra assim o que nesses romances há de transposição autobiográfica.

O VALOR

Na introdução do seu livro *L'âge d'homme*, Michel Leiris começava por dizer: a literatura não interessa se não tem uma função possível; fazê-la apenas para a fazer não é correr um risco, um risco como aquele que corre o toureiro numa tarde de tourada. Escrever, dizia Leiris, só se justifica se se introduzir «nem que seja a sombra de um chifre de touro na obra literária.» E acrescentava: «Será possível que o acto de escrever apresente um perigo que, sem ser mortal, seja efectivo?» Para Leiris, o género maior em literatura é aquele em que a obra constitui um risco assumido, um pegar na realidade «de caras», um afrontá-la corajosamente.

Com *L'âge d'homme*, Leiris escreveu um tipo de livro em que o escritor, escolhendo *dizer tudo*, *se expõe intelramente*. Vulnerável, exposto, entregue ao olhar devassador — é assim que o texto de um escritor se transforma em risco. Maurice Blanchot retorquia: tal risco fica compensado pelo orgulho que o escritor mostra ao correr-lo. E é verdade: livros como este de Leiris são tão sinceros, tão frágeis, tão comoventes que, sentir-nos-íamos sórdidos se nos servíssemos do que néles se dá para atacarmos o autor.

Sucede o mesmo com os textos íntimos de Vailland. Temos aqui o retrato integral duma personalidade: uma confissão. Há nela uma tão forte verdade que os defeitos evidentes de Vailland se diluem por completo. O que conta é o encontro: este estar frente a frente com um homem, com o seu temperamento, as suas fraquezas, as suas ingenuidades, as suas cóleras, as suas perversões, os seus sonhos.

Como sempre, cada verdadeiro encontro é uma experiência inesquecível. Como sempre (e ainda mais depois de *Nadja)*, o que interessa acima de tudo é a possibilidade do encontro: a lenta revelação de um rosto, de um corpo, de uma voz. Tudo o mais é queda, submissão à lei do dia. Mas o encontro, a descoberta do outro, é a fascinação da noite que nos domina. Lemos agora melhor a divisa de Vailland: «Le jour efface les promesses de la nuit». Vida, isto é, tela de Penélope.

Se queremos uma moral em exercício, exercida sobre a aspereza das coisas, temos que lê-la nos livros que nos falam de situações concretas, e delas nos dão análises concretas. Livros como as memórias de Simone de Beauvoir ou *L'homme et l'enfant* de Adamov. Ou como *L'Aveu* de Arthur London. Ou como a correspondência de Pavese. Ou como *Écrits intimes* de Vailland. Livros de invenção e risco: exercício *escrito* da tauromaquia.

Pergunte-se a Vailland: qual a qualidade que prefere no homem? Ele responderá: a lucidez para consigo próprio. Ou poderia dizer: o gosto da verdade. Escrevia em 1965: «Só amei verdadeiramente a verdade, evidente, exposta, vivida, real, sangrando, sangrada: quem não matei eu por amor dela, incluindo eu próprio?»

É este o princípio de Vailland, o que está presente ao longo destas 800 páginas. Ele vive fascinado por si próprio, compondo a sua história e fixando-a. Mas a sua história não lhe interessa como história do passado, mas como permanente relação com o actual: «O que perturba quando as pessoas começam a escrever as suas memórias (como Beauvoir, como Sartre), é que eles pensam-se no passado. Mas um diário com retornos justificados pela reflexão sobre o presente vivido e sendo o próprio acto de escrever o mais agudo desse presente vivido, seria talvez o contrário da «busca do tempo perdido»: o transformar em acto (acto de viver e de escrever) o que o passado me fez e é tudo o que dele me resta, mas é imenso: esta agilidade, estes pontos de referência, estas ressonâncias, tudo o que faz que eu escrevesse em *Cabra-cega:* aos 60 anos saberei amar-te melhor, porque tenho, tenho, e tenho» (1964). «Toda a minha felicidade, toda a minha infelicidade, dependem de mim; e, parece-me, só de mim dependem; só me tenho a mim para defender» (1942).

A RAZÃO SOCIAL

Se seguirmos o itinerário político de Vailland, surpreender-nos-á talvez a firmeza de certas das suas convicções. Ele oscila entre o entusiasmo e a distância. Recusou sempre os compromissos medíocres, as

(Continua na 6.ª página)

O poeta e os «outros»

O MUNDO DOS OUTROS
(histórias e vagabundagens)
por
José Gomes Ferreira
3.ª edição / Portugália Editora
Lisboa, 1968

«A POESIA é também um documento», escreveu Mário Dionísio (revista *Ler*, n.º 2, Maio de 52), a propósito de *O Mundo dos Outros*, «histórias e vagabundagens», que José Gomes Ferreira fisera publicar, dois anos antes, no Centro Bibliográfico. Entendia, assim, como *poesia* (aliando-a, com justeza, a uma óptica com valor documental) as crónicas, ou narrativas, ou «ficções» reunidas em volume pelo autor de *Eléctrico*. De facto, um poeta não deixa nunca de escrever poesia — qualquer que seja o género literário que adopte. E *O Mundo dos Outros*, agora publicado, pela Portugália, em 3.ª edição, não foge a esta regra: são poemas e poemas *identificáveis* — quer pelo sopro vital que os anima, quer pelo estilo vivíssimo em que estão vertidos, quer, ainda, pela paisagem humana e social em que se integram e tão agudamente exprimem — os textos magistrais (no aparente tom menor de simples croniquetas arrancadas ao quotidiano lisboeta) que dão pelos nomes de *A «Boca Enorme»*, *Parece impossível, mas sou uma nuvem*, *A rapariga sem cara*, *A Mãe*, ou *O barbeiro de má-morte*, títulos escolhidos ao acaso (pois tanto faz: são todos peças integrantes de um painel que é o «mundo dos outros» feito «mundo próprio» de José Gomes Ferreira) no conjunto do livro.

Está feita a crítica de *O Mundo dos Outros*. Mas o encontro (ou reencontro) com a poesia não é coisa de estar feita: é coisa de se estar fazendo, na surpresa da descoberta como na descoberta de novas surpresas. José Gomes Ferreira, poeta português nosso contemporâneo, é daqueles criadores autênticos sempre *abordáveis*, i. e., sempre vivos. «Dentro de cinquenta anos» — escreveu, ainda, Mário Dionísio, no artigo citado — «os nossos netos terão estatísticas e colecções de jornais, fotografias, filmes à sua disposição. Mas a leitura de livros como *O Mundo dos Outros* ser-lhes-á indispensável para chegarem, realmente, a conhecer por dentro, num dos seus aspectos reais, a Lisboa de hoje.»

Não marca isto a perpetuidade de um autor e de uma obra?

R. S.

Tempo, busca do Homem

PARA UM ESTUDO DA EXPRESSÃO DO TEMPO NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO PORTUGUÊS
por
Maria Alzira Barahona
ed. Centro de Estudos Filológicos, 1968

A FUNÇÃO *tempo* no sistema estrutural do romance contemporâneo é uma variável dependente da posição «histórica» do narrador perante a realidade que descreve. É uma representação dialéctica do distanciamento entre o objecto e a sua representação conceptual, uma perspectiva de enfocamento do facto imediato («imediato» porque está vivo no acto em que se descreve e é remetido ao passado depois da leitura) um enfocamento do facto imediato na sua projecção mais significativa que o ultrapassa.

As investigações semiológicas de Barthes *(Introduction a l'Analyse Structurale des Recits*, por exemplo) ou de Umberto Eco *(Il Modo di Formar)* demonstram em novos planos de sistematização sociológica a importância das deslocações, alternâncias e distorções do tempo narrativo na cumplicidade que o romancista assume com a organização mais ou menos estática do universo real, com as motivações que o impelem, etc. Escrita, linguagem, transfiguração, têm por cada ficcionista representativo, o seu *tempo* adequado, se bem que estes elementos não constituam entre si uma unidade primária e de permanente interdependência dos seus valores interiores, o que não impede que ele seja «inseparável das conexões que representa», como assinalou J. T. Desanti, embora «constituído, por assim dizer, por várias redes entrecruzadas, cada uma das quais comporta uma topologia original e uma métrica próprias.» E o filósofo de *Les Idealités Matémathiques* deixa em suspenso este aviso esclarecedor: «Talvez tenhamos de abandonar a esperança de ainda um dia se poder vir a alcançar a estrutura unitária que agrupe a totalidade dessas redes diferenciadas, isto é, a forma do discurso único que envolve todos esses discursos fragmentados e recuperados».

A BRECHA NO EQUILÍBRIO

Maria Alzira Barahona, em *Para Um Estudo da Expressão do Tempo no Romance Português* (ed. Centro de Estudos Filológicos, 1968) não sublinha com a indispensável (a nosso ver) evidência todos estes módulos de conexão. A sua análise é dotada de uma notabilíssima lucidez, exerce-se sobretudo na zona da investigação formal e daí que, no melhor capítulo do livro, ao interpretar o romance de Abelaira, não justifique os parentesis temporais que se insinuam a cada instante na narrativa deste autor como imperativos de uma obsessão analítica bem vincada e como elementos motores de um jogo dialéctico romancista-leitor tendente a pôr em causa o sentido histórico das personagens.

É que o *andamento* «musical» de um texto, o *ad libitum* de uma «obra aberta» têm raízes profundas na maior ou menor adesão do autor ao equilíbrio de valores que a sociedade lhe propõe. Se há repúdio a esse equilíbrio (através de um repúdio da cronologia natural em que uma ordem se estabelece) interessa saber em que sentido e porquê essa ruptura se orienta. E pensar que, uma vez e sempre, é a paisagem contemporânea que está em causa, mesmo quando o *flash-back* impera, porque é a essa que o ficcionista lhe imprime, quer queira, quer não, um significado contemporâneo dele mesmo.

Por isso, quando Agustina Bessa Luís executa as suas deslocações de tempo e assume uma atitude omnipotente no discurso narrativo, fá-lo por razões opostas às de Abelaira. Fá-lo por devolução a um passadismo frenético que está nitidamente associado aos irracionalismos bem patentes nela. A sua «discussão» com o leitor sobre a verdade e a evidência da acção é, ao contrário da que Abelaira propõe denodadamente, uma «discussão estática», se assim se lhe pode chamar, uma proposta autoritária.

Maria Alzira Barahona não se detém especialmente nesta área de apreciação, uma vez que a não toma como território de base. Não deixa, porém, de pôr em causa o irracionalismo da romancista, apontando-o (de acordo com Óscar Lopes) nos sectores contraditórios que o consubstanciam.

Faulkner, claro, vem a propósito, e Maria Alzira Barahona — caso raro, senão único — abordou-o com justa oportunidade. Também ele — guardadas as devidas distâncias, evidentemente — é um apóstolo do mundo patriarcal, e seria curioso obter algumas citações extraídas de Bessa Luís, certos distanciamentos lançados à maneira de comentários *off* sobre o decurso da acção, e compará-las com idênticas soluções há muito vindas de Faulkner — desde *Light in August*, pelo menos. Só que Faulkner, nas suas sagas do ódio, tem um sentimento de força colectiva a que é de todo alheia a autora de *A Muralha* (e isso talvez contribua para se compreenderem as evasões mistologares e certo discorrer de ornato «filosófico» em que a romancista se firma para se impor e isolar).

SONDAGEM AO NOSSO TEMPO

O tema e a sua aplicação ao caso português num trabalho, como este, de tanta actualidade e de tamanha riqueza de observação, sugerem revisões de conceitos e propõem novas ângulos de apreciação da nossa literatura. Isso sublinha Maria Alzira Barahona quando, a pág. 250, observa que «a posição geral do narrador, a caracterização de personagens, a descrição de ambientes, o doseamento de discurso directo e indirecto, o desenvolvimento da acção — tudo está condicionado por uma atitude humana perante o tempo». Mas a lógica estrutural do romance, ao pôr em causa o desencontro entre a temporalidade da história e do discurso, denuncia certos movimentos, certas interferências conceptuais; certa orientação crítica que apontam à «atitude humana» do romancista perante o tempo e que, por sua vez, se esclarecem através deles.

O livro de Maria Alzira Barahona, situado em fronteiras muito definidas, é para lá delas, um incentivo ao alargamento da investigação neste caminho tão fértil.

Dos trabalhos que têm saído da Universidade nos últimos anos em matéria de literatura portuguesa, raros se apresentarão mais vivos e alegados do que este estudo que, desde já, é uma «obra aberta» à discussão sobre o destino da nossa novelística. Uma obra aberta. Uma excelente sondagem de tempo português.

J. T. Desanti: «Impossível o discurso único...»

Miguel Torga: esquecido?

(Continuação da pág. anterior)

abrupto. A frase, segura e definida. Assim em *Vazio*, por exemplo:

Morre o sol decepado nas searas.
Como é triste o restolho das colheitas!
Todas as contas feitas,
Todo o pão entulhado.
Já nem sequer o braço enamorado
Da planura
A cingir a cintura
Das paveias...
Ah! fome insatisfeita, que semeias
E não sabes colher!
Faz outra vez nascer,
Imaginado,
O trigo que nos campos reverdece,
Ondula, grado,
E nunca amadurece!

Deste modo se defende Miguel Torga da perigosa indiferença a que parece ter votado toda a complexa rede de tendências diversas e de pesquisas que é a poesia portuguesa das últimas décadas.

Não raro este autêntico clássico recorda Sá de Miranda, na rudeza, na austeridade e na decisão, geralmente sensíveis logo no primeiro ou nos primeiros versos de cada poema. Em *Esperança:*

Quero que sejas
A última palavra
Da minha boca.
A mortalha de sol
Que me cubra e resuma.

Em *Ceifa:*

Ceifo a larga seara dos meus anos.

Em *Longo vai o meu canto:*

Longo vai o meu canto,
Sem eco na paisagem que atravesso.

Em *Panorama:*

Pátria vista da fraga onde nasci.

Em *Encontro:*

O desespero tem agora a imagem
Do seu tamanho.

Num poema como *Ceifa*, é também Camões que perpassa, em versos como:

Só reparei no erro da lavoura
Quando o sol aloirava o desengano.

Ou:

Cantei a fome sem nenhuma esperança.

A temática social de Torga reaparece em primeiro plano no poema *Ceifeira*. E esta *ceifeira (E enches os teus celeiros/Da podridão desse trigo!)* evoca necessàriamente as *duzentas mulheres* de *Leziria*, de quem o poeta diz que *na raiz humana dos seus pés/ Qualquer coisa apodrece.*

A estes poemas poderiam bem aplicar-se as seguintes palavras de Sophia de Mello Breyner Andresen *(Arte Poética-II, Geografia): E é da obstinação sem tréguas que a poesia exige que nasce o «obstinado rigor» do poema. O verso é denso, tenso como um arco, exactamente dito, porque os dias foram densos, tensos como arcos, exactamente vividos. O equilíbrio das palavras entre si é o equilíbrio dos momentos entre si.*

Com que exacta dicção (são, de facto, a necessidade e o rigor da escolha vocabular que, operando *o equilíbrio das palavras entre si* de que fala Sophia de Mello Breyner, impedem esta poesia de, como tantas outras, desorar-se, afundando-se nos abismos da *expressão directa* — a verbosidade e o prosaísmo) continua a exprimir-se, nos seus momentos não retóricos, a voz *fatigada* deste poeta, que é, com José Gomes Ferreira e Casais, o que de mais importante existe na geração que medeia entre a do *Orpheu* e a de 40:

Deixo cair a tarde
Nos olhos fatigados.
O dia foi de luz intensa e demorada,
Nevada nas alturas.
Guardei a que podia.
Agora quero a noite
E a brancura das horas
Sem lembrança.
Trevas e claridade
Inconsciente.
Longe daqui, e sempre aqui
Presente,
Quero sonhar apenas o que vi.
Quero ver o que vi mais transparente.

GASTÃO CRUZ

A pintura de Palolo: aprofundamento crítico das situações pelo ridículo e pelo grotesco

ANTÓNIO PALOLO
Galeria 111

PALOLO: A imagem e a ironia

por Rocha de Sousa

A ÚLTIMA EXPOSIÇÃO de António Palolo na Galeria 111 envolveu uma das mais surpreendentes operações comerciais que, no domínio das artes plásticas, se desenvolveram entre nós nos últimos tempos. É do conhecimento geral, de resto, que a Galeria 111 tem vindo a concretizar no nosso meio um programa de trabalho dirigido às possibilidades de consumo da obra de arte, promovendo-a, para além das suas características como objecto de especialidade, no plano da sua definição como mercadoria. Esta acção não é, naturalmente, específica da galeria em referência, mas só ela assumiu por completo esse papel, ainda que salvaguardando a dignidade do seu programa estético e portanto as correspondentes incidências desse programa na conjuntura artística portuguesa

UMA CONCORDÂNCIA SINGULAR

A exposição de Palolo foi vendida, no seu conjunto, antes de ser proposta a público formalmente, o que é, depois de facto comercial privilegiado, um acontecimento que se abre à reflexão no plano dos próprios objectos apresentados, até na medida em que António Palolo é um autor jovem e a sua cotação em moeda deveria, em princípio, registar reservas mais ou menos sensíveis por parte dos compradores habituais. Ainda que em matéria de preços a política tenha sido baixa e a promoção excepcionalmente bem dirigida, deve ser ponderada a hipótese dos gouaches de Palolo corresponderem a uma linha de leitura e de comunicação bastante aberta, num plano de relativa acessibilidade em relação a um gosto e a uma problemática que entretanto se vivem. Admitindo como verdadeiro esse facto, e anotando desde já que este exacerbado consumo dos trabalhos de Palolo comporta alguns riscos para a integridade da sua procura e do seu rigoroso manifesto, é oportuno desvendar alguns dos aspectos que podem eventualmente ter contribuído para a extraordinária adesão do público em geral, e do público comprador em particular.

OS CAMINHOS DO SUCESSO

António Palolo foi, desde o seu aparecimento, definido como um artista de excepcional intuição plástica e agora mesmo Fernando Pernes, crítico dos mais responsáveis, o retoma nessa definição genérica, aplaudindo sem reserva um temperamento criador de facto poderoso e incisivo. Natural de Évora, e assim durante muito tempo afastado dos centros onde a actividade artística beneficia de melhores estímulos e de mais efectivos meios de informação, Palolo conseguiu sempre vencer os limites do seu enquadramento — até do seu enquadramento cultural — para realizar uma pintura que logo se impôs através da primeira exposição individual, cortando imediatamente a possível reserva (ou prudência) dos críticos mais destacados em exercício. A este apoio esclarecedor, que envolveu uma análise calorosa e justificativa do interesse das obras, se ficou em grande parte a dever a atenção de um público mais próximo destes problemas, para além do natural contributo da Galeria 111 ao decidir-se enfrentar as eventualidades de uma apresentação de tal natureza. A breve trecho, foi possível desenvolver-se o processo do convite feito a Palolo para participar na representação portuguesa à Bienal de S. Paulo e, a curta distância também, a sua integração na ambiciosa exposição de arte portuguesa organizada pelo S. N. I. e pela Fundação Calouste Gulbenkian e levada a Bruxelas, Paris e Madrid. O mecanismo desta rápida ascensão, onde sobejamente se demonstra a importância da organização comercial das galerias e a acção esclarecedora da crítica, só aparentemente se deteve com a partida de António Palolo para Angola, onde ainda se encontra, integrado numa comissão de serviço militar. No entanto, não se deteve a produção do artista que, apesar dos condicionalismos do lugar e da circunstância, voltou a propor-se à 111, intervindo publicamente com a aguda precisão da sua linguagem e a inquietante ironia do seu mundo absurdo. Está assim genèricamente esboçado o quadro dos meios que accionaram este processo fulgurante e singular de promoção, partindo de uma adequada e oportuna confiança na obra.

AS COORDENADAS DA OBRA

Mas é essa obra, em si mesma, justificativa de tanta curiosidade e admiração? Cremos que sim — e principalmente porque ela se articula de acordo com um mecanismo que, de algum modo, parece corresponder à estrutura psicológica do nosso temperamento, aos termos em que se estabelece, entre nós, o gozo sensual das coisas e a sua transformação irónica. Talvez seja uma proposta arriscada, sujeita a ulteriores verificações, sobretudo porque a pintura de Palolo aqui não se confirma na forma, não sendo a esse nível imediata e caracteristicamente portuguesa, para não falar em inserção mais ampla. Mas, ao contrário, cremos que o pode ser na *atitude*, isto é: numa particular comunhão com as coisas de um quotidiano cintilante, com a sua mentira colorida ou a sua aparatosa ambiguidade, com o sol das suas raízes e a consequência inquietante das suas múltiplas absorções na transformação social à escala do mundo. Que está atenta às realidades desse mundo (do mundo português em particular, necessàriamente) é prova a própria exposição da Galeria 111: uma experiência vivencial nova, feita noutra dimensão geográfica e humana, inscreve-se com alguma clareza nos mais recentes gouaches de Palolo. Não reflectem eles qualquer espécie de concessão ao folclore ou às panorâmicas superficiais de uma realidade outra, não representam nada que objectivamente se sistematize numa leitura fácil e alegórica, mas integram a íntima meditação de certos sinais, de certas figuras, de coisas que obliquamente propõem uma amarga equação das acções.

Fernando Pernes insiste no seu esquema anterior a propósito de Palolo: «Léger + Kandinsky pairam sobre a presente mostra de Palolo, sucessão de pequenos écrans figurativos, admissíveis numa poética «pop», embora nisso tão distantes do gigantismo americano, quanto diferenciáveis da morbidez ou do frio geometrismo do *nouveau-realisme* francês».

É lógica e oportuna esta alusão à escala dos objectos, à dimensão física em que se formulam. Efectivamente, e apesar de admitirmos que Palolo nestes últimos tempos terá experimentado limitações técnicas peculiares, o formato da sua pintura é sobretudo consequência lógica da análise minuciosa que estabelece a partir do real, *indeterminando-o* numa verdade plástica em que o pesadelo se instala e a sensualidade se corporaliza. Mas essa *indeterminação*, que oscila em certas explicitações irónicas, não desfaz — pelo contrário, recupera — o puro prazer da representação alucinante, o convívio com as formas que depressa *se mentem* pela cor, a descida ao inferno de uma metamorfose *objectiva* onde agressivamente o colorido alegre se inverte num clima de angústia, onde tudo se mutila e recomeça para um mundo absurdo a que associamos os destroços das nossas próprias obsessões, do nosso pavor ou da nossa alegria. O rigor formal, por seu lado, vai longe nas suas incidências junto do espectador, porque não pode recusar o lado *evidente* das aparências, embora lhe escape de todo em todo a que universo-saído-do-seu elas pertencem

Há na pintura de Palolo uns *seres-coisas* que se identificam com a nossa própria experiência do real e que se coordenam no plano (realizando um espaço ambíguo) segundo determinados esquemas de narração em certa medida evocativos da banda desenhada — e aí se pressupõem movimentos não finalizados, gestos ou acções ironizadas, o clima de uma tragédia vertida na objectiva incandescência do nosso sol, na cintilação «pop» de objectos definidores da memória de um quotidiano mutilado e fragmentário. Estas coordenadas integram um modo de ser, um temperamento com que, em última análise, nos podemos corresponder: a nossa sensibilidade desliza sobre as coisas no diálogo táctil, numa apropriação visual de contacto imediato, sensualista, de entrega corporal paralela a uma verdadeira capacidade de sonho. A carga poética destas relações define-se igualmente, para além dos seus compassos de angústia ou de alegria explosiva, numa realização irónica que exerce o seu aprofundamento crítico das situações pelo ridículo e pelo grotesco. A isso se liga, do mesmo passo, a experiência pictórica de Palolo, como acto criador e como forma consciente de intervenção nos fenómenos envolventes. Daí, talvez, o diálogo caloroso e cintilante que tão abertamente nos propõe.

EXPOSIÇÕES (*)

GALERIA BUCHHOLZ *Rua Duque de Palmela*	**SOUSA CARDOSO**, HOMENAGEM AO GRANDE PINTOR MODERNO PORTUGUÊS
GALERIA PERMANENTE *S. N. B. A.* *Rua Barata Salgueiro*	**EXPOSIÇÃO PERMANENTE DE ARTE MODERNA, COM ALGUNS ARTISTAS PORTUGUESES**
QUADRANTE *Av. Luís Bivar*	**NELSON DIAS**, UM INFORMALISMO CONTRADITÓRIO NUMA PRIMEIRA INDIVIDUAL
DIÁRIO DE NOTÍCIAS *Rua António M. Cardoso*	**M. LUZ LINO**, UMA ESCRITA SENSÍVEL
DIVULGAÇÃO *Rua D. Estefânia*	**NUNO SAN PAYO**, UMA PINTURA PERSISTENTE
GALERIA 111 *Campo Grande*	**ANTÓNIO PALOLO**, O ABSURDO PELA IRONIA E PELA IMAGEM
Exposições não destacadas pelo «SL»	**MÁRIO DE OLIVEIRA (S. E. I. T.)**

(*) Este quadro é da responsabilidade conjunta dos habituais colaboradores da página de artes plásticas, salvo indicação em contrário.

Teatro: Os animadores — 2

por Carlos Porto

QUE FAZER? COMO?

Como já disse no artigo anterior, o teatro não basta para a concretização do programa de cultura viva que estes centros se propõem pôr em prática. Como, aliás, não bastam os próprios espectáculos fixos de teatro. Por isso, são organizadas sessões de trabalho em escolas; colóquios junto de fábricas e de grandes empresas; inquéritos nos próprios bairros densamente povoados. Todas estas actividades congregam interesses de várias camadas da população, levantam discussões, pretextam polémicas que, por si só, representam um formidável pólo de interesse. É ainda Pierre Debauche que descreve a organização duma campanha permanente de iniciação musical que atinge 3000 crianças dos nove aos doze anos. Músicos profissionais participam nessa campanha apresentando nas aulas cada instrumento da orquestra. Diz Debauche: «O interesse duma tal experiência reside no facto de poder existir dentro de 5 ou 6 anos em Nanterre um público formado para os concertos». Em relação ao teatro, Debauche desloca-se às aulas a fim de falar duma peça em cartaz, representar uma cena, esclarecer aspectos da técnica teatral. Para este animador, a animação «não tem nada a ver com a transmissão dum segredo que se chamaria «cultura»: é a criação de elementos novos. A animação consiste igualmente na criação de possibilidades de encontro, em fazer com as que as pessoas saiam da sua solidão, em deixá-las criar outras maneiras de viver.»

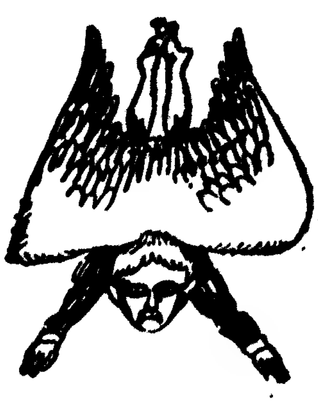
Parece-nos especialmente interessante o que diz Pierre Chéreau, do «Teatro de Sartrouville». Este centro recusa a fórmula da assinatura individual, propondo uma forma colectiva de assinatura para, no mínimo, seis pessoas. Assim, qualquer possível aderente é obrigado a um trabalho preambular de concatenação dum pequeno grupo a partir do qual podem nascer discussões sobre o que foi visto. Esses contactos levam à criação dum espírito colectivo, duma mentalidade anti-individualista que são essenciais para a criação duma sociedade mais justa.

José Valverde descreve uma outra experiência que nos parece interessante. «Trata-se», diz «duma pequena empresa modesta e pouco conhecida, «Les Tréteaux», que é o fermento das nossas esperanças. Trata-se duma equipa que se dedica à realização de espectáculos ligeiros que fazemos fora do teatro, nos mercados, dentro de fábricas e em toda a espécie de locais públicos de Saint-Denis e da região. Trata-se de abordar, no interior duma dramaturgia que continua por descobrir, as preocupações centrais das pessoas a quem nos dirigimos. Fizemos uma montagem sobre o Vietname, outra sobre segurança social, e preparamos outra sobre a garantia de emprego (...). Os «Tréteaux» são uma espécie de cartaz vivo, um meio de interessar a população nas nossas actividades.»

Também Chéreau se interessa por uma pedagogia teatral. Foi a pedido dos próprios professores dos estabelecimentos de ensino da região que o «Teatro de Sartrouville» organizou uma campanha destinada a despertar a imaginação dos alunos tentando consciencializá-los de *tudo o que deve ser feito a partir dum texto para que este, de diálogo impresso, se transforme um espectáculo no qual o visual é tão significante como a linguagem*. Os alunos, guiados pelo animador e pelos actores, trabalham na invenção de cenários, reconstituindo uma acção num quadro significativo, estudando interpretações possíveis de certas cenas ou de certas personagens de peças do respectivo programa escolar.

ÊXITOS E FRACASSOS

Do que foi dito, não se deve inferir a vitória em França dum movimento de teatro popular, mesmo no que diz respeito aos bairros dos arredores de Paris, a que me tenho referido. Pelo contrário, apesar da luta constante travada por estes animadores, ainda não lhes foi possível, por carências próprias e sobretudo por dificuldades que lhes são exteriores, criar um público de teatro a partir daquela vasta massa dos seus não frequentadores, o «não público». O animador José Valverde, do «Teatro Gérard-Philipe» vai mais longe: [illegible]



SALGA(RI)LHADA

(Exercício de montagem de textos de Emílio Salgari)

por Alexandre O'Neill

I

— Teria um grande desgosto se o meu amigo Wan Stiller tivesse naufragado sem mim!

Passados cinco minutos apareceu um homem, envolto em larga capa que escorria água.

— Gastão! — exclamou o do turbante correndo a abraçá-lo.

— Sandokan! — ripostou o recém-chegado com fortíssima acentuação estrangeira. — Volto mais aborrecido do que antes, e é um milagre estar aqui.

— Porquê?

— Tinha já resolvido dar lindo salto do farol da Liberdade, para me ir esfacelar no cais.

— Mas que estúpida solução, meu caro! Aos vinte anos e com um milhão de dólares...

— E cem milhões de aborrecimentos, que me fazem bocejar de manhã até à noite. A vida torna-se-me cada vez mais insuportável, e acabarei por me suprimir. Uma viagem ao outro mundo não me desagrada. Talvez lá me aborreça menos.

— E se tentasses arranjar qualquer coisa para comer? As florestas da Venezuela têm muitos recursos.

Junto de uma daquelas árvores enormes, que estendia os seus ramos sobre o rio, as águas levantaram-se bruscamente, como se um grande peixe se fosse aproximando da superfície e se preparasse para aparecer.

Pouco depois, os dois amigos viram surgir duas maxilas enormes, eriçadas de longos dentes agudos, mas o resto do corpo ficou oculto debaixo de água. Daquela boca saiu um grito lamentoso que parecia o choro de uma criança.

Era o momento esperado pelo paciente e velhaco caimão:

— À tua saúde, Sandokan!

— À tua!

Da margem esquerda elevou-se enorme clamor:

— Viva o «Tigre da Malásia»!

II

Abriu finalmente os olhos que havia cem anos tinha fechado.

O aspecto da região não mudara. As duas margens estavam cobertas de bosques densíssimos, que não deixavam ver para além do rio.

Viam-se surgir, aqui e além, numa confusão indescritível, grandes *simarubas* carregadas de flores, árvores de nozes moscadas silvestres, cedros colossais, árvores de pimenta, de algodão, de três metros apenas de alto, com flores amarelas e cor de púrpura; aufórbias cactiformes revestidas de espinhos, grupos imensos de passifloras cobertas daquelas singulares flores que contêm um martelo, uma torquês e pequena coroa de espinhos; *maots*, espécie de coníferas, com folhas imensas cobertas duma penugem avermelhada e carregadas de longas cápsulas caneladas: *baspas butyraceas*, de cujas sementes se extrai uma espécie de manteiga; saponáceas, de cujas bagas e de cuja casca se obtém uma espuma densa que tem propriedades do sabão e, por fim, um caos de bambus, de lianas e de silvas *ansara*, tremendos espinhos que perfuram até as solas do calçado de quem se atreva a afrontá-los.

Lady Mariana apareceu na volta dum atalho, acompanhada por indígenas armados até aos dentes. Era um tubo monstruoso, de quatrocentos metros de altura, construído parte em aço e parte em vidro, provido exteriormente de uma cornija em espiral, de largura suficiente a permitir a passagem de uma carruagem transportando oito pessoas. Era redonda como os faróis.

— Milady! — exclamou Sandokan, indo ao seu encontro.

(— Milady! — exclamou Sandokan...)

— Procurava-o, meu heróico amigo! — disse ela, corando.

Como então era uso, tinha a proa altíssima e carregada de dourados, com amplo castelo para tornar mais fáceis as abordagens.

— Sente-se — pediu Sandokan voltando-se para Mariana — e não se preocupe por enquanto.

— Chego em boa altura, ao que parece. O ar do Orenoco abre o apetite.

— A ceia é excelente, Milady — afirmou Sandokan.

— Bem sei e por isso venho procurá-lo com frequência.

«Linda e corajosa», pensava Sandokan. «Eis uma mulher que fará feliz o homem que a escolher!»

Enganava-se, porque quando os três se saciaram, outros apareceram e, quando o sol despontou, Sandokan pôde verificar que, do enorme lamantino, só restavam ossos.

— Temos de voltar à fruta — lamentou-se Gastão.

— É a luta pela vida! — sublinhou Mariana.

III

— A condessa de Santafiora está aqui prisioneira?

Como resposta, uma descarga que, por infelicidade, atingiu Gastão nas pernas.

— A mim — rugiu Sandokan. — Salvemos a condessa!

— Teremos, porém, suficiente ar para chegar ao Pólo? — redarguiu Gastão.

— Deixa o caso comigo, Gastão — pediu Sandokan.

— A colheita vai ser abundante! — volveu Gastão.

— Eis o egoísmo da raça humana! — filosofou Sandokan.

— Em consciência, não posso dizer que não tens razão

— Nós, sempre nós a dominar o mundo! — preocupou-se Sandokan.

— Mas é a luta pela vida, como dizia outro dia Lady Mariana, Sandokan.

— Ou melhor, a luta pela raça.

— Como quiseres — respondeu Gastão. — Começa a escurecer. Como são breves os dias, na presente estação, nas terras polares! Já vai o sol a desaparecer e ainda não são três horas depois do meio-dia.

— Quando tomamos o comboio polar?

— Um corsário arranja sempre maneira de voltar para casa se o não matarem pelo caminho — replicou Gastão a rir.

— E lá encontraremos um hotel?

— E uma excelente cama!

— Entre os gelos?

★

Deixaram a galeria e desceram a esplêndido salão, iluminado por quatro grandes lâmpadas de rádio, que mantinham um calor agradabilíssimo, e sentaram-se a uma mesa, onde se viam, além de serviços de prata, copos de cristal cheios de flores òptimamente conservadas, colhidas provàvelmente nas estufas de Quebeque. O menú da ceia era verdadeiramente polar. Salmão, filetes de narval, fígado de caribú, costeletas de rena com agriões, pastéis de fígado de morsa gelado, e licores à descrição, com chá e café, à escolha.

— Comamos, façamos a nossa *toilette* polar e depois tentemos dormir um sono. Até às cinco da manhã ninguém virá incomodar-nos mais — disse Sandokan.

— Vês alguma coisa, *Cabeça de Ferro*? — perguntou Gastão a um dos criados.

— Uma janela iluminada e nada mais. A senhora condessa vela ainda, sem dúvida.

No dia seguinte, antes do meio-dia, o barco aéreo dirigia-se para a embocadura do Tejo e entrava a toda a velocidade na capital de Portugal. O ar da grande capital, saturado de electricidade por causa do infinito número das suas máquinas eléctricas, agravou ainda mais o estado de Sandokan e de Gastão Wan Stiller.

Foram levados para um hotel, atacados pelo delírio.

E agora seria interessante chamar a atenção dos luminares da ciência para este grande problema: — aumentando a intensidade eléctrica, como se está dando na nossa época, não acabará a humanidade por enlouquecer, num espaço de tempo mais ou menos afastado?

Os Três Mosqueteiros, segundo a obra de Alexandre Dumas, na encenação de Planchon para o «Théâtre de la Cité»

penso que tal não existe. Em qualquer caso, a um nível que justifique um estudo ou um livro (...) Uma média de 250 espectadores para 50 representações, quer dizer, 12 500 espectadores — representa isso um teatro de periferia? Há oito milhões de pessoas na região parisiense e entre elas, pelo menos um milhão de espectadores potenciais». Mais longe, Valverde lamenta o facto de nem o seu nem os outros centros terem conseguido a adesão dum número razoável, significativo de trabalhadores. Pierre Debauche é da mesma opinião: «Não há teatro de periferia: há algumas experiências curiosas, difíceis que levarão talvez a alguma coisa...» Também, nas suas conclusões, Philippe Madral escreve: «Incontestàvelmente, a percentagem de frequência desses teatros pela classe operária continua ínfimo». E dá razões: «Um movimento demográfico, lançando para além dos limites da cidade uma parte dessas classes que tinham o hábito de frequentar os teatros de Paris; por outro lado, a emergência duma necessidade nova ligada aos progressos da técnica e ao deslocamento correlativo do centro de gravidade da produção do trabalho manual para o trabalho intelectual.»

Há unanimidade na detecção das causas que provocam este relativo fracasso do movimento. A principal dessas causas reside nos parcos recursos financeiros de que dispõem. Vejamos donde vêm esses recursos.

Além das quotizações dos respectivos aderentes, estes centros dispõem de subsídios provenientes do Estado e das autoridades municipais. Por exemplo, o «Théâtre de la Commune», dirigido por Carran, recebe as seguintes subvenções: Município — F. 372 003,00 (ou seja, à volta dos dois mil contos); Ministério da Cultura — F. 250 000,00 (à volta de mil e quinhentos contos); do Conselho Geral — F. 100 000,00 (à volta de 600 contos). Devemos acrescentar que, mesmo assim, em relação ao ano de 1967, este grupo teve um prejuízo da ordem dos 400 contos. Outro exemplo: o do «Théâtre Gérard Philippe»: Município — F. 530 000,00 (+ ou — 3000 contos); Conselho Geral — F. 150 000,00 (870 contos); MC — F. 60 000,00 (350 contos).

Estes números dão-nos uma ideia de grandeza que não corresponde inteiramente à realidade, pois as despesas provocadas pela actividade destes grupos são duma amplitude que ultrapassa as nossas escalas e exigiram uma comparticipação bastante maior.

Como foi dito, não se pode considerar totalmente positivo o balanço das actividades dos centros teatrais da periferia parisiense. No entanto, parece-nos excessivamente rigorosa e pessimista a análise que delas faz o organizador do volume a que nos temos estado a reportar: «Le Théâtre hors les Murs», de Philippe Madral. Para nós e para o nosso teatro, a existência de centros como estes poderia estimular a criação dum teatro actuante e, simultâneamente, duma cultura viva e aberta em que os portugueses pudessem encontrar-se.

DA «DECLARAÇÃO DE VILLEURBANNE»

Em Maio de 1968 reuniram-se em Villeurbanne (Théâtre de la Cité) os directores dos «Teatros Populares» e das «Casas de Cultura», que elaboraram uma importante Declaração em que são estudadas as razões do abismo existente entre a cultura, por um lado, e o Povo, pelo ou-

(Continua na pág. seguinte)

NOVIDADES LITERÁRIAS

O MUNDO DOS OUTROS, de José Gomes Ferreira
OBRAS DE JOSÉ GOMES FERREIRA — 3.ª edição, 240 págs., 45$00

O BARÃO, de Branquinho da Fonseca
com um estudo de DAVID MOURÃO FERREIRA
OBRAS DE BRANQUINHO DA FONSECA — 5.ª edição, 148 págs., 35$00

POEMAS COMPLETOS, de Manuel da Fonseca
com prefácio de MÁRIO DIONÍSIO
OBRAS DE MANUEL DA FONSECA — 3.ª edição, XXXIV + 176 págs., 45$00

CATARINA DE MÉDICIS, de Balzac
A COMÉDIA HUMANA — 460 págs., 50$00

PAPA JOÃO XXIII, de Ernesto Balducci
Colecção DOCUMENTOS HUMANOS — 394 págs., 65$00

PSICOLOGIA RECREATIVA, de C. Platonov
Colecção PSICOLOGIA E PEDAGOGIA — 440 págs., 60$00

A SEMENTE DO DIABO, de Ira Levin
Colecção CINEMA — 256 págs., 50$00

O PRÉMIO, de Irving Wallace
Colecção CONTEMPORÂNEA — 4.ª edição, 928 págs., 90$00

BRIGITTE E A ALEGRIA DO LAR, de Berthe Bernage
BIBLIOTECA DAS RAPARIGAS — 340 págs., 35$00

À VENDA NAS LIVRARIAS OU NA

Portugália Editora

amadeo de souza cardoso

AGORA NOSSO

DISPERSAMENTE, por vezes com recursos de circunstância, mas sempre como se a culpa de uma grande falta nos enchesse o espírito, tem prosseguido pelo País um conjunto de manifestações que procuram assinalar o cinquentenário da morte do pintor Amadeo de Sousa Cardoso. Está na vontade das pessoas atribuir a justa importância histórica tanto ao facto da morte, que se traduziu prematuramente em perda grave para o futuro da arte portuguesa, como a grandeza de um artista a quem ficámos a dever o ajustamento e o avanço dessa arte num período curto de verdadeira significação europeia. O Museu-Biblioteca Municipal de Amarante organizou uma série de realizações culturais com aquele fim, promovendo exposições, visitas guiadas e conferências em torno da obra do pintor, procurando reacender criticamente as coordenadas dessa obra e o significado incomum que elas assumem no quadro da nossa produção artística e da nossa cultura. Algumas Galerias, como a Alvarez, no Porto, e agora a Buchholz, em Lisboa, associaram-se, também, às manifestações em referências, realizando exposições com alguns quadros de Amadeu. Singelamente, por vezes, mas sempre com o mérito de referir o momento e despertar a atenção pública alguns jornais e revistas contribuíram, do mesmo modo, para a obrigação colectiva de estabelecer de novo, a justa homenagem ao maior pintor moderno português. Na Sociedade Nacional de Belas-Artes, à semelhança do que foi praticado por outros organismos, o crítico de arte e sociólogo dr. José Augusto-França proferiu uma conferência em que focou o enquadramento social, cultural e histórico de Amadeo de Sousa Cardoso, aí relacionando o desenvolvimento e a justificação da sua obra, tendo nesse trabalho a competência manifesta desde muito cedo ligada ao estudo e divulgação daquele autor.

Um precursor que o tempo distancia, sem obra exposta, acaba lendário, vago, inexistente. Em volta do nome de Amadeo, os anos criaram uma atmosfera de mistério; em volta da sua obra, uma zona de silêncio e de cegueira — e se de novo não morreu é porque esse Nome e essa Obra guardam uma força que pôde esperar.

Quarenta anos de espera não a distraíram. Atenta, como foi, à sua época, e divinatória da nossa, a obra de Amadeo é uma obra actual.

......

... Começamos todos, e a Pátria, também, a ter memória e entendimento. Não que tudo «se tenha tornado mais fácil, mais compreendido, mais compreensível» — oh, não! — mas esta obra truncada, dando para o lado de dentro anúncio de um futuro que, decerto, seria grande (perdido que fosse Portugal) — para o lado de fora, para o nosso lado, não é verdade que, mais do que qualquer outra, propõe uma esperança nos destinos da possível arte portuguesa do nosso tempo?

JOSÉ AUGUSTO-FRANÇA

Sousa Cardoso morreu há cinquenta anos, mais precisamente em 25 de Outubro de 1918, vítima da epidemia, a pneumónica. Nasceu em Manhufe, freguesia de Mancelos, do concelho de Amarante, em 14 de Novembro de 1887. Frequentou a Escola de Belas-Artes de Lisboa, com intenção de se integrar no curso de arquitectura, mas, em 1906, respondendo a um apelo de descoberta e de realização cultural mais profunda, parte para Paris. Aí se instala em Montparnasse e frequenta «ateliers» onde procura preparar-se para o concurso à Escola de Belas-Artes. Tendo desenvolvido, entretanto, um trabalho no domínio da caricatura, desiste do concurso e ingressa em algumas Academias livres, alugando, em 1908, um estúdio na Cité Falguière, onde privará com Modigliani. As suas relações incluem, pouco depois, por volta de 1910, nomes como Juan Gris, Max Jacob, Delaunay, Brancusi, Archipeno, Diego de Rivera, Modigliani e outros. Em 1911 expõe seis trabalhos no Salão dos Independentes, e, no seu novo «atelier» da Rue du Colonel Combes, apresenta alguns quadros em companhia de Modigliani. É de 1912 o album de vinte desenhos que publicou, prefaciado por Jérôme Doucet. Expõe, então, mais assiduamente, no XXVII Salão dos Independentes, no X Salão do Outono e na Galeria «Der Sturm», de Berlim. Em 1913 participa com oito quadros, em Nova York, na Exposição da «Armory Show». Em Julho desse mesmo ano, depois de ter exposto em Chicago e Boston, participa numa mostra colectiva da Galeria «Der Sturm». Volta ao Salão dos Independentes em 1914 mostrando, igualmente, no «London Salon» e em exposições colectivas em Munique, Hamburgo e Colónia, regressando, depois, a Manhufe, onde continua a pintar, integrando nesse trabalho uma ex-

(Continua na pág. seguinte)

Roger Vailland: soberania e jogo

(Continuação da 1.ª página)

fórmulas ocas, as burocracias poeirentas.

Contudo, a adesão de Vailland é de uma firmeza quase ingénua — e por isso comovedoramente bela. Durante anos, Vailland recusou-se a ver tudo o que pudesse alterar o que lhe parecia ser a linha justa. Há nesta cegueira voluntária, e tão pouco respeitadora dos factos, algo que nos aflige. Mas há também o vigor tonificante de uma decisão tomada — e Vailland sempre quis ser um desses «homens de aço» que ele sempre admirou.

Até que se deu a queda, a desilusão — o congresso. «Nunca mais colocarei o retrato de um homem nas paredes da minha casa» (1956). Vailland recupera agora uma lucidez que voluntàriamente suprimira. As suas análises políticas, se bem que esquemáticas, são de uma pertinência e de uma actualidade notáveis.

Embora total, a sua adesão foi sempre heterodoxa. Para ele, «a pobreza é um vício» e «a abundância é favorável ao desenvolvimento total do homem». Por conseguinte, «é preciso impor a opulência». E escrevia em 1944:

«O que sobretudo se não deve dizer é o que Gide escreve (*Journal*, Pléiade, p. 870): «Em face de certos ricos, como não sentir uma alma socialista?». Desconhecimento total da questão».

Ao situar a questão noutro ponto, Vailland dissipa o equívoco (como Eluard o havia feito em cartas à filha), mas tende para a heterodoxia. Ele concebera sempre a sociedade mais justa como aquele que se opõe ao tédio: «a actividade dos homens, quando não é inteiramente dominada pela luta para satisfazer as necessidades imediatas (...), aparece-me hoje como uma série de empreendimentos mais ou menos eficazes contra o tédio» (1958). E por isso acrescentava: «certa planificação é uma necessidade para as grandes indústrias e as nações industriais, mas deve ser mantida ao serviço da imaginação» (1963). Cinco anos depois, a imaginação quis o poder.

A ARTE

Jovem Vailland rondou o surrealismo. Descobriu então que «a arte não é o absoluto». Tal lição, nunca a esqueceu. Contudo, nunca desvalorizou a arte. A sua formação é predominantemente clássica. Os seus autores constantes são Diderot, Laclos, Saint-Just, Saint-Simon e Plutarco. Declara que não deve absolutamente nada a Malraux (a quem dedica algumas linhas venenosas), a Camus, a Sartre, a Saint-Exupéry, a René Char. Os gostos artísticos de Vailland são extremamente finos e inteligentes, mas há nele por vezes uma rejeição total do que lhe é estranho. Bataille, por exemplo. Demasiado místico para Vailland.

Mas nunca houve fanatismos nas suas predilecções. Sempre rejeitou as obras de arte encomendadas. Para Vailland, o artista está muito próximo do homem soberano. O artista serve-se (e serve) do inútil, do supérfluo. «Talvez o artista seja o único verdadeiro soberano ao recusar-se a servir, mesmo a si próprio. Cria objectos que não servem para nada, para ninguém, para ele muito menos. A sua obra não é nem sublimação, nem divertimento. Quando trabalha por encomenda, só é artista para além dela. Também não serve a arte; a arte é um conceito, não um senhor. Pode mesmo dizer-se que a sua actividade de artista é a afirmação nua da sua soberania, pela mediação de, através de, sobre, num material determinado» (1962).

Se a arte interessa a Vailland, é porque nela a soberania se estabelece.

A MULHER

O livro de Vailland é um livro de amor. De amor e de um erotismo violento e incessante. Passam ao longo dele, percorridos e pormenorizados, rostos e corpos de mulher — encontros, suplícios, êxtases.

Mas, para nós, a grande figura é Elizabeth («Salut à toi, l'amour de la vie»). Se toda a autobiografia exige uma enorme coragem e é um desafio à dignidade do leitor, uma autobiografia é um texto escrito que compensa pela qualidade da escrita a intimidade frágil do que nela se escreve. Mas Elizabeth, essa, vai ocupar as páginas deste livro em toda a audácia, ferocidade e pureza do seu imenso amor. Será ela quem diz: «entrei no amor de Roger como quem entra num convento». E Vailland observará que de tal modo ela se deu a ele, se transformou nele, adquiriu as suas rugas, a sua caligrafia, que é preciso libertá-la, impedir que ela se torne prisioneira, e faça dele, Roger, prisioneiro duma prisioneira, que é preciso restituí-la *escrevendo-a*. Ora, precisamente, o que em Elizabeth nos fascina e perturba é que ela está nestas páginas de Vailland, e quer estar nelas, não defendida como ele pela armadura de um estilo, mas exposta *na sua nudez não-escrita*.

Há no amor louco de Vailland por Elizabeth uma alegria que nos enleia. Vailrd faz de Elizabeth uma apaixonada livre.

Mas nessa liberdade que constitui o amor está incluída a escolha de ser escrava (ou escravo, porque tudo exige reciprocidade): «é sempre a liberdade ou o amor, e a liberdade é apenas a de procurar o amor que a destrói» (1945).

Mas o amor não é alienação: «O amor não deve ser alienação, nem de um no outro, nem mesmo reciprocamente (excepto, e então muito pelo contrário totalmente, no acto cerimonial), nem de um e outro ao amor comum. O nosso amor venceu porque em nenhum momento um quis obrigar o outro a desobedecer à sua própria lei» (1950).

O amor é sempre festa, *a festa* — rito, acto, iniciação, cerimónia, ordenação do delírio. Contudo, no tempo, na vida em comum, não há festa-reunião, há união. E o grande problema para Vailland é o de organizar no tempo uma sucessão rítmica de festas. Ou ainda: de evitar o desgaste, a degradação, o hábito. Vailland escolhe uma solução (e aproxima-nos aqui, demorada e febrilmente, de regiões incandescentes): quanto mais uma vida entre duas pessoas que se amam se organiza em comum, mais necessário se torna a *ritualização* do erotismo.

Ritual: escolher as leis para depois lhes obedecer, escolher as leis com a soberania de uma escolha para depois as transgredir como quem se aproxima de um limite. Ritual: escolher as regras do jogo. Vailland teve em Elizabeth a companheira justa. Em todos os momentos, de humilhação ou sordidez, de vício ou desordem, uma dignidade se eleva e se afirma — a de uma escolha soberana.

A MORAL

Vimos já como toda a vida e toda a obra de Vailland constituem uma esmagadora afirmação de vida. Como diz uma personagem de *Um homem só*: «Que vai ser agora da minha vida? Vou fazer como eles, acabar os meus estudos e depois ter um emprego, vou ter filhos, vou trabalhar para lhes arranjar uma situação e depois vou morrer, e nada se terá passado, e só isto se terá passado?... Vou recomeçar como o meu pai, como o meu avô? É absolutamente estúpido, é insuportável, é invivível, e nunca o aceitarei».

Respondendo ao questionário de Proust, Vailland dizia que o cúmulo da miséria é já nada desejar. Ele sempre acreditou na felicidade e o proclamou sem rodeios: «Quero dizer que acredito na alegria e na felicidade» (1944). «A política é uma técnica de felicidade dos homens em sociedade».

E dirá mais tarde: «a caça à felicidade é uma caça que exige uma terrível disciplina» (1950). Exige em primeiro lugar uma libertação: «O prazer recusa-se a quem o despreza; ele foge desde que pressente que será objecto de um remorso; ele exige um espírito livre».

Só assim se atinge a soberania. O que é ser soberano? É soberano aquele que cria as suas próprias leis, não em função de quaisquer *necessidades* imediatas, mas para exercer o seu *desejo* de as criar. E em *A Festa* uma personagem dirá: «É possível que — em diversas ocasiões — eu me tenha arriscado a ser preso ou a ser morto ou a ser torturado apenas para me provar a minha soberania sobre mim mesmo».

Soberano é aquele que escolhe o supérfluo, desprezando as razões de produtividade, lucro ou rendimento. É aquele que prefere a doçura de viver.

«Aos 70 anos, a mãe de meu pai recusava-se a sentar-se num sofá; encontrávamo-la sempre hirta numa cadeira de costas direitas e sem braços. Era a sua moral. Era-se duro na minha família, a dureza é o oposto da doçura». Mais adiante: «A doçura de viver é o contrário da economia». É a festa (ver Mauss, Caillois, Bataille), o excesso, a despesa, a alegria do supérfluo.

Será Vailland incoerente? Ele foi bem claro: «Luto por todos os homens, porque tenho um coração generoso e porque é absurdo que sejam os vegetarianos por natureza a comerem a carne por causa de velhos privilégios que estragam o mundo e o tornam inabitável. Mas recuso-me absolutamente a fazer de vegetariano por simpatia com aqueles que não podem comer carne».

Por isso Vailland recusa o puritanismo e o ascetismo. Para ele, a felicidade é agora. E o momento presente é irredutível ao passado e ao futuro. A arte é a escolha do presente na sua total singularidade. Também o amor. Quando era jovem, com Robert Daumal e Roger Gilbert-Lecomte, Vailland dirigiu uma revista: chamava-se *O Grande Jogo*.

EDUARDO PRADO COELHO

Amadeo de Souza Cardoso

(Continuação da pág. anterior)

periência e uma vontade criadora assinaláveis.

Em 1916, com o título «Abstraccionismo», inaugura, a 1 de Novembro, uma exposição individual, no Salão de Festas do Jardim Passos Manuel, no Porto. Repete essa exposição em Lisboa, na Liga Naval. Em 1917, é figura activa do Movimento Futurista Português. E, em 1918, quando muito havia a esperar ainda da sua capacidade e da força precursora do seu trabalho, morre, em Espinho, vítima da pneumónica.

... Essa obra do jovem português, analítica e de mero tentame individualista no particular sentido lírico, fora um dia revelada e apreciada separadamente, para mais tarde ser apresentada em conjunto nas duas exposições que realizara no Porto e em Lisboa, em 1916. Após o falecimento do artista, Jaris tomara conhecimento dessa obra seleccionada, admirando-a, aplaudindo-a e acarinhando-a como afirmação de surpresa.

DIOGO DE MACEDO

Não pretendemos mais, ao evocar Sousa Cardoso nestas páginas, que alinhar a nossa homenagem breve no plano das que já foram feitas e sincronizá-la com a da Galeria Buchholz, sobretudo por crermos que assim contribuímos para que algum público mais desatento beneficie de um contacto *físico* com certos momentos dessa obra excepcional, que integra a pintura portuguesa numa referência crítica e histórica europeia. E isto não deixa de comportar, também, o sentido da nossa culpa, pois Amadeu de Sousa Cardoso é, igualmente, para além da herança mal estimada que nos legou, um exemplo através do qual se pode montar o processo acusatório das nossas suficiências e das nossas lacunas, estabelecendo para hoje o alerta que não teve reconhecimento em 1916.

Desde a sua partida para Paris que Amadeu deixa de se confundir com o aventureiro da nossa procura desatenta e espantada, pois a breve trecho se refere no domínio de uma outra aventura, a da criação, mantida com lúcido equilíbrio e lograda no justo entendimento dos fenómenos artísticos então vividos.

Em Portugal, no nosso século, dois gritos de Poesia se ouviram: Mário de Sá Carneiro e Amadeo de Sousa Cardoso. Poesia das letras e Poesia das cores. Grito do verso que é arte precoce, e grito das cores que é a arte não precoce. Os dois modos da Poesia actuante em que o protagonista é o autor, e não ficção.

Ceifados ambos. A Mário de Sá Carneiro já não lhe era possível mais, senão o mal menor da grande obra que sucede e fica aquém, e é sempre quase o grito inicial da espontaneidade. Ela recusa a grande obra. A Amadeo de Sousa Cardoso é a vida que lhe recusa a grande obra por ele mesmo anunciada em grito de poeta mobilizado «cantor do dia a dia na alegria do mundo». «Amadeo de Sousa Cardoso é a primeira descoberta de Portugal no século XX», escreveu-se a tempo, em vida do pintor.

ALMADA NEGREIROS

Uma vida que talvez só seja trágica por ser breve e que muitos portugueses fizeram absurda, por só a entenderem tão tarde. Sousa Cardoso, no entanto, venceu os limites da nossa miopia cultural, do nosso regionalismo fechado e suficiente, alcançando, sobretudo, uma efectiva participação no seu tempo, assimilando, sem recusar o temperamento que o definia, as propostas que o rodeavam e que, não poucas vezes, ultrapassou decisivamente.

Os animadores

(Continuação da pág. anterior)

tro, e se definam os objectivos a que se devem propor aquelas associações culturais no sentido de eliminarem esse abismo. Entre os nomes que subscreviam essa Declaração salientamos: Barrault, Antoine Bourseiller, Chéreau, Jean Dasté, Debauche, Garran, Hubert Gignoux, Planchon, Retoré, Georges Wilson. Dela vamos transcrever algumas passagens significativas.

«Até há pouco, a cultura não era, em França, posta em causa pelos não cultivados a não ser sob a forma duma indiferença com a qual os cultivados, por sua vez, pouco se importavam (...). Sabemos agora, e já ninguém pode voltar a ignorá-lo, que o corte cultural é profundo, representando ao mesmo tempo um corte económico-social e um corte entre gerações. E nos dois casos — no plano que nos diz respeito —, a nossa própria atitude para com a cultura foi posta em questão da forma mais radical. Qualquer que seja a pureza das nossas intenções, essa atitude aparece com efeito a um número considerável dos nossos concidadãos como uma opção feita por privilegiados a favor duma cultura hereditária, particularista, quer dizer, muito simplesmente burguesa. Há dum lado, o *público*, o nosso público, pouco interessando que ele seja, segundo os casos, actual ou potencial (isto é, susceptível de ser actualizado ao preço de alguns esforços suplementares sobre o preço dos lugares ou sobre o orçamento publicitário); há, do outro, um «*não público*», uma imensidade humana composta por todos aqueles que não têm ainda nenhum acesso nem nenhuma hipótese de aceder pròximamente ao fenómeno cultural sob as formas de que aquele persiste em revestir-se na quase totalidade dos casos.

Paralelamente, existe um ensino oficial cada vez mais esclerosado, que já não abre nenhuma perspectiva de cultura, em nenhum sentido; e há um número crescente de jovens que recusam integrar-se numa sociedade tão pouco apta em dar-lhes a menor oportunidade de se transformarem, no seu seio, em autênticos adultos.

As nossas próprias funções impõem-nos, nesses dois planos, considerar-nos como responsáveis para com uma situação que certamente não desejamos, e que frequentemente denunciámos, mas cuja transformação nos incumbe, em todo o caso, empreender o mais cedo possível utilizando todos os meios compatíveis com a nossa missão.

Ora o primeiro desses meios, aquele que comanda todos os outros só depende de nós: a esse *impasse* radical em que se encontra hoje a cultura só uma atitude radical pode com efeito opor-se com possibilidades de ser bem sucedida. A concepção tradicional, de que fomos até aqui mais ou menos vítimas, é necessário fazer suceder, sem reservas e sem nuanças, pelo menos no princípio, uma concepção inteiramente diferente que não se refira

a priori a determinado conteúdo pré-existente, mas que espere apenas do encontro dos homens a definição progressiva dum conteúdo que aqueles possam *reconhecer*. Porque é agora perfeitamente claro que nenhuma definição da cultura será válida, em nenhuma acepção, senão pelo preço de parecer útil aos próprios interessados, quer dizer, na exacta medida em que o «não público» nela possa encontrar o instrumento de que necessita. E o que desde já podemos ter por garantido é que a cultura deverá fornecer-lhe — entre outras coisas — um meio de romper o seu actual isolamento, de sair de guetos, situando-se cada vez mais conscientemente no contexto social e histórico, libertando-se cada vez melhor das mistificações de toda a ordem que propendam a torná-lo *ele próprio* cúmplice das situações reais que lhe são impostas (...).

Eis por que nos recusamos deliberadamente qualquer concepção da cultura que faça desta o objecto duma simples transmissão. Não que tenhamos por nula, ou contestável em si, essa herança sem a qual talvez não estivéssemos em condições de operar sobre

John Arden (Vocês vivem como porcos)
encenado por Guy Rétoré

criação teatral e a acção cultural. Pois a primeira tem, sem dúvida, necessidade da segunda para poder dirigir-se cada vez mais de facto a essa colectividade humana a que visa; mas a segunda tem igualmente necessidade da primeira, na medida em que uma certa dramatização ou teatralização, não mistificadora, das contradições que dominam o homem pode favorecer consideràvelmente a consciência que nela é colhida no seio duma determinada sociedade.

Comprometemo-nos, pois, a manter em qualquer circunstância esse vínculo dialéctico entre a acção teatral (ou mais geralmente artística) e a acção cultural, a fim de que as suas exigências respectivas não deixem de mùtuamente se enriquecerem, até nas próprias contradições que não deixarão de surgir entre elas.

É esta a única base sobre a qual podemos de aqui para o futuro encarar a continuação dos nossos esforços. Mas subsiste o facto das modalidades de aplicação dessa orientação fundamental deverem ser definidas em ligação estreita com os próprios interessados, quer dizer: por um lado, com o pessoal das nossas respectivas associações e, por outro lado, com os diferentes sectores da população, o «não público» (através dos meios de tôda a ordem que, gradualmente, nos permitirão aceder até êle), os estudantes e o público já constituído.

A este grau de lucidez a que fomos forçados, sob a pressão dos sectores mais dinâmicos da colectividade, quem não considerará escandaloso que ao nível mesmo das nossas actividades ditas «culturais», a cultura, precisamente, não encontre o poder de contestação positiva que foi sempre o signo da sua vitalidade?

São os meios desse poder que em nome de todos é-nos necessário agora exigir, se não queremos ser forçados a trair, ou abandonar, a causa mesma que nos foi oficialmente confiada» (...).

CARLOS PORTO

o futuro do teatro
pertence àqueles que não o frequentam

GABRIEL GARRAN

são próprias, hoje, esta contestação radical: mas porque não podemos mais ignorar que, na grande maioria dos nossos contemporâneos, o acesso a esta herança passa por um acto de recuperação que, antes de mais nada, deve pô-los em condições de afrontar e de fazer, cada vez mais eficazmente, um mundo que, de qualquer maneira, não tem nenhuma possibilidade de se humanizar sem eles.

É com eles, para além do público que já conseguimos reunir, que os nossos diversos empreendimentos devem permitir-nos estabelecer relações, e essa urgência deve inflectir de maneira decisiva no conjunto da nossa acção. Se a palavra cultura pode ainda ser tomada a sério, é na medida em que implica a exigência duma intervenção efectiva que leve à modificação das relações actuais entre os homens e, por consequência, duma investigação activa empreendida pouco a pouco em direcção a todos: quer dizer, enfim, uma autêntica *acção cultural* (...).

Falar de *cultura activa* é falar de *criação permanente*, é invocar os próprios recursos duma arte que está incessantemente a fazer-se. E o teatro, a esse respeito, aparece desde logo como uma forma de expressão privilegiada entre todas as formas de expressão possíveis, na medida em que é uma obra humana colectiva proposta à colectividade dos homens.

Eis por que insistimos em afirmar, como princípio mesmo das nossas associações, a necessidade duma estreita correlação entre a

Uma possível viragem

(Continuação da 6.ª página)

lações do Mensageiro Alado, de Gonçalves Preto, que ainda não vimos, e o entusiasmante *Talvez Amanhã*, de António Damião.

Talvez Amanhã é *apenas* o inventário dos gestos de uma jovem num dia de Inverno, de uma jovem que vai enfrentar a vida, que vai começar a trabalhar no seu primeiro emprego. Um noticiário ouvido na rádio, algumas frases trocadas com uma amiga, um café tomado ao som estridente e banal de um *juke-box*, uma solitária ida ao cinema. E, principalmente, um andar a pé pelas ruas de Lisboa afogado na metafórica ameaça de uns ruídos de trânsito no limite do suportável. Depois, o silêncio que se faz à medida que progride um gelado anoitecer. Encontraremos a jovem percorrendo um livro no seu quarto. Subitamente um belo «travelling» a enquadrá-la em grande plano, os olhos fitando a câmara, o espectador. A trajectória quotidiana de uma fragilidade, de uma incerteza, de um medo.

É necessário ver este filme, um dos mais sérios e mais sóbrios que um estreante possa fazer. Para além da pobreza material que limitou a sua execução, para além desta ou daquela imperfeição ou incompletude (desejar-se-ia que o pequeno filme fosse apenas uma bobina de uma longa metragem em que o autor se pudesse exprimir à vontade).

A pergunta terá que ficar, por esta vez, em aberto: quando (e como) se transformará a «excepção» em «regra»? Será animador indício que, ao mesmo tempo, a *Cultura Filmes* tenha encomendado a A. P. de Vasconcelos e a João César Santos filmes sobre, respectivamente Lopes Graça e Sophia de Mello Breyner?

MANUEL MACHADO DA LUZ

O estilo é a alma

(Continuação da 6.ª página)

dirigir essas emoções. Ele tem todo o interesse em nunca forçar o actor a aceitar a sua interpretação, pois um actor não pode criar sentimentos verdadeiros sob comando.

O actor sincero começa a exprimir os seus sentimentos a partir da emoção interior que sente e não da expressão exterior. A emoção e a expressão são inseparáveis, formam uma unidade. Por vezes é possível mudar o curso ao processo e criar primeiro a expressão exacta, despertando assim a emoção correspondente. É mais fácil ilustrar isto com um exemplo. Imaginem um rapazinho zangado com a mãe e que se sente encolerizado. Ela procura provocar o seu sorriso e ele corresponde com um gesto de má vontade. Mas esse esforço é seguido de um grande e generoso sorriso. A cólera passou. O sorriso reagiu sobre os sentimentos que por sua vez, influenciaram a expressão exterior. Essa correlação pode ser por vezes utilizada por um realizador. Se um actor chora fàcilmente deve-se-lhe permitir soluçar sem esperar pela emoção.

Henrich Hein dizia que a música faz vibrar quando a palavra não o consegue fazer. Se ela for bem empregada, a música é capaz quer de suster quer de aprofundar um clima já preparado pela imagem e pelo diálogo. Se a música tem realmente um significado e um conteúdo artístico, ela é uma ajuda válida. Mas eu espero, e é para esse fim que devemos tender, que o futuro nos traga um grande número de situações dramáticas reais, situações que se exprimem pelos seus próprios meios e que não necessitarão da ajuda da música.

Carl-Th. Dreyer

MARCA

uma rosa
é uma rosa
é uma rosa...

rosa negra

para homem

um exclusivo triple marfel

Na rodagem de Talvez Amanhã: *inventário do quotidiano*

Uma possível viragem

por Manuel Machado da Luz

QUE É a curta-metragem portuguesa? A colecção de documentários «ananázicos e repolhómonos» a que Eurico da Costa se referiu, há anos, nas páginas da desaparecida *Imagem*? Já não será isso (embora ainda seja outras coisas do mesmo quilate...) e também, será algo de novo, mais sugerido do que efectivo uma possível e profunda viragem.

Porque tal viragem não se deu, apesar de tantos esforços, com o aparecimento dos realizadores que, em bloco, defendemos e que constituem o infelizmente ainda tão frágil «novo cinema» português (frágil em termos de uma continuidade sempre ameaçada, e não em termos de uma qualidade, que mais não espera do que a possibilidade de se afirmar plenamente). De facto, esses realizadores intentaram uma curta-metragem superior, técnica e artisticamente solvente, desembaraçada da retórica, do bilhete-postal, do comentário a explicar tudo, das musiquinhas à Galarza, que imperavam prepotentes quer se mostrassem belezas minhotas ou madeirenses, quer se descrevesse a fabricação de um qualquer produto. E muito foi conseguido. Mas não o essencial: a desvinculação dos objectivos publicitários — directos ou indirectos — em que se têm baseado tais empreendimentos. O que é lógico se se recordar que a curta-metragem continua a ser comercialmente não rentável num país em que os distribuidores a adquirem por uma quantia entre os cinco e os dez contos, e em que o seu custo, na melhor das hipóteses, isto é, na mais extrema penúria, é da ordem dos quarenta contos. Logo, a curta-metragem com alguma ambição só parece poder ser ou publicidade de prestígio ou obra de mecenato. Como os mecenas cinéfilos não abundam...

Esta a situação em que se tem debatido o «novo cinema», e cujos alarmantes resultados foram bem observados quando se projectaram em conjunto as suas principais curtas-metragens (no Porto, durante a *Semana do Novo Cinema Português*, em Lisboa, numa sessão das *Quinzenas do Bom Cinema*). Continuariam os realizadores a louvar, através de uma espessa sobrecarga de formalismos, as delícias da fabricação de cabos eléctricos, de maços de cigarros ou de chocolates? Poderiam, através disso, ascender a um nível superior de documentário e a uma verdadeira expressão pessoal? Não estariam a ser condicionados, deformados, por uma rotina que eram obrigados a aceitar por razões alimentares?

Claro que os resultados não permitem uma resposta simples. Fonseca Costa, por exemplo, não nos parece ter conseguido dar o sentido que se propunha ao antipático desígnio propagandístico que estava na base de *Regresso à Terra do Sol*, foi por ele vencido. Mas, em seguida, fez uma das mais belas, culturalmente sólidas e pessoais curtas-metragens de todo o cinema português: *A Cidade* (Évora, a «cidade», tem sorte: também já foi fulcro de uma outra obra maior do nosso documentarismo — *As Pedras e o Tempo*, de F. Lopes). O que se pode afirmar é que os únicos a lucrar verdadeiramente com semelhante jogo são os anunciantes: quantas cansativas vénias, em *Tapeçaria, uma Tradição que Revive*, de A. P. de Vasconcelos, aos artistas clientes da Manufactura de Portalegre em troca de uns preciosos planos sobre as suas operárias, da fixação carinhosa de umas mulheres trabalhando, de uns quantos pequenos e encantadores gestos, olhares, risadas; em troca de sabermos, inclusivamente, como se tece uma tapeçaria...

Onde descortinar, portanto, a possível e profunda viragem aludida? Uma viragem que terá de consistir na desvinculação da curta-metragem — de, pelo menos, uma parte da sua produção — de uns interesses que lhe são basicamente estranhos enquanto objecto artístico, veículo de expressão pessoal. O que, entre outras coisas, leva a que ela se constitua em campo de ensaio de realizadores estreantes, que não podem lançar-se directamente no filme de fundo.

A razão imediata destas linhas vem de nos ter sido possível avaliar concretamente em termos portugueses, da fecundidade de que se revestirá tal viragem a partir do momento em que se efectue, isto é, em que deixe de anunciar-se através de excepções de pequenos filmes independentes, só possíveis graças a uns sacrifícios que não podem continuar a acontecer ao nível do que se pretende seja uma profissão.

Havíamos tido, no plano documentário, *Os Habitantes daquela Casa*, de Ernesto de Oliveira; *Num Mar de Moliço*, de Alfredo Tropa; ou *Para um Álbum de Lisboa*, de Faria de Almeida. Agora, encaramos com exemplos de ficção totalmente independentes e produzidos com orçamentos mínimos. São *As Deambu-*

(Continua na 7.ª página)

António Damião: animador início

O ESTILO É A ALMA

Carl Th. Dreyer

CARL THEODOR DREYER (1889/1968), o autor de uma das obras-primas absolutas da história do cinema — A Paixão de Joana d'Arc —, será homenageado no próximo dia 2 de Março pelo ABC Cine-Clube de Lisboa, que na sala do cinema Império fará exibir, em antestreia, o filme «Ordet» (A Palavra) — considerado pela crítica internacional como das obras mais importantes do famoso cineasta dinamarquês. Ao publicarmos o texto «O estilo é a alma», em que Dreyer define as suas concepções da criação artística do cinema, associamo-nos à justa e oportuna homenagem promovida pelo ABC — iniciativa que se reveste de um significado cultural cujo alcance se torna necessário realçar desde já.

EXISTE UMA ESTREITA SEMELHANÇA entre uma obra de arte e um ser humano. Os dois possuem uma alma — que se manifesta no estilo e da qual o artista se serve para comunicar ao mundo a sua concepção do assunto tratado.

O estilo é essencial pois pode dar à inspiração uma forma artística. Através do estilo o criador funde os diversos elementos da sua obra e obriga o público a ver o assunto através dos seus próprios olhos. O estilo é inseparável da obra de arte, e num trabalho colectivo como o é um filme, a equipa não pode fazer uma obra de arte, a não ser que uma personalidade de artista se torne a força criadora determinante.

O motivo inicial da criação de um filme é o assunto. A partir do momento em que a base foi fixada, é dever do realizador dar um estilo ao filme, e, através desse estilo, dar-lhe uma alma. Só o realizador pode dar ao filme a sua verdadeira face. O filme sonoro tem de dar a primazia ao diálogo sobre os elementos visuais. Por vezes parece que os realizadores se esqueceram que o filme se dirige, antes de mais à vista e que a imagem penetra mais fàcilmente na consciência do espectador que o diálogo.

Em DIES IRAE eu tentei restaurar o elemento visual, mas ao mesmo tempo, tive que renunciar à utilização de cenas de grande beleza pictórica que não serviam à acção. A intensidade da luz dum plano tem enorme efeito emotivo sobre o espectador. Tendo-nos adaptado à época e à história de DIES IRAE o meu operador e eu resolvemos usar uma fotografia ligeiramente velada por tons negros e cinzentos. A vista prefere a ordem e a regularidade — e é muito importante que o efeito fotográfico seja harmonioso e continue assim, quando a câmara se encontra em movimento.

Além disso, a vista aceita aprazivelmente as linhas horizontais. Isto explica o motivo por que a vista segue com agrado as panorâmicas ás-eis e ritmadas. Pode-se obter um efeito dramático imediato através da introdução imprevista de linhas verticais. É por isso que na cena do filme Dies Irae, onde a velha é queimada como bruxa, a escada à qual ela está ligada se encontra colocada verticalmente antes de ser deitada no fogo.

Em todas as artes, o ser humano é o factor determinante: num drama filmado, nós queremos experimentar as reacções psíquicas dos seres humanos. Nós desejamos aproximar-mo-nos e penetrar no pensamento das pessoas que vemos no «écran». Queremos que o filme abra para nós uma porta sobre o domínio do inexplicável. Desejamos vencer não tanto a acção exterior, mas sim os conflitos psicológicos.

Os pontos culminantes do drama são muitas vezes momentos de silêncio.

Os homens dissimulam as suas emoções e impedem as suas faces de traduzir a tempestade que agita as suas almas. A tensão escondida só se manifesta no momento da catástrofe. A tensão latente e o medo que presidiam à vida quotidiana de Dinamarca do século XVII, foi o que eu quis pintar em Dies Irae. Alguns podem pensar que o assunto reclamava um desenvolvimento mais violento. Mas olhem à vossa volta e vejam como as maiores tragédias da vida são comuns e pouco dramáticas. É isso sem dúvida o mais trágico da tragédia!

Outros podem preferir uma realização mais realista, mas o realismo em si não é a arte: Só a verdade artística tem um valor, quer dizer a verdade extraída da vida real e purificada de todos os seus aspectos secundários. O que se passa no «écran» não é nem pode ser a realidade: O naturalismo não é arte.

É curioso notar que geralmente os actores se maquilham e que os operadores os iluminam de maneira a que sua caracterização não seja perceptível. O público aprecia a beleza do rosto em toda a sua nudez. Os actores devem ser escolhidos pela sua semelhança mental com o personagem que devem incarnar, de maneira que se possa ler o pensamento do homem pela expressão do seu rosto. Se as linhas características do seu rosto são atenuadas pela maquilhagem, o carácter do rosto perde-se. É lógico e compreensível que eu tenha realizado DIES IRAE sem maquilhagem, a natureza profunda do filme impõem essa verdadeira interpretação da natureza humana por actores sem caracterização falando de maneira natural.

A alma e o estilo: Preben Lerdorff Rye e Ove Rud em Ordet

A maquilhagem está para o rosto como a dicção para a linguagem. Pertencem os dois ao mundo da encenação. É uma vantagem para o actor de cinema quando pode manter a sua voz num nível natural e não ter de o mudar a não ser que o texto o exija. Cada palavra e cada frase são dessa forma pronunciadas correctamente.

Além disso não se devem empregar palavras inúteis.

A palavra é um dos elementos do cinema e não um fim em si.

O trabalho preponderante do realizador é a sua colaboração com o autor.

Ao contacto do diálogo do autor nascem as entoações dos actores. Pertence ao realizador provocar o

(Continua na 7.ª página)